

Marília Anselmo Viana da Silva Berzins

**VELHOS, CÃES E GATOS:
INTERPRETAÇÃO DE UMA RELAÇÃO**

**MESTRADO - GERONTOLOGIA
PUC/SÃO PAULO
2000**

Marília Anselmo Viana da Silva Berzins

VELHOS, CÃES E GATOS: INTERPRETAÇÃO DE UMA RELAÇÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Gerontologia sob a orientação da Prof^a. Doutora Elisabeth Frohlich Mercadante.

PUC/SÃO PAULO
2000

BANCA EXAMINADORA

Dedico esta pesquisa à memória do meu pai, *Francisco Anselmo da Silva*, pelo despertar e incentivo para seguir a trilha do conhecimento, possibilitando-me o acesso a maior herança que um pai pode deixar ao filho: a educação e a cultura.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dra. Elisabeth Frohlich Mercadante, pela orientação desta pesquisa e sobretudo pelo carinho, compreensão e aconchego em relação ao tema deste estudo, dispensando-me em todos os momentos a segurança e confiança necessárias e imprescindíveis para chegar até o final.

À Prof^a. Dra. Suzana Aparecida Rocha Medeiros, coordenadora e professora do curso de Pós-Graduação em Gerontologia, a quem eu admiro pelo seu compromisso de demonstrar que na velhice se sonha, e da experiência concreta de transformá-lo em realidade, ensinando-nos o sentido da magia da vida.

À Dra. Hannelore Fuchs, pessoa a quem "descobri" em 1997, quando "os bichos" ainda eram novidade para mim e por ter me incentivado na pesquisa do tema.

À Prof^a. Dra. Ruth G. da Costa Lopes, convidada da banca de qualificação, pelas sugestões, que me ajudaram na conclusão deste trabalho, e por sua tese de doutorado, em que por meio da aprendizagem nela contida, ensinou-me o "como fazer".

À direção do Centro de Controle de Zoonoses, por ter autorizado a realização da pesquisa na instituição.

Aos colegas da Divisão Técnica de Controle da Raiva do Centro de Controle de Zoonoses, em especial a Chefe de Divisão, Dra. Luciana Hardt Gomes, pelo apoio, cooperação e paciência que tiveram comigo no decorrer da pesquisa, concedendo-me as condições para a concretização dela.

Aos veterinários da Divisão, Arquimedes, Cristina, Dionísio, Haroldo, Leda, Necira, Solange, Telma e a bióloga Míriam, pessoas com as quais aprendi a trocar experiência numa área de conhecimento nova para mim.

À psicóloga e amiga Sueli Cândida Maciel Pelizário, colega de trabalho, cúmplice das minhas permanentes inquietações, acertos e erros na prática de um trabalho inédito e conflituoso.

Ao Dr. Pedro Melquizo, que muito gentilmente me contou a história da criação do Centro de Controle de Zoonoses.

Ao meu marido Reinaldo Berzins, companheiro, incentivador, suporte e dispensador do apoio afetivo incondicional nas inúmeras horas de produção intelectual e dedicação a esta dissertação.

A minha mãe e incentivadora Hilda Viana da Silva e a todos os demais queridos familiares que sempre me incentivaram e acreditaram que este trabalho um dia se concretizaria.

Aos colegas da primeira turma do curso de Gerontologia, em especial ao Pedro, Carlos, Mariuza, Cristina, Vânia, Marta, pela oportunidade do enriquecimento da pesquisa, da troca e pelo compartilhamento do saber.

Às depoentes, pessoas anônimas, mas que sem as quais eu não poderia prosseguir no caminho do "descobrimento" desta pesquisa.

Ao Vilson Moraes, amigo e colaborador na editoração do texto final desta dissertação.

Ao amigo Pedro Marivaldo, pela criteriosa e preciosa colaboração na revisão do texto.

À Cynthia Berzins pela colaboração na tradução do Resumo para o inglês.

A Eneida Bittencourt de Melo, bibliotecária do Centro de Controle de Zoonoses, que fez a revisão da referência bibliográfica.

A Deus, meu Pai celeste, que me tem dado o dom da vida, a saúde e tem suprimido todas as minhas necessidades. A Ele toda honra, glória e poder.

RESUMO

Esta dissertação procura desvelar e analisar o discurso simbólico de um grupo singular de idosos atendidos pelo Centro de Controle de Zoonoses da Prefeitura do Município de São Paulo. O objetivo é conhecer as interpretações que os depoentes dão a relação que eles estabeleceram com um número superior a dez animais (cães e/ou gatos) presentes nos seus domicílios e co-participantes de suas vidas. Utilizou-se a metodologia qualitativa, tendo como base o estudo das representações. A técnica escolhida e adotada foi a entrevista aberta, em que se abordou os diversos significados dados aos animais pelos idosos depoentes. Os depoimentos extraídos das entrevistas foram os elementos que nortearam e possibilitaram a investigação e compreensão dessa teia de significados. Teoricamente, este trabalho apóia-se numa abordagem multidisciplinar de estudos já realizados e que subsidiam o trabalho da investigação. O principal autor que subsidia a compreensão dos significados dados pelos idosos aos seus animais é Clifford Geertz, que sugere uma interpretação aberta deles. Foram observados múltiplos significados dados aos animais pelo grupo de idosos depoentes. Os significados estão diretamente relacionados com a perda dos contatos sociais que este grupo teve no decorrer de suas vidas e a conseqüente substituição pelos animais.

Descritores: simbologia do animal na velhice.

ABSTRACT

This paper unveils and analyzes the symbolic discourse of a singular group of senior citizens that have been taken care of by the Center for Control of Zoonoses of the city of São Paulo. The objective is to know the interpretations given by the elderly people about the relationship they have established with over 10 animals (dogs and/or cats) dwelling in their homes and being co-participants of their lives. A qualitative methodology based on the study of meanings was used. The chosen and adopted technique was the open-ended interview in which the several meanings given to the animals by the interviewee were talked over. The testimonies taken from the interviews are the elements that directed and made possible the investigation and comprehension of the meanings. Theoretically, this study is based on a multidisciplinary approach of previous studies that subsidy this research. The main author that subsidies the comprehension of the meanings given to the animals by the elderly people is Clifford Geertz who suggests an open interpretation of the meanings. Multiple meanings given to the animals by the elderly people were observed. The meanings are directly related with social contact losses that this group has had throughout their lives and consequently they had the need to substitute people for animals.

Key Words: Symbology of the animals for senior citizens

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
 CAPÍTULO 1	
1. Teoria	
1.1 Fundamentação Teórica	21
1.2 A Velhice e os Velhos Entrevistados	27
 CAPÍTULO 2	
2. Procedimentos da Metodologia	
2.1 Campo de Pesquisa	33
2.2 Setor de Vistoria Zoosanitária.....	43
2.3 Métodos e Técnicas de Pesquisa	46
 CAPÍTULO 3	
3. Análise Interpretativa	
3.1 - Análise histórica da relação homem–animal	54
3.2 - Benefícios advindos da relação homem–animal	61
3.3 - Análise Interpretativa dos significados do animal para os idosos entrevistados	66
 CAPÍTULO 4	
4. Fenomenologia do Cuidado e do Possível	134
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
 BIBLIOGRAFIA	152
 ANEXOS	
Lei 10.309	157

**VELHOS, CÃES E GATOS:
INTERPRETAÇÃO DE UMA RELAÇÃO**

O ROUXINOL

(Milton Nascimento)

Rouxinol

Tomou conta do meu viver.

Chegou quando procurei

razão para poder seguir

quando a música ia e quase eu fiquei

Quando a vida chorava

Mas que gritei

Pássaro deu a volta ao mundo

E brincava

Rouxinol me ensinou que é só não temer

Cantou

Se hospedou em mim.

Todos os pássaros, anjos,

dentro de nós,

uma harmonia

trazida pelos rouxinóis.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

"Sei tão pouco sobre pessoas velhas!"

"Vi uma velha bruxa. Olhei para a decrepita criatura e pensei: uma bruxa (...) Uma mulherzinha magra e curvada, o nariz quase encostado no queixo, roupas negras pesadas e empoeiradas, e uma coisa muita parecida com a touca que as mulheres usavam antigamente (...) Era o cheiro dela, um cheiro doce, azedo, empoeirado. Vi as linhas da sujeira no pescoço magro e velho, e nas mãos (...) A casa tinha um parapeito quebrado, degraus rachados e lascados (...) Entrei com ela, meu coração apertado, meu estômago contraído por causa do cheiro (...) Eu jamais vira nada igual a não ser no nosso Arquivo de Miséria (...) Um velho fogão a gás, engordurado e negro, uma pia de louça branca, rachada e amarela (...) O lugar todo cheirava, cheirava horrivelmente (...) E uma gata amarela no chão. Tudo muito sujo e encardido, sombrio e horrível (...) Acariciava a gata o tempo todo - minha belezinha... afinal, acorda com a gata ronronando e se esfregando em suas pernas." (Lessing, 1984, pp. 11, 13 e 102).

Introduzo esta dissertação com o texto acima e que está contido no livro "O Diário da Boa Vizinha", que Doris Lessing escreveu com o pseudônimo de Jane Somers. O livro descreve uma relação de conflito e amor entre ela, uma jornalista e uma velha senhora. Esta senhora chamava-se Maudie e tinha uma íntima relação de afeto com uma gata de estimação, sua única companhia até o momento em que Jane entrou em sua vida para ser uma Boa Vizinha.

Esta dissertação apresenta uma velhice muito semelhante à descrita nas primeiras linhas desta introdução e muito diferente daquela que está presente nos Grupos da Terceira Idade ou Faculdade da Terceira Idade, retratos atuais dos velhos brasileiros. "Mas se cada sujeito tem sua velhice singular, as velhices são incontáveis." (Goldfarb, 1998, p. 13).

A presente dissertação de mestrado fundamenta-se em uma perspectiva multidisciplinar e tem como proposta a análise de uma relação muito específica que se dá entre velhos e animais, no caso cães e gatos. O tema aqui estudado não se refere a relação dos velhos com o seu animal de estimação, mas do velho (a) com seus muitos cães e gatos, número superior a dez animais vivendo em seus domicílios e em condições irregulares. Essas condições são irregulares tanto para o velho quanto para os animais, uma vez que os animais não recebem o tratamento ideal e necessário. O grande número deles representa uma infração da lei municipal .

Sou Assistente Social há 17 anos. Minha prática profissional foi desenvolvida em diversas áreas de atuação e intervenção do Serviço Social. Tive a oportunidade de trabalhar com crianças (creche, internato), jovens, adolescentes, atuei em hospitais, posto de saúde, ambulatório para atendimento com pacientes com Aids e, por fim, no Hospital Municipal Dr. Ignácio Proença de Gouveia. Isso foi no ano de 1996, quando a cidade estava sob a administração do prefeito Paulo Maluf. No final de sua gestão, ele mudou o sistema de atendimento à saúde com a implantação do PAS - Plano de Atendimento à Saúde. Isso significou uma ruptura com o sistema vigente até aquele momento, fruto de uma conquista e de um processo iniciado na Constituição de 1988, comprometendo assim a implantação total do SUS (Sistema Único de Saúde) na capital.

O PAS foi o símbolo da propaganda do ex-prefeito para eleger o seu sucessor na Prefeitura. Esse plano foi oferecido como sendo uma revolução no sistema de saúde, prometendo à população a garantia do acesso aos serviços essenciais de saúde com qualidade e modernidade. Os movimentos de saúde da periferia da cidade, bem como as entidades médicas e os funcionários públicos da saúde, foram contrários a essa proposta. Com o PAS foram criadas cooperativas para gerirem os hospitais, postos de saúde, ambulatórios e demais unidades da Saúde. A Prefeitura repassava a verba e a responsabilidade da administração das Unidades de Saúde para o setor privado pelo sistema de cooperativas.

Os servidores municipais lotados nas diversas unidades da Saúde que não aderiram a nova forma de atendimento à saúde foram transferidos para outras secretarias da Prefeitura. Desde o início das discussões sobre a implantação do PAS posicionei-me contrária à proposta. Participei de todo o movimento de resistência até o momento em que não havendo mais possibilidades de alteração do processo e vendo a cada dia a implantação do sistema nas unidades vizinhas, fui transferida para o Centro de Controle de Zoonoses no mês de maio de 1996. No dia 13 de junho desse mesmo ano, o hospital onde trabalhava foi transformado em sistema de cooperativa, rompendo portanto com o sistema vigente até aquela data.

Acrescento que passados quase quatro anos da implantação do PAS ele é considerado hoje como falido. Não suportou os gastos, e a União não fez o repasse da verba pelo SUS (Sistema Único de Saúde). O PAS, considerado um sistema caro e sem o controle de gastos, foi substituído pelo SIMS - Sistema Integrado Municipal de Saúde, por Decreto Municipal, no mês de março de 1999. Este novo sistema tem como objetivo retomar o gerenciamento das unidades básicas de saúde para a administração da Prefeitura.

Foi um processo excessivamente doloroso minha saída do hospital. Fiquei bastante indignada com a ruptura do sistema, acarretando-me um desgaste muito grande. Minha transferência foi compulsória. Encontrei lugar para trabalhar no Centro de Controle de Zoonoses (C.C.Z), órgão vinculado ao Gabinete da Secretaria Municipal da Saúde.

O interesse pelo tema Idosos e Animais surgiu a partir da prática profissional no Centro. Isso ocorreu no mês de maio de 1996, quando fui transferida para aquela unidade. O C.C.Z. é o órgão responsável pelo controle na cidade de São Paulo das doenças que são transmitidas do animal para o homem e vice-versa. Chamo a atenção para a raiva, doença mais conhecida e grave dessas zoonoses.

Iniciei as atividades com pessoas idosas que eram denunciadas no setor de Vistoria Zoosanitária por um ou mais vizinhos por se sentirem incomodados por essas pessoas. As atividades da Vistoria Zoosanitária são reguladas pela Lei 10.309 de 22 de abril de 1987, data da criação do setor. Esta lei surgiu para atender às necessidades do serviço, uma vez que vários problemas eram insolúveis por falta de regulamentação, e tem como principal objetivo estabelecer normas para a convivência do cidadão com seus animais. O Artigo 29 da Lei diz:

"Não são permitidos, em residência particular, a criação, o alojamento e a manutenção de mais de 10 (dez) animais, no total das espécies canina ou felina, com idade superior a 90 dias."

À medida que comecei a realizar as visitas a esses idosos eu voltava com uma sensação de perplexidade e ao mesmo tempo de desafio. Eu acumulava quase 15 anos de atividade profissional e me julgava conhecedora de todas as variáveis humanas pertinentes ao campo de atuação do Serviço Social. Havia interferido em tantas situações novas, adversas, raras e outras formas de organização da vida social. Julgava então que não existia mais nada de novo para eu ver. Aliava-se a este meu estado o fato de estar extremamente frustrada com a maneira que se procedeu no decorrer da implantação do PAS no hospital onde trabalhava, uma luta pessoal contra o processo.

Minha experiência profissional contava pouco trabalho com pessoas idosas. As vezes que os atendi foi na área da saúde, por ocasião de internação nas clínicas médica ou cirúrgica dos hospitais onde atuei. Os pacientes recebiam alta, mas os familiares não iam ao hospital buscá-los. O trabalho do serviço social nessas situações era o de sensibilizar a família e ajudar no encaminhamento para as soluções. O "velho" que eu conhecia e atendia era extremamente frágil, doente, pobre e incapaz de exercer o seu direito de escolha.

Acrescenta-se a essa trajetória o fato de que os "velhos" da minha família não eram ainda evidentes. Meus pais, os "velhos mais próximos", não tinham tanta idade e eu não os enxergava nesse grupo etário. Eles eram os meus pais e não eram "os velhos". Avós, eu não os "tive". Morreram antes que eu pudesse conhecê-los. Portanto, a velhice estava distante da minha vida. Volto a citar a frase da introdução deste trabalho: "sei tão pouco sobre pessoas velhas!" E, na verdade, eu sabia pouco sobre elas.

No setor para onde fui designada havia uma expectativa quanto a chegada de uma assistente social. Sentia isso quando conversava com os cinco veterinários componentes da equipe sanitária que realizava as vistorias. Todos eles queixavam-se desses idosos, dizendo que não conseguiam resolver o problema que originava a denúncia. O setor percebeu que nos nove anos de vigência da lei existia um grupo de idosos para o qual a intimação e posterior multa não eram suficientes para a resolução do problema. Os veterinários referiam as dificuldades que tinham na abordagem com

aquelas pessoas idosas.

Comecei a me interessar e ler os expedientes para entender a problemática predominante. Com pouco tempo no setor, passei a receber os processos encaminhados pelos veterinários solicitando minha avaliação e intervenção. Alguns exemplos dos encaminhamentos feitos para o Serviço Social:

"Trata-se de pessoa idosa que se descontrola facilmente. Sugiro que a Assistente Social, tente diálogo com a intimada."

"Encaminhamos o presente expediente, sendo que a proprietária dos animais é idosa e de difícil trato e o problema com falta de higiene na criação de cães e gatos vem causando incômodo aos demais moradores."

"Sugiro que a Assistente Social vá ao local fazer uma visita devido ao fato da intimada ser idosa."

"Trata-se de uma pessoa doente, idosa e difícil de se conversar."

Não havia nenhuma assistente social trabalhando no setor. Fui a primeira e ainda continuo sendo a única. Portanto, faltava experiência anterior. Sem erros e também sem acertos. Tudo novo e tudo tão difícil e sem a experiência de alguém a quem pudesse recorrer. Foi então que fiquei sabendo do Nepe - Núcleo de Estudos e Pesquisa do Envelhecimento - da PUC de São Paulo. Fui até lá com o objetivo de buscar ajuda para intervir naquelas situações em que eu me encontrava. No Nepe tive a oportunidade e o prazer de conhecer a professora e doutora Suzana Aparecida Rocha Medeiros. Esse contato me explicitou algumas questões que dizem respeito ao segmento idoso e soube também da existência do curso de pós-graduação em Gerontologia da PUC-SP. Fui informada do funcionamento do curso e convidada a participar do processo de seleção para o Mestrado. Tive o privilégio e o prazer de participar da seleção da primeira turma do Mestrado em Gerontologia.

Fui aprovada para fazer o curso. Para entrar, a coordenadora do curso, professora Suzana, exigia uma proposta de estudo, um pré-projeto que apresentasse as questões, os objetivos e a problemática que eu gostaria de desenvolver.

Assim, comecei a refletir sobre quais os significados dos animais domésticos - gato e cachorro - para os idosos. Importante destacar meu interesse em estudar a relação que se estabelece entre o idoso e o animal doméstico, que, neste caso, não significa o animal de estimação, tendo em vista o número, a quantidade de gatos e cachorros com os quais esses idosos lidam. Ultrapassa a casa dos 10, chegando em alguns casos a mais de 50 animais.

Assustava-me ver tantos animais com as pessoas idosas. Inquietava-me mais ainda verificar a intensidade da relação que essas mesmas pessoas estabeleciam com todos aqueles animais. Com cada um dos animais são estabelecidas relações únicas, singulares e permeadas de profundo significado. Eu não compreendia as respostas que elas davam sobre os significados dos animais para elas. Respostas como "*eles são a razão da minha vida*" me assustavam muito. Imaginar o que isso queria dizer, provocava em mim uma grande inquietação. Quando eu me aprofundava na entrevista, verificava que isso era absoluta verdade. Aqueles idosos não tinham outra razão para viver, senão os animais. Ouvia, com certa freqüência, eles dizerem que os animais eram os "*filhos deles*" ou também respostas como "*os animais são melhores que os homens*" e mais forte ainda "*eles me fazem companhia*". Todas essas questões me fizeram e ainda fazem pensar nessa forma de envelhecer. Pessoas com escassos ou com ausência de laços afetivos humanos e sociais. Não há pessoas em suas vidas, somente animais.

Acrescento a esta reflexão, que me leva ao tema da pesquisa, o fato de que durante a infância mantive vínculos afetivos com animais, principalmente cães e gatos. Desde criança tive animais em casa. Fui ensinada a respeitar os animais como elementos integrantes da natureza. Por isso, mereciam respeito e cuidados. Eles ocupavam os espaços da casa como animais domésticos e de estimação. Eu e meus irmãos brincávamos com eles, dando-lhes nomes e carinho. No Centro de Controle de Zoonoses, com o passar do tempo e as experiências ali vividas, descobri que havia uma forma diferente de se relacionar com animais de estimação, diferente daquela que eu experimentava desde criança.

O relacionamento homem–animal é tão antigo quanto o aparecimento do

homem na face da Terra. Vários estudos têm sido realizados para classificar os efeitos benéficos dos animais sobre os seres humanos. Há ainda diversas pesquisas apontando benefícios, inclusive físicos, em especial para a pessoa idosa que se relaciona com animais de estimação.

Mas não era sob esse aspecto que eu encontrava os idosos denunciados pelos seus vizinhos. Este grupo de idosos se compõe na sua maioria de mulheres - solteiras ou viúvas. Elas não tiveram filhos. Residem sozinhas em casa própria ou cedida por terceiros. Consta-se a ausência de vínculos afetivos de família e, muitas vezes, faltam até mesmo esses familiares. Há ainda, na condição delas, fatos como o de elas não se relacionarem com os vizinhos e seus imóveis se encontrarem em péssimo estado de conservação, higiene e limpeza.

Essas são algumas das variáveis do problema sobre o qual estou me debruçando nesta pesquisa. Assim, é a procura dos significados que estes "velhos" dão aos seus animais de estimação que busco interpretar.

"Entretanto, qualquer que seja o nível que se atua, e por mais intrincado que seja, o princípio orientador é o mesmo: as sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas."

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. TEORIA

Neste capítulo, procuro explicitar os fundamentos teóricos que sustentam os meus passos no estudo das interpretações e que norteiam os passos da investigação.

1.1 Fundamentação Teórica

A ação de olhar é um ato de estudar a si próprio, a realidade, o grupo, à luz da teoria que nos inspira, pois sempre só vejo o que já sei.
Jean Piaget

Na ação de perguntar sobre o que vemos é que rompemos com as insuficiências desse saber e assim podemos voltar para a teoria para ampliar nosso pensamento e nosso olhar.
Weffort

Um dos autores que fundamentam teoricamente este trabalho é Geertz, C. em seu texto "*Para uma Descrição Densa*". Procuro interpretar os significados que os idosos dão aos seus animais por meio dos seus próprios discursos, que são permeados pelo código cultural. Essas interpretações não se esgotam em si mesmas, mas elas constituem elementos para outras que poderão surgir. Aí está a maior riqueza que a teoria proposta nos subsidia.

Geertz, preocupado com uma redefinição da noção de cultura, avalia criticamente 11 noções, chamando a atenção para uma que seja operacional. Assim sendo, propõe uma noção que interprete o conjunto simbólico. Na verdade ele quer analisar o trânsito cultural dos símbolos de uma dada cultura. Sustenta-se Geertz em Weber, afirmando que o homem é um animal amarrado às teias de significados tecidos por ele mesmo. A cultura seria o conjunto dessas teias e, assim, caberia a antropologia o estudo delas. Este conceito de cultura - interpretar significados - é entendido como sendo um conceito semiótico.

Considero essa perspectiva proposta por Geertz muito rica e ampliadora das possibilidades de descoberta de novos significados. Ao afirmar isto, certamente estou refletindo sobre o tema desta dissertação/interpretação de uma relação de "velhos e seus

bichos", questão singular e inusitada que acredito somente numa perspectiva aberta de interpretação dos significados possa ser clareada.

Voltando à fundamentação teórica sobre as propostas de Geertz, vê-se que este autor objetiva descobrir e interpretar e não esgotar sua explicação em teorias já concebidas fechadas e que explicam a relação entre velhos e seus muitos bichos, classificando-os sujeitos como carentes emocionais ou os bichos como seus objetos transicionais.

Assim, na literatura psicológica temos a Dra. Nise da Silveira, fundadora do Museu do Inconsciente e uma das primeiras profissionais a utilizar, no Brasil, animais como co-terapeutas em pacientes com transtornos mentais. Ela expressa o seguinte:

"Parece-me merecer observação atenta a maneira como se processa o relacionamento do homem (doente ou não) com o animal. Este relacionamento reflete a problemática entre o homem, que se esforça para firmar-se na condição humana, e o animal existente nele próprio. Relacionamento difícil, de luta, sacrifício, confronto, amizade, desenvolvido ordinariamente numa trama complexa de projeções e identificações." (Silveira, 1982, p. 87).

Ela continua, conceituando os animais como excelentes catalisadores não humanos. O cão, segundo a autora, reúne qualidades que o fazem muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Ele nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria. Já o gato, tem um modo de amar diferente pois é discreto e esquivo.

Não refuto essas avaliações psicológicas, mas acredito que elas são insuficientes para explicar um ser tão múltiplo e complexo como é o homem. Este homem não é somente um ser psicológico, é também ao mesmo tempo cultural, social e biológico. Quando digo ao mesmo tempo refiro-me novamente a Geertz, que chama a atenção para o nosso pensamento que estratifica em níveis cultural, psicológico e biológico, como se o segundo fosse mais profundo que o primeiro e o terceiro que o segundo. Geertz reconhece o psicológico, o cultural e o social, mas como dimensões que se articulam e não níveis de estratificação .

Preocupam-me muito o reducionismo e os métodos de classificação, pois eles podem cometer injustiças. Desta forma, no decorrer das considerações posteriores dos sujeitos desta pesquisa, os leitores poderiam ir classificando estes sujeitos como patológicos ou procurar enquadrá-los numa psicopatologia, principalmente por causa da singularidade que esta realidade apresenta. Não é este o meu objetivo e torna-se necessário destituir das classificações preexistentes o que diz respeito a estes sujeitos idosos.

Como já disse, o grupo de idosos constante nesta pesquisa pode parecer num primeiro momento que é caracterizado por uma psicopatologia. Gilberto Velho nos diz que:

"tradicionalmente, o indivíduo desviante tem sido encarado a partir de uma perspectiva médica preocupada em distinguir o "são" do "não-são" ou do "insano". (Velho, 1983 p. 12).

O objetivo desta classificação seria então de diagnosticar o mal e tratá-lo, localizando o problema somente no indivíduo. Esta é uma postura reducionista que a teoria proposta por Geertz refuta por não considerar a vida sociocultural do indivíduo.

Num estudo quantitativo publicado recentemente nos Estados Unidos sobre pessoas que têm um grande número de animais, elas foram denominadas como "coleccionadores de animais" e sua definição consiste no seguinte:

"É alguém que acumula um grande número de animais, sem proporcionar condições mínimas de nutrição, limpeza e cuidados veterinários, e falha na ação sobre a deteriorização das condições dos animais (incluindo doença, fome e até a morte) ou do ambiente (superpopulação, precaríssimas condições sanitárias) ou os efeitos negativos e prejudiciais a sua própria saúde e bem-estar, como também aos seus familiares." (Patronek, 1999, p. 81).

Esta definição coincide com as características dos sujeitos constantes nesta pesquisa. Entretanto, o estudo mencionado classifica e enquadra os "coleccionadores de animais" como sendo dementes e portadores de uma doença mental. Não podemos nos esquecer de que o homem é um complexo dinâmico de idéias, forças e possibilidades.

E de acordo com as suas motivações e relações de vida e suas mudanças, ele pode fazer de si mesmo um fenômeno diferenciado e claramente definido. Esta relativa autonomia de sua vida é nutrida numa fonte comum de sua energia e que é difícil de classificar. Portanto, partir do princípio de que todos os Colecionadores de Animais são patológicos é negar a particularidade do ser humano e o meio social onde ele está inserido.

Uma interpretação como a proposta por Geertz percebe os símbolos como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis. Assim, estudar a cultura e, nosso caso específico, as interpretações que os idosos criam para explicar suas relações com os animais é tentar compreender os símbolos no sentido de que eles possam ser descritos de forma inteligível.

Segundo Geertz:

"A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar e não a descoberta do continente dos significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea". (Geertz, C., 1973, p. 30).

E continua afirmando que o propósito de uma análise interpretativa permite o alongamento do discurso humano:

" O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles". (Geertz, C., 1973, p. 24)..

Encontramos ainda na mitologia primitiva uma outra interpretação para o relacionamento com os animais. Eles, assim como os caçadores, foram os primeiros inspiradores da mitologia. Estabelecia-se uma relação de respeito, reverência, submissão e também inspiração. Quando um homem queria poder e conhecimento, dirigia-se à floresta, jejuava e orava e um animal vinha ensiná-lo. Hoje, conforme diz Campbell:

"Os mensageiros animais, enviados pelo Poder Invisível, já não servem como nos tempos primevos, para ensinar e guiar a humanidade. Ursos, leões, elefantes, cabritos e gazelas estão nas jaulas dos zoológicos. O homem não é mais o recém-chegado a um mundo de planícies e florestas inexploradas, e nossos vizinhos mais próximos não são as bestas selvagens, mas outros seres humanos, lutando por

bens e espaço, num planeta que gira sem cessar ao redor da bola de fogo de uma estrela. Nem em corpo nem em alma habitamos o mundo daquelas rochas caçadoras do milênio paleolítico, a cujas vidas e caminhos de vida, no entanto, devemos a própria forma dos nossos corpos e a estrutura das nossas mentes. Lembranças de suas mensagens animais devem estar adormecidas, de algum modo em nós, pois ameaçam despertar e se agitam quando nos aventuramos em regiões inexploradas. Elas despertam com o terror do trovão. E voltam a despertar, com uma sensação de reconhecimento, quando entramos numa daquelas grandes cavernas pintadas. Qualquer que tenha sido a escuridão interior em que os xamãs daquelas cavernas mergulharam, em seus transe, algo semelhante deve estar adormecido em nós, e nos visita à noite, no sono". (Campbell, J., 1990, p. 73).

Quando o animal era abatido procediam-se rituais de pacificação e agradecimento a ele. Isso se dava porque o animal era o fornecedor de alimentos e conseqüentemente permitia a continuidade da vida.

Acreditava-se que o animal possuía poderes que o ser humano não tinha. Os xamãs freqüentemente mantinham um animal consigo, ou seja, o espírito de alguma espécie animal, que lhe daria sustentação e o guiaria. Desde o seu início os animais sempre acompanharam a história do xamanismo. Cabia ao xamã pedir conselhos aos animais e esses animais passavam a ser um modelo para sua vida. Acreditava-se que o animal dava a energia vital, a força e a sabedoria. Na caverna de Trois Frères (França, 25.000 a. C.) foram encontradas pinturas rupestres nas quais se pode ver um xamã vestido com a pele e a cabeça de um cervo, a cauda do animal passando entre as suas pernas, comprovando assim a comunhão entre o homem e o animal.

Já Françoise Dolto, psicanalista contemporânea, define a relação homem-animal como sendo projeção:

"É porque o ser humano também tem algo dos mamíferos. Diz respeito ao domínio do homem sobre os animais. Os animais de companhia são objetos transicionais, não entre o sujeito humano e uma pessoa exterior, mas o sujeito humano e uma parte de si mesmo, a parte não verbalizável de seus afetos. E dentro dele, o animal desempenha o papel dele em pequeno como um adulto, adulto que o protegia... ou que o explorava. E ele é assim como seu animal de estimação, que ele educa e cujas pulsões recalca, como as suas foram recalçadas. O animal que ele educa e adentra para ser animal exibicionista é como ele mesmo o foi, guardadas as devidas proporções, pela educação que recebeu". (Dolto, 1998, p. 338)

A teoria que também fundamenta a pesquisa está pautada na complexidade proposta por Edgar Morin, cujos princípios nos sugerem a deixar de ver o mundo como fomos condicionados a vê-lo, agir diferente, procurando causar uma transformação profunda nas relações humanas: mais respeito, ética e solidariedade.

Este estudo procura também analisar o estigma social que este grupo específico tem na comunidade onde mora e habita. O velho em questão, além do aspecto da idade e do aspecto físico, que o caracterizam como "velho", é também o "diferente" na rua e bairro onde mora.

Os velhos aqui apresentados evidenciam atributos que os tornam diferentes das outras pessoas. Eles se diferenciam pela idade, presente na aparência física, pelas condições péssimas da sua moradia, pela falta de higiene com que tratam seus animais e suas casas, pelo odor desagradável que exala das dependências de suas casas, pelo isolamento social no qual vivem e sobretudo pelo grande número de animais que possuem. Este conjunto de variáveis é muito forte para os outros a tal ponto que há um rompimento com o estigma informal já que eles são "denunciados" no serviço público municipal à espera de providências.

Goffmann nos lembra que o termo estigma se originou do grego e se referia a "sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava" (Goffmann, 1975, p. 11). Estes mesmos sinais avisavam - aos outros - que o portador deveria ser evitado, especialmente em lugares públicos.

Hoje, o termo se refere a um atributo profundamente depreciativo no qual se confirma a normalidade de um e a anormalidade do outro. São duas contraposições, em que os que são diferentes dos normais constituem uma categoria com identidade diferente e depreciativa. Assim, o estigma surge como um produto da relação social.

Falar da velhice é sem dúvida alguma falar de estigma. Falar de velho com

animais domésticos e de estimação reforça-se mais ainda este estigma.

Nas situações práticas que intervenho no dia-a-dia vejo constantemente estes sinais. Num dos casos atendidos a senhora, que é proprietária de animais (pombas, galo e galinhas), não deixa ninguém entrar em sua casa. Ela mora em um prédio de apartamentos e quitinetes. O prédio foi pintado e era necessário entrar em sua casa para fazer a pintura externa e o acabamento. Como ela não permitiu a entrada dos pintores, eles fizeram um X de tinta no lado externo de sua janela. Este sinal identifica para todos os moradores e demais pessoas que passam pelo local que ali mora um "diferente".

Outra situação semelhante: num prédio na região central da cidade. Um senhor, proprietário de cachorros e gatos, que é visto como uma pessoa não muito sociável e amigável pelos seus vizinhos do prédio. Tudo o que acontece de ruim no prédio é atribuído a ele, pelos outros moradores, como sendo de sua responsabilidade. Observa-se que na parede onde está instalada sua campainha há um círculo maior que o botão e, um pouco acima, uma seta indicando a palavra "danger" (perigo). Um aviso para quem atrever-se a tocar a campainha: poderá estar mexendo com o perigo. É um sinal, o "velho" que ali mora é perigoso ao convívio social. Aproximar-se daquele apartamento ou dele é aproximar-se do perigo, do desprezível e daquele que não obedece as normas de convivência social. Torna-se necessário reafirmar que o ser velho é a marca que se dá pela visão do outro, estigmatizado no sentido de depreciá-lo, porque ele "é velho, velho sujo e com bichos".

1.2 A Velhice e os Velhos Entrevistados

Minha compreensão filosófica sobre a velhice orienta-se em Simone de Beauvoir, uma vez que suas idéias coincidem plenamente com a velhice que encontro nesta pesquisa e que se apresenta como uma totalidade complexa, não apenas do ponto de vista de um grupo de pessoas maiores de 60 anos, mas como sujeitos

biopsicossociais e também seres culturais.

É a própria Simone de Beauvoir no seu estudo sobre a velhice que assim a resume e a reflete:

"É um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta conseqüências psicológicas: determinadas condutas, que são consideradas típicas da idade avançada. Tem uma dimensão existencial como todas as situações humanas: modifica a relação do homem no tempo e, portanto, seu relacionamento com o mundo e a própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: seu estatuto lhe é imposto na velhice, como em todas as idades, pela sociedade a que pertence. A complexidade da questão é devida à estreita interdependência desses pontos de vista. Sabe-se, hoje em dia, que considerar isoladamente os dados fisiológicos e os fatos psicológicos constitui uma abstração: eles são interdependentes. O que denominamos vida psíquica de um indivíduo só pode ser compreendida à luz de uma situação existencial; também esta, portanto, tem repercussões no organismo e vice-versa: o relacionamento com o tempo é sentido de maneiras diferentes, segundo esteja o corpo mais ou menos alquebrado. Finalmente, a sociedade determina o lugar e o papel do velho, levando em conta suas idiossincrasias individuais: sua importância, sua experiência, reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade a seu respeito. De modo que uma descrição analítica dos diversos aspectos da velhice não pode ser suficiente: cada um deles reage sobre todos os outros e é por ele afetado. É no movimento indefinido desta circularidade que temos de apreendê-la." (Beauvoir, 1990, p. 156)

Ao apresentar a questão da velhice quero também destacar que diante da complexidade que ela encena, fica claro que ao analisarmos não é possível entendê-la como algo homogêneo, como uma situação que pudéssemos generalizar para todos os sujeitos classificados como velhos.

A própria concepção da velhice, que estabelece relações entre o biológico, o social, o psicológico, o cultural e o existencial na medida em que sugere várias combinações desses elementos, aponta também para uma diversidade, uma heterogeneidade de vivência desse processo de envelhecimento.

Cabe aqui uma pausa para discutirmos um pouco sobre o termo "pessoa idosa". Messy aponta esta expressão como anônima, pois:

"Designa uma categoria social, no sentido de uma corporação que agrupa os indivíduos que pertencem à mesma profissão, assim como o nome de um país serve de raiz para designar seus habitantes. Infelizmente esta composição de palavras faz desaparecer o sujeito com sua história pessoal, suas particularidades, seu caráter. A 'pessoa idosa' vira um habitante da velhice." (Messy, p. 18, 1992).

Deste ponto de vista, a pessoa idosa não existe pois ela é apenas um termo social que não tem existência humana. Ela é uma categoria sem vida. O mesmo autor nos diz que "envelhecemos conforme vivemos" e que a velhice aparece quando acontece uma ruptura brutal do equilíbrio entre perdas e aquisições. Assim, tais raciocínios nos levam a concluir que os velhos apresentados nesta pesquisa estão sim velhos pois houve uma ruptura com a vida, com a esperança e com a expectativa de vida. Eles se relacionam com animais em detrimento do relacionamento humano.

Os velhos(as) que fazem parte do universo desta pesquisa são maiores de 60 anos e apresentam características muito peculiares de organização de vida. São indivíduos dos quais o que ressalta é o ato de serem sozinhos e solitários. Faço aqui uma diferença entre o ser sozinho e ser solitário. Embora os termos possam ser muito semelhantes, identifico algumas diferenças. O ser humano tem necessidade do outro. Fomos feitos para nos comunicarmos uns com os outros. Há solidão quando não há contato físico, emocional, psíquico, afetivo ou sensorial. Sozinho não é apenas estar desacompanhado de outro ser humano. Estar sozinho é um modo de ser, é a experiência de uma vida no isolamento das relações, é a ausência de um movimento interno em direção ao outro, não se sentindo digno de estar no meio dos outros seres ou mesmo de outros seres não serem dignos da sua companhia. Ser sozinho é o fruto de uma solidão interior refletida na ausência do outro e que recusa contatos de um outro interlocutor que o ouça, o aceite ou o negue.

Solitário é aquele que mesmo vivendo num espaço comunitário (casa, rua, bairro, cidade) e habitado por seres humanos não se relaciona com seus pares, continuando a viver sozinho, abandonado por todos.

Este grupo de pessoas escolheu os animais para serem seus companheiros de

vida. Eles são seus companheiros inseparáveis e que suprem as necessidades de afeto, amor, carinho e companhia, elementos indispensáveis à sobrevivência humana.

Estou chamando a atenção para esses idosos, um grupo diferente, como já relatei na introdução deste trabalho, pelo fato de eles serem peculiares. Além do estigma social da velhice que pesa sobre seus ombros, acrescentam-se outros como serem "*esquisitos*", "*diferentes*", mas muito diferentes no sentido da marca diferencial não ser um fator positivo, que faça com que sejam respeitados na sua diferença, mas serem desprezados, denunciados como "*velho estranho*", "*velha esquisita*", "*velha cachorreira*", "*velha gateira*" ou "*velha bruxa*". Se a diferença respeitada pode incluir o sujeito na comunidade, estas marcas diferenciais dos nossos entrevistados são claramente excludentes.

Esses velhos também sabem o que significa ser velho. Sabem que são percebidos assim pela alteridade. Negam, porém, que sejam velhos, pois não se sentem incapacitados fisicamente, como veremos nas várias falas dos entrevistados - em outros momentos deste trabalho .

Quero aqui refletir a respeito das dificuldades que tive e que tenho em classificá-los em termos sociais-etários. Assim, seriam eles velhos, idosos ou terceira idade. Entendo que todos esses termos têm uma história, entendo ainda que a assim definida "terceira idade" se apresenta como uma categoria que nega a identidade de velho como declinante, inútil, improdutivo. Ao pensar sobre eles não consigo enxergá-los como terceira idade, pois a criação dessa denominação tem muito a ver com uma luta política, social, levada a efeito por grupos ativos de idosos com bandeiras próprias de luta.

Claro está que eles - os entrevistados - negam a velhice. Assim, não se sentem velhos, portanto sabem que ser velho é "*só o outro*" e que são denominados como velhos pelos outros. Diferentemente do grupo "terceira idade", os entrevistados não se articulam com outros do próprio segmento, vivem sozinhos, sem contato com vizinhos, parentes e muito menos com amigos. A fraqueza desses indivíduos é o não

desenvolvimento de vínculos sociais com outros seres humanos.

Dessa forma, o estigma "velho" absorve esses indivíduos, e é ressaltado com todas as suas cores e formas em uma linguagem metafórica. Em outros termos, a marca velho, com todas as suas características negativas e generalizadoras, classifica esses indivíduos, negando-lhes qualquer possibilidade de defesa, no sentido de negar as marcas, a grande classificação pejorativa.

Se até o presente momento chamamos a atenção para a força da alteridade em relação a classificar esses indivíduos, não os consideramos totalmente como passivos, como vítimas de uma força externa, de um movimento que vem só do outro lado, da alteridade. Claramente, há por parte dessas pessoas um movimento - um presente nas suas diversas histórias de vida - de negação do contato social que se agrava com a idade, com o passar do tempo. Esse movimento de negação de convívio social com seres humanos será analisado no decorrer desta dissertação. Também é neste trabalho que analiso a relação desses indivíduos com os animais - gatos e cachorros -, substituindo ou não os vínculos humanos.

O título dessa dissertação, "**Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação**", é fruto de um processo de reflexão. Inicialmente o título era: "O Idoso e o Animal de Estimação: interpretação de uma relação." Com o desenvolvimento da pesquisa, o título inicial proposto foi provocando em mim uma inquietação e desconforto. Eu concluía que ele não dava conta para explicar a singularidade da problemática envolvida na pesquisa. Quem tivesse acesso ao título da pesquisa poderia entender que eu estaria descrevendo uma relação estabelecida positivamente entre as pessoas idosas maiores de 60 anos e seus animais de estimação. Não é só isso que analiso nesta pesquisa. Vou muito além. Analiso pessoas idosas que têm nos animais, exclusivamente, a razão de suas vidas. Ou seja, a relação é muito mais profunda e forte. É mais que apego. São relações únicas e pessoais estabelecidas com animais (nesta pesquisa, cães e gatos). Quando então nomeio, "velhos, cães e gatos", estou apontando estes elementos numa mesma situação que considero singular de relacionamento. As diferenças que surgem entre "velhos, cães e gatos" estarei descrevendo melhor nos

capítulos seguintes.

2. PROCEDIMENTOS DA METODOLOGIA

Neste capítulo apresento a instituição onde foi realizada a pesquisa e em especial o Setor de Vistoria Zoonosária. Apresento ainda os métodos e técnicas da pesquisa.

2.1 - Campo de Pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida no Centro de Controle de Zoonoses (C.C.Z.) da Prefeitura do Município de São Paulo, especificamente na Divisão Técnica de Controle da Raiva, no setor de Vistoria Zoonosária. Objetivando uma melhor compreensão do tema e suas implicações, conto um pouco da história da instituição, uma vez que a natureza dela está diretamente relacionada ao conteúdo desta pesquisa.

O Centro de Controle de Zoonoses é uma instituição pública municipal, localizado na rua Santa Eulália, 86 - Santana, com estrutura física e personalidade jurídica legalmente estabelecida, vinculado ao Gabinete da Secretaria Municipal da Saúde.

No município de São Paulo, o C.C.Z. é o órgão responsável pela execução de ações visando ao controle de populações animais, bem como a prevenção e controle de Zoonoses, conforme a Lei Municipal nº 10.309 de 22 de abril de 1987.

Zoonose, conforme definição da Organização Panamericana de Saúde é:

" Uma infección e una enfermedad infecciosa transmisible en condiciones naturales, entre los animales vertebrados y el hombre. " (ACHA, Pedro, 1986).

Até o presente, são conhecidas mais de 150 doenças infecciosas ou parasitárias que podem ser transmitidas do animal para o homem (World Health - The Magazine of the World Health Organization, 1998). Alguns exemplos de zoonoses com relevância para a saúde pública: toxoplasmose, larva migrans cutânea e visceral, febre da arranhadura do gato, diarreias causadas por salmonella, leptospirose, brucelose, tuberculose de animais, teníase e cisticercose.

O Centro de Controle de Zoonoses foi criado no dia 3 de abril de 1973, pelo Decreto nº 10.435. Este decreto foi baixado com o objetivo de unificar dois serviços já existentes no Município: o Serviço de Prevenção à Raiva e o Serviço de Controle de Roedores e Vetores. No Artigo 1º desse decreto, Parágrafo Único, das atribuições assim nos diz o item II:

"Controle da população animal, em áreas urbana e suburbana, com a finalidade da erradicação de moléstias de que ela é portadora ou transmissora".

O Serviço de Prevenção à Raiva já existia desde o dia 14 de dezembro de 1968. São Paulo é uma cidade que se desenvolveu a partir da década de 30 com a industrialização. Seu desenvolvimento foi muito rápido e de uma forma desordenada. A população de animais domésticos acompanhou esse crescimento desordenado. A partir da década de 40, a transmissão da raiva do cão para o homem passou a ser uma preocupação crescente das autoridades sanitárias em São Paulo e conseqüentemente no Brasil.

A raiva é uma das mais antigas e graves zoonoses. Ela acomete várias espécies de animais mamíferos e acidentalmente atinge o homem também. É uma doença que ocorre desde a Antigüidade. Em documentos datados do século 23 a .C. já constam o seu aparecimento. O primeiro surto de raiva na história da humanidade data de 1126, registrado na Grã-Bretanha. As ações de controle da raiva se iniciaram na Inglaterra a partir de 1750, quando foi preconizada a eliminação de cães errantes nas cidades e povoados. Foi somente em 1881 que Louis Pasteur publicou os primeiros resultados das suas pesquisas de tal forma que evoluiu para obter o primeiro tipo de vacina contra a raiva para uso humano. Por suas conseqüências seríssimas e por seu caráter incurável, a raiva, principalmente a transmitida pelo cão e gato em áreas urbanas, sempre preocupou a humanidade e tornou-se um problema de saúde pública dos países em desenvolvimento.

A raiva pode ser transmitida pela saliva de animais raivosos e também através da arranhadura e lambadura do animal doente. Na espécie humana apresenta-se

após o período de incubação, que varia de doze dias a mais de dois anos. De início, as manifestações se apresentam com alterações de comportamento muito tênues que chegam a passar despercebidas. Sobrevêm momentos de angústia, inquietações que se acentuam progressivamente, atingindo a fase em que ocorre impossibilidade de repouso ou de períodos de sono. Seguem-se alterações de sensibilidade, com hiperestesia referida no local contaminado para se difundir por todo o corpo, causando pronunciado incômodo ao doente. Na fase seguinte, excitação. Desenvolvem-se ansiedade intensa, hidro, foto e aerofobia, resultantes de espasmos musculares dolorosos nas regiões laringo-faríngea, ocular e respiratória.

A doença é caracterizada por momentos de lucidez, em que a consciência permanece preservada, alterando-se com período de inconsciência. Em seguida, ocorrem quadros de paralisia ascendentes e progressivos que culminam com o comprometimento da musculatura respiratória, sobrevivendo a morte, após um período sintomatológico de dois a seis dias.

No cão a doença se manifesta com alterações de comportamento. Ele esconde-se, fica desatento, tem aumento de temperatura, dilatação das pupilas, na fase inicial. Depois, apresenta angústia, inquietude, excitação, agressividade, latido rouco, dificuldade de alimentar-se. Fica sem coordenação motora, passa a ter convulsão, paralisia e, por fim, a morte.

O ápice da doença na cidade de São Paulo ocorreu na década de 60 com o crescente número de vítimas humanas. Para se ter uma idéia do descontrole da doença, em 1965, foram registrados 1.408 casos de raiva animal. Neste mesmo ano, ocorreram 22 óbitos de raiva humana na cidade.

O C.C.Z. desenvolveu suas atividades objetivando controlar a raiva no seu período mais crítico. A cidade de São Paulo tem hoje cerca de 10 milhões de habitantes. O último caso de raiva humana ocorrido no município de São Paulo foi em 1981 e o de canina, em 1983. A doença hoje está controlada. Os serviços prestados pelo C.C.Z. são mundialmente reconhecidos. Ele é "Centro Colaborador para

Treinamento e Pesquisa no Controle de Zoonoses", desde 1994, pela Organização Mundial de Saúde. Desde 1984, é credenciado pelo Ministério da Saúde como "Centro Colaborador para Treinamento e Pesquisa no Controle de Zoonoses". Todos estes títulos foram conseguidos em virtude dos serviços prestados pela equipe técnica, administrativa e operacional do C.C.Z.

Além da Divisão Técnica de Controle da Raiva, o C.C.Z. tem três outras divisões: a Divisão do Laboratório, que se responsabiliza pelo diagnóstico das zoonoses e desenvolve projetos de pesquisa voltados para as zoonoses de interesse em saúde pública, a Divisão Técnica de Roedores e Vetores, que tem a responsabilidade de controlar as zoonoses provocadas pelos roedores, especialmente a leptospirose, a dos insetos vetores e animais peçonhentos, e a identificação e classificação de invertebrados e morcegos. Por fim, a Divisão Técnica de Coordenação e Avaliação, que responde pelo planejamento estratégico das atividades do Centro, promovendo o subsídio aos programas existentes através de treinamento, cursos de formação e programas de educação.

O Centro de Controle de Zoonoses é certamente uma das instituições públicas que carrega um significado muito negativo perante a população paulistana. Os munícipes desconhecem ou ignoram a função de saúde pública e a associa apenas à carrocinha. A instituição está associada à morte, ao sacrifício de animais e ao mesmo tempo à maldade e crueldade humanas. Se por um lado o C.C.Z. é nos níveis nacional e internacional reconhecido como eficiente no desenvolvimento do papel de vigilância sanitária e controle das zoonoses, por outro lado ela paga um preço muito alto por isto. O não reconhecimento de sua importância e necessidade faz parecer, para uma parcela da população, que aquela defensora dos animais é uma instituição maléfica. Ao mesmo tempo em que o C.C.Z. controla a raiva e outras zoonoses, ele é o agente provocador do sentimento da raiva nas pessoas pouco esclarecidas que gostam de animais.

Este estigma de "morte" e maldade é muito presente na prática cotidiana. É comum os funcionários que fazem a apreensão dos animais nas ruas ou em domicílios - os "laçadores" ou "agentes de zoonoses" - serem insultados pela população, ameaçados,

apedrejados e muitas vezes agredidos fisicamente. Sofrem um verdadeiro bombardeio verbal. *"Por que vocês não prendem bandidos em vez de pegar cachorros inocentes?"* É o tipo de pergunta que os funcionários ouvem com frequência.

A instituição recebe constantemente cartas de pessoas manifestando o horror que sentem por ela. Estes manifestos se dão principalmente quando são veiculadas reportagens sobre o serviço de apreensão dos animais. Percebe-se nestes documentos o desconhecimento pelo serviço e sobretudo a revolta que as pessoas sentem pelo trabalho da *"tão famigerada carrocinha"*, como é popularmente conhecido o veículo de apreensão dos animais. Recentemente foi publicado na revista Capricho uma reportagem incentivando a adoção de cachorros abandonados no C.C.Z. Uma estudante de 23 anos escreveu uma carta endereçada à instituição manifestando o seu protesto pela atuação da carrocinha. Eis alguns trechos da sua carta:

"Fiquei impressionada com tanta maldade. O caminho que vocês encontraram para garantir a segurança da população é muito cruel, eu realmente desconhecia que poderia haver pessoas e métodos tão maquiavélicos para se livrar de uma animal, que apesar de ser um animal é um ser vivo e merece respeito.

Eu queria aproveitar e perguntar para os veterinários do C.C.Z. se os 6 anos que eles passaram dentro de uma universidade só se resume nisso, se foi só isso que eles conseguiram aprender dentro da universidade.

As pessoas subestimam a inteligência e os sentimentos desses animais, não acreditando que a única coisa que vocês aprenderam fazer foi escolher quem vai morrer, quem vai viver, se ele é bonito, se ele é feio. Muitas e muitas vezes eles são bem melhores que muitos desses mesmos cidadãos que vocês aí dizem proteger.

Se vocês querem mesmo proteger os bons cidadãos deveriam começar providenciando uma dessas câmaras de sacrifício bem grande, mais bem grande mesmo, que eu tenho certeza que quando ela estiver bem cheia de pessoas que roubam e matam, sem dó nem piedade, aí sim a população vai estar protegida. E aí sim vocês

poderão ser mais úteis à sociedade."

Mais adiante em sua carta, composta de quatro folhas, ela declara guerra aos laçadores, referindo-se a eles como "*homens horrorosos e sem coração que prendem cachorros*". E continua dizendo que "*doentes são eles (os laçadores), doentes do coração*".

A revolta cresce e deposita sua esperança no seguinte:

"E eu espero de coração que eles lacem seus próprios pescoços, e morram sufocados nos seus próprios pescoços, e morram sufocados nos seus próprios laços e que todo dinheiro que eles ganharem com esse trabalho sujo seja gasto numa cama de hospital e na farmácia com remédio, e que toda noite quando forem dormir, os gritos dos cães que eles capturaram façam barulho de tal maneira que nunca mais eles conseguirão dormir em paz".

Esta estudante termina sua carta escrevendo numa folha em letras bem grandes o seguinte desabafo: "*Que todos tenham uma vida cheia de doenças, de terror, de sofrimento. Guerra pra vocês. E que Deus proteja os cães.*"

As correspondências são geralmente de cunho agressivo e acusador. Uma outra pessoa assim se manifestou:

"Ora, como se não bastasse isso, temos o campo de concentração mais aceito nos últimos tempos, a famosa CARROCINHA. Que apelido mais mimoso para algo tão desumano e desastroso. Creio que Deus deve fechar os olhos para não ver tanta aberração."

A instituição é freqüentemente associada a um campo de concentração e à prisão.

Assim a pessoa continua a dizer:

"... Não importa se choram a noite toda por estarem aos montes e de qualquer maneira em jaulas como se fossem criminosos, o que importa é que choram, um choro triste, uma melodia deprimente que pode durar até três dias, pois este é o prazo de vida concedido para aquele que é tirado de sua liberdade e que não tem um dono para ir buscá-lo."

Uma criança de nove anos teve sua cadela apreendida pela "carrocinha" e mandou uma carta para o diretor pedindo para que sua cadela, Joice, fosse libertada. Ela se apresenta e diz que seu *"coração já esta partido, sangrando por dentro, já não tenho mais lágrimas pra chorar... pela falta da Joice"*.

Ela continua dizendo:

"... Não vou querer viver sem a minha Joice", que é sua "amiga, não existe melhor amigo que o animal... eu não vou conseguir viver sem ver minha Joice". E prossegue lamentando "meu cachorro foi para a cadeia no dia ..."

São sentimentos e valores de vida e morte, amor e ódio, prisão e liberdade que permeiam a ação dos serviços prestados pela instituição.

Por outro lado, relato minha entrada no serviço do C.C.Z. Observo que antes da transferência para o Centro, trabalhava na Secretaria de Saúde da Prefeitura de São Paulo, em hospital geral. Quando fui transferida tive um período de adaptação que confesso ainda não estar encerrado. Eu não conhecia até aquele momento as atividades que o C.C.Z. desenvolvia e tampouco o que eram zoonoses. Trabalhar como Assistente Social num local desconhecido foi o primeiro desafio, principalmente num setor onde não havia registro profissional dessa área, portanto, sem registro de experiência anterior.

Outro desafio foi me acostumar com ruídos que não faziam parte da minha experiência profissional. Eu estava acostumada a ouvir choro de crianças, na clínica pediátrica do hospital onde trabalhava, motivados pela dor e incômodos provocados

pela doença. Trabalhar a cem metros dos canis onde os animais ficam aguardando os três dias para voltarem para casa com seus donos ou serem sacrificados foi uma dificuldade. Ouvir durante uma boa parte do dia o latido de uma grande quantidade de animais abandonados e candidatos ao sacrifício foi um processo difícil e doloroso.

Outro grande desafio dentre tantos outros foi o de trabalhar com pessoas de uma área que até aquele momento para mim era estranha: veterinário e biólogo. Estes dois profissionais compõem quase que exclusivamente o quadro técnico do C.C.Z. Além deles, o Centro conta com educadores, psicólogo e assistente social, que trabalham no setor de recursos humanos e setor de planejamento. Eu sempre trabalhei com assistentes sociais, psicólogos, médicos, enfermeiros, farmacêuticos e demais profissionais das relações humanas. Trabalhar com profissionais com os quais não tive qualquer contato antes foi difícil. Dominar e entender conhecimentos de áreas não relacionadas com o ser humano foi um duro aprendizado. Este aprendizado se deu nos dois sentidos. Para eles, especialmente os veterinários, também foi no mínimo estranho acostumar-se com um discurso teórico e prático sobre o ser humano. Lembro que a instituição cuida sobretudo de animais.

O veterinário é o profissional formado para cuidar de animais. Segundo o Guia de Profissões da Unesp a "Medicina Veterinária continua a se ocupar da prevenção e cura de enfermidades de animais domésticos e das doenças que eles podem transmitir ao homem" (Unesp, 1999).

O Setor de Vistoria Zoosanitária se compõe de um grupo composto por cinco veterinários . O profissional, quando da realização da vistoria, entra em contato com uma realidade sócioeconômica para a qual ele não foi formado.

Ele se defronta com a realidade social que o nosso município oferece na sua maior diversidade. Ele encontra pobreza, miséria, exclusão social, velhice, favelas, cortiços, pensões, moradores de rua e outra quantidade de problemas.

Nos contatos com veterinários do setor de Vistoria Zoosanitária, assim eles

se expressam com respeito a natureza do trabalho:

“... Tem outro lado que é o social. Aquela pessoa que te ouve, uma pessoa normal, só que não tem como mudar. São pessoas que moram sozinhas, ganham pouco e que não conseguem manter o local limpo, os animais presos como se exige, vacinados, com assistência veterinária e que até cuidam bem da maneira como consegue.” E prossegue:

"O problema maior é quando você percebe que não vai resolver o problema, pois ele não é apenas do veterinário, pois precisa-se de um assistente social, de um psicólogo ou até de outro profissional, ou mesmo uma autoridade. Porque não adianta o veterinário ir lá e conversar com as pessoas pois não é um problema de medicina veterinária e sim um problema humano, é um problema social. "

Esta veterinária assim define as funções do veterinário no setor de Vistoria Zoosanitária:

"O trabalho da medicina veterinária é com o animal. É ver se o animal está saudável, se ele tem alojamento adequado para ser abrigado do sol, se tem água à disposição, se ele está bem alimentado, se ele tem o mínimo da vacina anti-rábica que a Prefeitura exige e ainda se o animal não tem acesso a rua para que ele não agrida as pessoas e também não ser agredido e atropelado. Acho que isso é o que seria o trabalho do veterinário, ver se ele (o animal) tem espaço, se a pessoa tem condições de ter o animal sem incomodar as outras pessoas, sem ter nenhum problema de saúde pública. Até aí é do veterinário, quando passa disso, acho que deveria ser outro profissional ou então de uma equipe."

Ao fazer essas considerações sobre a instituição e sua especificidade estou querendo chamar a atenção para a complexidade que a envolve e o quanto é necessário uma reflexão permanente das ações que são desenvolvidas nela. Atualmente o corpo técnico e operacional da Divisão de Controle da Raiva tem procurado implantar em suas ações a transdisciplinaridade e procurado construir a prática de tal forma que

haja intercâmbio entre as disciplinas envolvidas nas questões complexas do relacionamento homem–animal.

2.2 O SETOR DE VISTORIA ZOOSANITÁRIA

O Serviço de Vistoria Zoosanitária faz parte da Divisão de Controle da Raiva do Centro de Controle de Zoonoses. Esse serviço tem por objetivo principal atender as solicitações, comunicações e/ou denúncias relacionadas à presença de populações animais em zona urbana, sejam animais domésticos, sinatropicos (são aqueles que se adaptaram a uma vida junto ao homem, como por exemplo: rato, pombo, morcego, barata, mosca, mosquito, pulga, carrapato, formiga, escorpião, etc.) ou outros, com a função de controlar essas populações, evitando que de alguma forma venham a causar incômodos ou colocar em risco a saúde da população humana e, ainda, evitar que esses animais sejam de qualquer modo submetidos a situações que lhes inflijam sofrimentos desnecessários e/ou maus-tratos.

Toda a ação do setor está regulamentada pela Lei 10.309 de 22 de abril de 1987, data da criação do setor. A lei foi criada como parte do Programa de Controle da Raiva no município de São Paulo, fruto de um trabalho conjunto da equipe técnica do C.C.Z. Ela veio atender a uma necessidade do serviço, uma vez que vários problemas continuavam insolúveis pela falta de regulamentação. A equipe dos técnicos do C.C.Z. sentia a carência de uma legislação que lhe desse respaldo para uma ação sanitária mais enérgica sobre maus proprietários de animais domésticos que se recusavam a acatar orientações sanitárias.

As ações visam a controlar as populações de animais existentes no município de São Paulo e a administrar os problemas decorrentes da convivência entre os animais e a população humana. As espécies envolvidas são muitas: silvestres, domésticos, sinantrópicos, de abate, etc.

Essa convivência pode promover o agravamento das condições de saúde da população, a começar pelo incômodo com falta de higiene e mau cheiro. Pode ocorrer ainda a agressão física causada por animais de índole agressiva - domésticos ou silvestres.

Do início de suas atividades até hoje a maioria das solicitações de vistoria foi requisitada por municípios. No ano de 1999, realizei uma pesquisa por amostragem para identificar o perfil das pessoas que solicitam os serviços do setor de Vistoria Zoosanitária. As mulheres representam 74% das pessoas que solicitam o serviço, evidenciando serem elas as que se envolvem mais com os incômodos provocados pelos animais. Observei que 68% das solicitações referem-se a pessoas que residem na mesma rua onde mora o denunciado e o restante (32%), em endereços diferentes. Tais endereços diferentes são geralmente de ruas do mesmo bairro, próximas ao domicílio que apresenta o problema. Quanto a faixa etária do denunciante, 54% compreende as pessoas que têm de 26 a 45 anos, vindo em seguida as pessoas que têm de 46 a 65 anos, representando 24%, o que possibilita definir o perfil do denunciante como sendo mulher na faixa etária dos 26 aos 45 anos e vizinha do problema gerador da denúncia.

Observa-se que em 1992, após cinco anos de vigor da lei, a maioria das solicitações (51%) provinha de três das dez Administrações Regionais de Saúde (Centro, Freguesia do Ó e Santo Amaro). O Centro é a região da cidade que abriga um grande número de apartamentos e habitações coletivas e também é um dos distritos onde se tem um maior adensamento da população idosa do município.

O cão sempre foi a espécie mais envolvida nas denúncias. No ano de 1999, ele representou 68% das solicitações, vindo em seguida gatos com 8%. O gato ocupou esta segunda colocação a partir do ano de 1993. As espécies que se envolvem no restante das solicitações são: aves, suínos, eqüídeos e bovinos.

Ao longo dos anos de implantação do setor, a vistoria tem representado um importante canal de denúncias e reivindicações à disposição da população de São Paulo na busca de solução para os problemas causados por diferentes espécies animais.

No período de janeiro a dezembro/99, o setor de vistoria recebeu 2.886 novas solicitações. Deste total, 2.792 (96,7%) referiram-se a solicitações dos municípios para atendimento em domicílio, o restante foi para terrenos e estabelecimentos comerciais. Isso confirma uma demanda própria da população. É o vizinho que está

incomodado.

O município de São Paulo é distribuído na área de saúde por dez Administrações Regionais de Saúde (ARS). A ARS da Freguesia do Ó representa 22% da origem das denúncias, vindo a seguir o Centro (17%) e Santo Amaro (13%).

A equipe técnica do setor é composta por cinco veterinários, que fazem diariamente as vistorias nos endereços dos denunciados. A vistoria é realizada no próprio local e tem como objetivo principal verificar se a denúncia é procedente ou não.

Quando a denúncia é procedente, o veterinário orienta a pessoa a tomar as providências necessárias para sanar o problema. Em alguns casos o munícipe é intimado formalmente a tomar as providências, sendo-lhe dado um prazo para isso. Findo o prazo, o veterinário retorna ao domicílio. Se as providências solicitadas por ocasião da intimação foram atendidas, o caso é arquivado e o assunto encerrado.

Quando a intimação não é cumprida, o munícipe pode ser multado. A multa inicial é de R\$ 46,56 (quarenta e seis reais e cinquenta e seis centavos), o que corresponde a uma UFM (Unidade Fiscal do Município). Dependendo da situação, o valor pode ser mais alto. Na reincidência do problema a multa vai sendo dobrada.

O trabalho do serviço social e da psicologia se desenvolve principalmente com aquelas pessoas que receberam a intimação ou foram multadas mas continuaram causando problemas.

Este grupo compõe-se na sua maioria por pessoas idosas. Orientação, intimação e multas não resolviam o problema. São pessoas que precisam de atendimento individual e muitas vezes de encaminhamentos.

2.3 Métodos e Técnicas de Pesquisa

A tarefa do conhecimento científico consiste na "ordenação racional da realidade empírica", ou seja: não se trata de reproduzir em idéias uma ordem objetiva já dada, mas de atribuir uma ordem a aspectos selecionados daquilo que se apresenta à experiência como uma multiplicidade infinita de fenômenos.
Gabriel Cohn

O procedimento metodológico que apresento a seguir foi elaborado para atender as especificidades do problema proposto inicialmente.

Realizar uma pesquisa qualitativa numa área de conhecimento do qual os trabalhos científicos produzidos são raros requer do pesquisador uma série de cuidados e um esforço muito grande para evitar que a pesquisa não seja reduzida ao empirismo. Torna-se necessário reunir todos os esforços para que ela não se resuma a apenas um relato de experiência sem que lhe seja dado o formato técnico-científico e metodológico. Com a tomada desses procedimentos poderemos então construir uma base teórica para que o problema estudado construa um novo saber. Estudar a problemática de um grupo singular de idosos a partir da experiência profissional requer a atenção e o cuidado do pesquisador para que ele não perca a objetividade e ao mesmo tempo formule indagações que devam ser respondidas à luz da fundamentação teórica.

Esclareço inicialmente que o conceito de metodologia adotado nesta pesquisa é este:

"Ao contrário da maneira de ver normativa, porém, a metodologia seria a reflexão sobre o caminho ou caminhos seguidos pelo cientista em seu trabalho, nas diversas fases da proposição da pesquisa e de sua realização, em lugar de estar orientada por normas ou valores ideais, estaria orientada pela própria práxis, pela ação do cientista sobre a realidade". (Queiroz, 1991, p. 27)

Fundamentaram e influenciaram minha opção metodológica as seguintes autoras: Eunice R. Durham, Guita G. Debert, Alba Zahar e Maria Isaura P. de Queiroz. Juntas, as autoras me nortearam e dirigiram-me pelo caminho que percorri para

alcançar os fins estabelecidos no início desta pesquisa.

O recurso utilizado para recolher dos entrevistados os significados dados aos animais foi o uso de suas memórias e lembranças. O trabalho da memória é sempre interpretativo e as lembranças evocadas são reconstruções de fragmentos. A memória tece estes fragmentos e os traz ao presente. Lembramos também que a memória é seletiva e quando ela é organizada há uma interpretação da história de vida dada pelo próprio sujeito.

A pesquisa se desenvolveu no município de São Paulo, área da abrangência geográfica da administração pública municipal. Ela se deu junto a um grupo de sete pessoas maiores de 60 anos que foram denunciadas no Centro de Controle de Zoonoses, órgão público da Secretaria Municipal da Saúde. A denúncia foi recebida pelo setor de comunicação, através do telefone, e posteriormente encaminhada para o setor de Vistoria Zoonosária da Divisão Técnica do Controle da Raiva, obedecendo o fluxo da instituição.

A escolha deste grupo foi feita respeitando-se o critério da idade conforme proposto acima e ainda o número superior de dez animais presentes no domicílio quando da entrevista. Escolhi um grupo de sete pessoas que estão sendo atendidas pelo Serviço Social e Psicologia da Divisão de Controle da Raiva. Lembro que essas pessoas foram encaminhadas para atendimento pelo Serviço Social e Psicologia devido a dificuldades encontradas pelo veterinário que atendeu inicialmente a reclamação para encaminhar a solução do problema apresentado. Quero ressaltar ainda que a denúncia foi considerada procedente pelo veterinário que realizou a visita.

Dos sete idosos participantes da pesquisa um é do sexo masculino e seis são do sexo feminino. Há uma predominância do sexo feminino porque a maioria dos atendimentos feitos pelo Serviço Social e Psicologia, nesta faixa etária, se refere a problemas ocasionados por mulheres.

Os idosos pesquisados residem em regiões diferentes da cidade. Três moram

na Zona Sul, um na Zona Central, um na Zona Leste e dois na Zona Norte. Todos os pesquisados foram denunciados há mais de um ano e estão sendo acompanhados pelos setores correspondentes da instituição.

A forma que escolhi para a coleta de dados foi a entrevista aberta, entendido aqui como uma "conversação continuada entre informante e pesquisador" (Queiroz, 1987, p. 275). A partir da entrevista colhi os depoimentos. No depoimento procurei centrar os relatos a períodos ou temas determinados e de interesse do tema pesquisado, obedecendo o que preceitua a autora citada anteriormente: "da vida do seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham se inserir diretamente no trabalho. (Queiroz, 1987, p. 276). Eu orientei as questões para que o entrevistado discorresse os aspectos que eu esperava.

Para atender melhor ao tema proposto, pesquisei idosos que convivem apenas com cães e outros que possuem somente gatos e, em alguns casos, pessoas que tenham as duas espécies juntas. Isso me ofereceu subsídios para entender a escolha do animal por parte do idoso e os significados que eles têm para essas pessoas. Na maioria das entrevistas os animais estavam presentes. A presença do animal nas entrevistas contribuiu para que eu pudesse observar as interações que se dão entre os entrevistados e os animais.

Para a coleta dos dados usei o gravador. Optei pelo uso do gravador pois ele foi, a meu critério, o instrumento mais eficiente para captar o conteúdo oral da entrevista, evitando os desvios e perdas de palavras e de sentido por parte do pesquisador. Ao mesmo tempo, ele deu condições aos entrevistados do total domínio de seus sentimentos. É bem verdade que devemos ter cuidado no uso dele, pois ao mesmo tempo que ele é indispensável na coleta de dados o seu uso indevido pode tornar um transtorno. Numa das entrevistas usei de forma ineficiente o gravador e acabei perdendo uma pequena parte da entrevista ao não acionar a tecla que inicia a gravação, perdendo algumas falas da entrevista, recuperadas em seguida após perceber o erro. As entrevistas tiveram em média uma hora e meia de duração e foram agendadas após contato e autorização com os entrevistados.

As transcrições das fitas foram feitas por mim mesma "a reprodução, num segundo exemplar, de um documento, em plena e total conformidade com sua primeira forma, em total identidade, sem nada que o modifique" (Queiroz, 1991, p. 88). Isso me permitiu manusear mais facilmente o material coletado e ainda recorrer às partes mais importantes das entrevistas, uma vez que tinha o domínio e conhecimento das falas dos entrevistados. Além disso, pude aprofundar o significado das emoções (choro, risos, irritações), e das mudanças na entonação de voz nas falas. Registro, inclusive, que este processo fez-me ter uma participação íntima com os entrevistados, conforme nos diz Queiroz:

"A associação simbólica e não objetiva que permitiu, pela instalação de laços de quase-identidade e de comunhão entre ambos, o desencadeamento frutífero do processo de lembrar"(Queiroz, p. 88, 1991).

Como técnica de entrevista utilizei inicialmente um contato informal com os entrevistados. Todos eles já me conheciam, uma vez que havia realizado visita em suas casas.

Os princípios filosóficos que orientaram as entrevistas e a relação que obtive com os entrevistados são os mesmos referidos por Denzin (pp. 29-43, 1984):

- processo de compreender uma vida é circular, conduzindo sempre de dentro da vida que está sendo estudada e compreendido apenas nos e dentro dos termos da própria pessoa que é estudada. Ela não pode ser compreendida olhando de fora para dentro.
- Cada vida é ao mesmo tempo singular e universal, particular e, no entanto generalizável. As vidas são a expressão da história pessoal e social: são teias relacionais. As diferenças que encontramos nas vidas que estudamos constituem a singularidade do nosso objeto de estudo.
- Cada vida é vivida e contada dentro de uma linguagem particular e de

um conjunto de significados.

- significado do estudo de uma vida está na descoberta da diferença que destaca o sujeito de outros, o que, no entanto, o vincula à linguagem comum que ele partilha com outras pessoas comuns.
- Analítica e sinteticamente, a interpretação deve aglutinar-se numa totalidade significativa que olha para fora a partir da vida interna do sujeito, enquanto situa essa vida dentro da época na qual ela transcorre.
- propósito da investigação da vida é revelar como as pessoas comuns dão sentido as suas vidas dentro dos limites e da liberdade que lhes são concedidos.

As entrevistas foram dinâmicas. Em três delas contei com a participação da minha colega de trabalho e psicóloga que me auxiliou na condução da entrevista. Em cada entrevista uma situação nova se apresentou. A primeira depoente não quis que a entrevista fosse realizada em sua casa. A entrevista foi então realizada no auditório do Centro de Controle de Zoonoses.

Numa outra entrevista, ao chegar na casa da entrevistada ela se mostrou insegura em dar as informações e desistiu na última hora. Posteriormente, voltei a sua casa e pude realizar a entrevista.

Outra entrevista foi feita num asilo onde as irmãs estavam realizando um trabalho artístico de pintura. Na casa delas não havia nenhum lugar em que pudéssemos sentar para coletar os dados.

Após a transcrição das fitas contendo o depoimento dos entrevistados fiz uma análise pormenorizada do conteúdo e estabeleci as relações, semelhanças e opostos que existem nos seus conteúdos e passei então a fazer a análise interpretativa do conteúdo agrupando-os por grupos simbólicos.

ANÁLISE INTERPRETATIVA

*Benditos sejam os animais cuja espécie,
amiga dos homens há milênios, é presença tranqüilizadora,
auxiliares nossos tanto no fardo do trabalho
quanto nas coisas mais sutis que
tornam pesada a solidão humana.
Quantos sofrimentos solitários do corpo e
do coração eles ajudaram e ajudam ainda a suportar todos os dias,
quantas penas e angústias secretas deixam
que digam a seus ouvidos discretos donos e donas,
jovens e velhos sem amigos e outros,
mendigos e milionários.
Quantas vezes esses animais, que chamamos de domésticos,
domaram a selvageria despertada no coração dos homens,
abandonados pelo companheiro traidor ou pelo amigo desaparecido.
Esses viventes de outra espécie,
que não humana, fiéis, afetuosos, pacientes,
que sabem ouvir, entender
e dividir no dia-a-dia as tristezas e as mágoas dos homens.
Benditos sejam,
consolo do nosso tédio, aceitação de nossa ingratidão,
nossas bestas de cargas,
nossas bestas de tiro,
nossos animais domésticos,
humildes presenças mudas
e companhia asserenante em nosso monótono
e frustrante cotidiano nas horas de cansaço,
insônia, preocupação e solidão.*

(Françoise Dolto)

3. ANÁLISE INTERPRETATIVA

Neste momento da dissertação procuro reconstruir um pouco do histórico da relação homem e animal doméstico, em especial aquela estabelecida com o cachorro e o gato.

Inicio falando um pouco do período pré-histórico onde o animal era visto como totem, o homem o temia e por isso o reverenciava.

Falo um pouco ainda da presença dos animais no Egito antigo e, encerrando, concentro minha análise no início da Era Moderna, período que representou o ressurgimento do homem, após a adormecida da Idade Média.

Os dados desta breve análise me são fornecidos por Keith Thomas no seu livro "O Homem e o Mundo Natural." É certo que ele analise principalmente a história da Inglaterra, mas, certamente podemos transferi-la para os demais povos do Ocidente.

Há de se observar também que muito do que ele nos conta ainda acontece nos nossos dias.

Faço ainda uma referência aos índios americanos no início da colonização, procurando mostrar as semelhanças que os demais seres humanos dispensavam aos animais.

Por fim, faço uma análise da situação atual desta interação em nossa sociedade.

3.1 Análise Histórica da Relação Homem-Animal

O animal, desde os primórdios, ocupou lugar de destaque na humanidade. Ele teve uma complexa participação na vida do homem primitivo, deixando marcas profundas na consciência da humanidade.

Em quase todas as religiões há resquícios de velhos cultos, mitos e lendas, traduzindo o íntimo relacionamento do homem com o animal.

Iniciando-se na Pré-história, os animais eram transformados em forças do bem e do mal, as primeiras eram veneradas e as do mal, temidas.

Em seu livro "O Contrato Animal", Desmond Morris lembra-nos que o respeito aos animais teve início nos longínquos tempos pré-históricos, cerca de 20 mil anos atrás. O relacionamento caracterizou-se de diversas fases confusas, de respeito, adoração, horror e perseguição. Dos caçadores pré-históricos até os egípcios, eles exerceram papéis de totens, símbolos, emblemas ou seres sagrados.

Esse conceito foi quebrado quando se colocou a raça humana acima de todas as outras raças, inaugurando o antropocentrismo. O homem ocupava o topo da criação e todos os demais seres vivos a escala inferior.

Esse pensamento prevaleceu até o século XVIII e início do século XIX. O progresso da ciência através da astronomia, botânica, biologia e zoologia trouxe grandes contribuições para a quebra deste paradigma, chegando-se à conclusão de que a Terra e as espécies que nela viviam não foram criadas em benefício da humanidade, mas tinham história independentes do Homem.

É sabido que os animais fazem parte da história humana desde os primórdios. Estudos apontam para esta relação na pré-história, onde foram encontrados resquícios arqueológicos demonstrando uma estreita relação do homem com os animais.

A grande mudança começou a ocorrer a partir dos tempos modernos. Porcos, bois, cavalos e aves domésticas eram criados para servir de alimento, de provisão e ainda para o trabalho.

Houve momentos em que estas relações com os animais domésticos foram mais estreitas. Há de se considerar que o número de animais era bem menor do que

existe hoje, naturalmente decorrente do tipo de vida doméstica, vivendo-se mais próximo do ser humano.

No início do período moderno (século XVII), os animais estavam por toda a parte. Eles eram considerados como indivíduos. Por serem poucos, os donos estabeleciam um contato íntimo com seu rebanho, chegando mesmo a nomeá-los, alguns até com nomes humanos.

Era comum os animais receberem nomes que engrandeciam qualidades humanas. Por exemplo, Bondosa, Graciosa, Atraente, Bem-Amado, Mimosa, etc.

Era ainda comum ouvir os donos dos animais conversarem com eles enquanto recebiam alimentação ou estavam no trabalho. "*Olá, olá, rapaz!*", "*vem cá, vem cá, passarinho*". Eram formas de tratamento encontradas na literatura.

Muitas vezes os animais domésticos eram considerados como moralmente responsáveis, chegando mesmo a serem julgados e executados quando envolvidos em homicídios ou bestialidades. Esse ato tinha como objetivo simbólico reprimir os crimes e valorizar o respeito à vida humana.

No final do século XVII, segundo Keith Thomas:

"Os agricultores e as pessoas pobres faziam pouca distinção entre si e os próprios animais; o mesmo senso de afinidade entre homens e animais via-se em graus sociais mais elevados, chegando a rainha Isabel, da Inglaterra, em 1579, a dar a um de seus cortesãos um apelido de animal." (Thomas, 1989, p. 118).

O cão sempre foi o privilegiado de todos os animais na interação com o homem. Havia muitos cães nas propriedades dos tempos modernos. Ele exercia várias funções, destacando-se como principal a de guarda da propriedade. Além da guarda, eles puxavam pequenas carroças, trenós, acompanhavam tropeiros, agricultores, pastores e açougueiros. Eram assim considerados cães de utilidade.

Havia ainda cães de estimação que mereciam o afeto e uma condição mais

elevada. Esse afeto vinha inclusive da família real inglesa. Conta-nos Keith Thomas que a Isabel, a Rainha do Inverno, viveu cercada de cães e ficou famosa por preferir seus animais de estimação aos filhos e naturalmente a seus súditos.

Na fidalguia tal preferência também existia. Conta-se que no retorno das caçadas, os cães eram os primeiros a serem tratados, chegando mesmo a alimentarem e deitarem antes dos serviçais. Viam-se cães gordos, bem nutridos e serviços esqueléticos.

Havia distinção social dos cães, assim como havia com seus donos:

"Os mastins e mestiços eram lascivos, incestuosos, imundos e truculentos, e o vira-latas de açougueiro rosnante, raivoso, rabugento e soturno. Mas o cão de caça, em contraste, era nobre, sagaz, generoso, inteligente, fiel e obediente." (Thomas, 1989, p. 127).

No século XVIII, o cão já era conhecido como o "mais inteligente de todos os quadrúpedes conhecidos" e louvado como "o servo mais fidedigno e a companhia mais humilde do homem".

Os gatos demoraram um tempo maior para subir na escala de afeto humano, diferente dos cachorros. Na Idade Média, eles eram criados apenas para combater ratos e camundongos. Alguns donos não davam comida para que eles mesmos tivessem razões para a caça. Os gatos também eram acusados de serem os responsáveis por alergias e causadores de problemas respiratórios.

Eles eram ainda apreciados para tortura. Keith Thomas conta que:

"Durante as procissões de queima do papa realizadas durante o reinado de Carlos II era costume encher as efígies com gatos vivos, de maneira que seus gritos pudessem aumentar o efeito dramático" (Thomas, 1989, p. 132).

Foi no século XVIII que os gatos começaram a ser reconhecidos como animais de estimação, consolidando sua posição como criatura a ser mimada e afagada

por seu companheirismo. Uma das razões para esta evolução foi a evolução do asseio doméstico, associado ao gato como sendo o animal mais limpo.

Keith Thomas, define três traços particulares que distinguem o animal de estimação dos outros animais:

1º - Ele tinha permissão de entrar na casa.

2º - Ele recebia um nome pessoal e individualizado, distinguindo-o de todas as demais criaturas. Quanto mais o animal fosse mimado por seu dono, maior era a possibilidade de ter um nome humano.

3º - O animal de estimação jamais servia de alimento. Não era devido ao gosto, mas à estreita relação com a sociedade humana que esses animais não eram consumidos. Quaisquer criaturas que tivessem visto todos os dias as quais estivessem familiarizados.

Por volta de 1700, a humanidade já dava sinais de obsessão aos animais domésticos. Em muitas casas eles eram mais bem alimentados que os serviçais. Contamos:

"Como enfeites, traziam anéis, plumas e sinos e vieram a tornar-se presença constante em retratos de família em grupo, geralmente simbolizando a fidelidade, a domesticidade e a integridade, embora às vezes (o caso dos cães), também uma irreverência maliciosa" (THOMAS, 1989, p. 141).

A morte de um animal doméstico e de estimação causava profundos abalos. Em alguns casos os restos mortais recebiam túmulos e sepulturas, com direito a funerais.

Os animais de estimação proporcionavam companhia aos solitários, alívio aos fatigados e compensação aos que não tinham filhos, eles manifestavam aquelas virtudes que os humanos com tanta frequência mostravam não ter e serviam de modelo para os empregados domésticos.

Índios americanos também possuíam animais de estimação. Estudos apontam que eles criavam pássaros, bisões, lobos e até ursos domesticados. Eles acreditavam que uma vez que o animal se tornava de estimação, ele não era mais um estranho, mas um amigo calado a ser tratado como membro da família, compartilhando a casa e sendo cuidado como se fosse tão importante quanto o ser humano.

Hoje, nossa sociedade vem cada vez mais dando um lugar especial aos animais domésticos. A professora Mary Del Priore resumiu esta realidade em sua coluna no Suplemento Feminino do Estado de S. Paulo do dia 23 de agosto de 1998. Eis o que ela nos diz:

"Muitas vezes ter cachorro ou gato pode, também, funcionar como derivativo para a solidão e a insegurança. A necessidade de autoridade, de dominação, de apropriação, bem como a angústia, agressividade, a riqueza de uma vida excessivamente interiorizada ou a timidez e dificuldade de comunicação, as frustrações afetivas ou sexuais de um casal desunido, separado, ou sem crianças, a velhice em que as pessoas se sentem abandonadas pelos filhos, o narcisismo, mas também as tensões sociais e profissionais, todas essas motivações geradoras de desequilíbrio podem levar à aquisição de um cachorro ou gato, responsabilizado, em alguns casos, por comportamentos anti-sociais" (Priore, 1998, p. 2).

As estimativas apontam que o Brasil tem hoje 25 milhões de cães e 11 milhões de gatos. É na região Sudeste e Nordeste que esses animais estão concentrados. A região Sudeste tem 43% deles e o Nordeste, 28%. As demais regiões absorvem os 29% restantes desses animais domésticos. (Fonte: ANFAL- Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais - 1999)

No mês de janeiro de 2000 foi realizada a I Pesquisa PetSite Ibope com o objetivo de colher a opinião dos brasileiros sobre os animais de estimação. A pesquisa revelou dados interessantes e representativos sobre a população brasileira e seus animais de estimação. Predominam as pessoas que possuem algum animal de estimação (59%), em relação às que não possuem nenhum animal (41%). Aqueles que têm animais de estimação são relativamente mais frequentes nos segmentos de classes AB (63%) e C

(64%), de 45 a 54 anos (67%), de nível ginásial e colegial (61%), assim como entre os moradores da região Sul (64%) e de municípios de portes médio e grande (61%). O cão é o animal preferido dos brasileiros, (44%), especialmente os de classes AB (51%) e C (49%), os de idades entre 35 e 54 anos (48%). Interessantemente, a preferência pelo gato (16%) é quase igual à que recai sobre as outras espécies (15%). As mulheres demonstram pelos gatos um interesse maior que os homens. (Fonte: www.petsite.zaz.com.br - 2000).

Esses dados estatísticos evidenciam que os animais estão cada vez mais presentes na sociedade atual. O jornalista Gilberto Dimenstein, da Folha de S. Paulo assim resumiu a necessidade que o homem moderno tem hoje com respeito aos seus animais de estimação:

"Psicólogos detectam que cada vez mais o animal de estimação é tratado como se fosse um membro da família, cuja morte provoca a mesma comoção reservada aos humanos... O animal de estimação seria o amigo ou parente ideal: dá afeto incondicional e não questiona as ordens recebidas" (Dimenstein, 1997, p. 24).

Ele conclui dizendo que:

"o culto ao animal de estimação, substituindo o contato humano, é uma doença social". (Dimenstein, 1997, p. 24)

Esta doença social estaria vinculada à versão tecnológica, que nos leva a comunicar a qualquer hora com qualquer pessoa do planeta. O que torna as relações humanas difícil é "falar com o vizinho ou conviver com os familiares, por isso é mais fácil a convivência com o animal de estimação."

Concluindo estas considerações sobre o histórico do relacionamento homem/animal desejo chamar a atenção para a Posse Responsável de um ou mais animais. Ao se adquirir um animal o proprietário deve estar consciente de suas responsabilidades para com o animal, para consigo e para com a comunidade onde ele está inserido. O C.C.Z. tem procurado desenvolver ações para estimular os proprietários

de animais a desenvolverem atitudes que evidenciam a Posse Responsável de seus animais. Apresento algumas destas ações:

- domiciliar o animal
- dar alimentação de boa qualidade e água fresca
- optar ou não pela castração do animal para evitar procriação descontrolada
- recolher as fezes em vias públicas
- promover a higiene do animal com banhos periódicos
- cumprir o calendário de vacinação contra a raiva e outras doenças
- dar proteção saindo à rua sempre com guia e coleira
- recolher as fezes do animal em vias públicas
- promover passeios diários e brincadeiras com os animais.

3.2 Benefícios Advindos da Relação Homem-Animal

Introduzo e reflito sobre os benefícios advindos do convívio do ser humano com um animal de estimação. Faço isso para ressaltar a importância dessa relação que é tão velha quanto o tempo que o homem tem na Terra.

Os benefícios reportados pela bibliografia advindos do convívio com os animais domésticos e de estimação podem ser classificados como físicos, sociais e psíquicos.

No Brasil, há poucas pesquisas nesta área. Recorro a pesquisas feitas no exterior, onde os estudos que constatarem benefícios no convívio com animais de estimação são constantemente realizados. Nos Estados Unidos e na Europa, estudos apontam para uma redução do tempo de recuperação das doenças e uma maior sobrevivência aos indivíduos que possuem animais de estimação quando sofreram uma cardiopatia isquêmica. Nestas situações a presença do animal resultou na redução da ansiedade, diminuição de depressão, uma vez que os animais incentivam uma atividade física, tanto para levá-los aos passeios como na realização dos cuidados diários.

Isso se manifesta inclusive durante a internação. Enquanto estavam no hospital, estes doentes mostraram desejos de melhorarem mais rapidamente, para cuidarem de seus animais, realizando exercícios, reduzindo-se inclusive a pressão sangüínea.

Fredman, pesquisador, diz-nos que o contato com um cachorro produz a diminuição da frequência cardíaca e da pressão arterial. Baum, outro pesquisador, posteriormente confirmou este estudo.

Observou-se nos Estados Unidos, numa determinada região de encosta, que as pessoas maiores de 65 anos que possuíam um animal de estimação apresentavam quadros depressivos com menor frequência do que aqueles que não tinham um animal. Concluiu-se que o animal pode atuar como suporte emocional, sendo alguém em quem se pode confiar e alguém que se pode falar, proporcionando ao idoso um apoio emocional.

Siegel, outro pesquisador, observou que as pessoas que têm animais de estimação em casa vão pouco ao médico e seu estresse sofre uma redução. Isto se dá em razão da relação estabelecida entre as partes, como alimentar e acariciar o animal, tendo em contrapartida o carinho e a distração que os animais lhes proporcionam.

Cusack observou num grupo de idosos que os animais de estimação melhoraram o bem-estar psicológico e o sentido de humor dos idosos pesquisados.

Quedan afirmou que os animais, principalmente os cachorros, favorecem uma interação melhor dos seus donos com outras pessoas, conquistando novas amizades, destacando-se o efeito positivo sobre a comunicação geral, considerando-se que ele não fala, em muitas ocasiões ele passa a ser cúmplice do que os outros lhe contam.

Corretores da bolsa de valores hipertensos e solitários respondem melhor ao

estresse do trabalho e ao tratamento da pressão quando têm animais domésticos, segundo pesquisa de Karen M. Allen, apresentada em reunião da Associação Americana de Cardiologia.

Uma companhia de seguros australiana encomendou uma pesquisa para saber se, de fato, os donos de cachorros tinham uma saúde melhor. Observou-se que os pacientes que cuidavam de um cão gastavam 16% a menos de medicamentos e saíam dois dias antes dos hospitais do que doentes que não tinham contatos com animais.

Na Universidade espanhola de Santiago de Compostella, no Instituto Gerontológico Gallego há uma linha de pesquisa exclusiva para estudar Animales de Compãnia y Tercera Edad.

Vou transcrever algumas das experiências que já foram realizadas por pesquisadores neste instituto no que se refere à relação idoso e animal de estimação.

No nível institucional, Brickel (1979) observou o efeito dos gatos numa instituição, estudando o incremento da sensibilidade dos pacientes, tendo os gatos como o tema principal das conversas. Salmon (1981) introduziu um cachorro numa unidade de pacientes crônicos de um hospital geriátrico de Caulfield e notou que houve uma estimulação ao riso, melhoria do humor, sensibilidade e ainda um incentivo para viver.

Um projeto de interpretação "Pessoas Idosas e Animais de Estimação" foi realizado pelo departamento de Psicologia da Universidade das Ilhas Baleares com um grupo de pessoas maiores de 60 anos. Durante seis meses o grupo foi entrevistado. Observou-se uma sensível melhora da qualidade geral da vida, destacando-se a saúde mental (ansiedade, depressão, controle emocional) e algo menor em relação a saúde física.

O programa de animais de estimação de Cornell, iniciado em 1982, promoveu a visita de animais de estimação a instituições geriátricas e constatou-se que os idosos enfrentavam melhor as etapas finais da vida.

Existe um programa de adoção de animais de estimação promovido pela Universidade de Barcelona e Fundação Purina, pondo à disposição dos idosos gatos e cães. É oferecido apoio técnico como esterilização, vacina, chapa de identificação, alimentação durante o primeiro ano da adoção.

Nos últimos anos, em especial na Europa e Estados Unidos, tem-se incentivado muito a introdução de animais de estimação para pessoas idosas, tanto individualmente como em instituições asilares ou geriátricas. As conclusões indicam que esta interação tem melhorado as condições gerais de saúde nos aspectos físico, psicológico e social, suprimindo a carência da afetividade que este grupo sofre.

Desses estudos podemos concluir que a introdução de animais de estimação na vida dos idosos possibilita a melhoria do estado geral de saúde nos mais variados aspectos.

Há ainda estudos na Galícia, que mostram os benefícios que os animais trazem aos pacientes com Alzheimer, demonstrando que quanto maior era o tempo com o animal, menor eram os transtornos de humor, psiquiátricos e psicomotores. Esses pacientes também apresentavam menor prevalência de condutas não-cognitivas enquanto estavam interagindo com os animais.

A Dra. Hannelore Fuchs (1987), na sua tese de doutorado *"O Animal em Casa: um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico do animal de estimação"* reuniu os vários benefícios que o animal de estimação proporciona ao homem. No Brasil há poucas pesquisas nesta área, sendo ela uma das pioneiras.

Em pesquisa realizada com proprietários de animais ela encontrou 32 vantagens que o convívio com o animal de estimação proporciona ao ser humano.

Vou citar apenas alguns desses benefícios:

- animal de estimação proporciona alívio para situação tensa;
- animal de estimação proporciona disponibilidade ininterrupta de afeto;
- animal está sempre à disposição do homem;

- animal de estimação proporciona amor e afeto incondicional;
- animal faz o ser humano rir;
- animal proporciona o reassuramento emocional;
- animal é companhia constante;
- animal se torna um substituto para desafogar o afeto, por ser disponível e tolerante;
- animal dá amizade incondicional;
- animal proporciona observação atenta e prazerosa;
- A contemplação do animal tem efeito tranquilizador;
- animal é catalisador de relacionamento social, através da facilitação de contato social;
- animal oferece assunto para relacionamento social;
- animal proporciona interesse pela fauna e pela natureza;
- relacionamento com animais é mais fácil do que com seres humanos
- animal suprime a carência de afeto da pessoa desinteressadamente;
- animal proporciona contato físico;
- animal dá proteção e segurança;
- A presença do animal faz a pessoa ter o que fazer.

3.3 Análise Interpretativa dos Significados do Animal para os Idosos

Entrevistados

O que me interessa não é a síntese, mas um pensamento transdisciplinar, um pensamento que não se quebre nas fronteiras com as disciplinas. O que me interessa é o fenômeno multidimensional, e não a disciplina que recorta uma dimensão deste fenômeno. Tudo o que é humano é, ao mesmo tempo, psíquico, sociológico, econômico, histórico, demográfico. É importante que estes aspectos não sejam separados, mas sim que concorram para uma visão poliocular. O que me estimula é a preocupação de ocultar o menos possível a complexidade do real.

Edgar Morin

A seguir, dou voz aos sujeitos desta pesquisa para falarem e interpretarem a

si mesmos, revelando os significados dos animais em suas vidas. Um significado não é único e nem solto, mas é contextualizado. É para esse trânsito simbólico que quero chamar a atenção. Na medida do necessário, reorganizo as falas deles, ao decifrar os códigos simbólicos e parto em seguida para uma interpretação de segunda mão, indo dessa forma ao encontro da opção metodológica que escolhi como proposta por Geertz e já apontada no capítulo teórico da pesquisa.

Para percorrer este caminho, trabalho com as falas dos depoentes, considerando-as como elementos fundamentais para a análise e interpretação do conteúdo histórico e cultural de suas vidas. Reafirmo que a fala deles é a fonte das informações e interpretações que esses sujeitos culturais têm de si mesmos, dos outros seres humanos, das relações sociais e de seus animais.

Estarei recorrendo ainda a outras fontes que não são os depoimentos formais. Estas fontes, diversas e informais, incluem falas que tenho ouvido e recolhido por meio da prática profissional diária e também material coletado de jornais, revistas, filmes e outros. Optei por esta inclusão referendada pelo mesmo procedimento que Sennett utilizou no ensaio-discussão do seu livro "A Corrosão do Caráter". (Sennett, p. 11, 1999)

Para designar os idosos da pesquisa usarei siglas. A primeira letra da sigla identifica a letra inicial do primeiro nome da pessoa. As letras seguintes identificam a espécie animal que a pessoa tem em casa e com a qual se relaciona. Assim, a letra C identificará o Cão como o animal escolhido e a letra G, que o animal presente na casa é o Gato. Nos casos em que a pessoa se relaciona com as duas espécies as letras serão CG, respectivamente, Cão e Gato. Optei por associar a pessoa ao tipo de animal para que se evidenciem as diferenças e igualdades que se apresentam na relação estabelecida com o tipo do animal eleito por elas. As siglas estarão sempre entre parênteses no final da fala. O exemplo a seguir ajuda a compreender melhor: (KCG) a pessoa se chama Kátia e os animais da casa são o Cão e o Gato.

Facilitarei o entendimento dos significados dos animais para os idosos

componentes desta pesquisa destacando os diversos aspectos do relacionamento e da organização da vida desses sujeitos. Eles manterão diálogo com o pesquisador. Este estará chamando a atenção para os significados, fornecendo, quando necessário, suas interpretações. Assim, agruparei por temas, nos seus respectivos contextos, as falas dos depoentes. Os contextos simbólicos foram assim classificados:

Em relação ao motivo originário da denúncia
Em relação aos sujeitos depoentes
A casa agora é dos bichos
Os animais não transmitem doenças
Eu era bonita e elegante. Hoje sou um bonde!
Eu não quis casar
Os vizinhos querem que a gente suma daqui
Hoje eu não tenho mais amigas
Eu sempre tive bicho
Nunca ponho nome feio
Eu gosto dos dois
Eles protegem nossa casa
Eles me fazem carinho
Eles são a nossa família
Eles me dão amor
Eles são como meus filhos
Eu acho um horror o sacrifício
Eles nunca passam fome
Quando eles morrem eu choro
Eu tenho uma missão protetora
Bicho é melhor que gente
A velhice é um naufrágio

EM RELAÇÃO AO MOTIVO ORIGINÁRIO DA DENÚNCIA

O setor de Vistoria Zoosanitária recebe as denúncias, ou O.S. (Ordem de Serviço) através do telefone. A denúncia é redigida de acordo com o que o munícipe fala ao telefone, evitando a interferência do funcionário em interpretar o que lhe é dito. É mantido o sigilo quanto a identificação do munícipe que solicita o serviço e conseqüentemente a vistoria. Cabe esclarecer que o termo denúncia usado no C.C.Z. não carrega o mesmo significado que tem na esfera jurídica. No setor de Vistoria Zoosanitária o termo significa uma reclamação formal, sigilosa ou não, que alguém, geralmente um vizinho, faz sobre uma outra pessoa por uma falta que ela esteja cometendo sobre o manejo e trato com seus animais domésticos e de estimação. Essa falta acarreta um grande incômodo e motiva a pessoa a recorrer ao Serviço Público exigindo providências. Lembro que a Lei 10.309, de 22 de abril de 1987, que dispõe sobre o controle de população animal e zoonoses no Município de São Paulo, faz referência a essa falta.

Apresento a seguir os motivos que levaram os entrevistados a serem denunciados no setor de Vistoria Zoosanitária do Centro de Controle de Zoonoses:

A entrevistada ECG foi denunciada no dia 26 de fevereiro de 1998. O conteúdo da denúncia é o seguinte:

"Criação de vários gatos e cães num apartamento causando mau cheiro. Quando os bichos morrem, ela joga pela janela, o caso é grave."

A depoente SG recebeu a primeira denúncia no setor no dia 10 de setembro de 1994:

"Há vários gatos com mau cheiro insuportável."

Outra depoente. A sra. VCG foi denunciada no dia 8 de julho de 1996. Eis o

teor:

"Vários cães e gatos em local impróprio com muita sujeira, até na garagem os gatos estão fazendo sujeira. Os gatos estão com sarna."

No caso da sra. GG, a data da denúncia foi 17 de agosto de 1990 e o conteúdo é o seguinte:

"Casa abandonada com muitos gatos, pombos e ratos causando mau cheiro."

Apresento os motivos que levaram à denúncia a respeito das duas depoentes NC e TC, que são irmãs gêmeas e residem na mesma casa. Ambas compartilham de igual intensidade na relação com seus animais. Elas têm ainda um vínculo muito estreito e suas falas são quase idênticas, inclusive o timbre da voz. Existem 11 denúncias sobre estas irmãs no setor e a primeira foi recebida no dia 20 de julho de 1998. O teor das denúncias são repetitivos e os sintetizo da seguinte forma:

"Residência particular com muitos cães causando mau cheiro, sem nenhuma condição higiênica... Cães em confinamento... Grande quantidade de cães prejudicando a vizinhança... canil doméstico com animais em estado precário."

O depoente BCG teve a denúncia registrada no setor no dia 14 de abril de 1998 e se refere ao que segue:

"Criação de vários gatos no local criando sujeira na casa do vizinho."

Esclareço que todas as denúncias foram consideradas procedentes nas vistorias realizadas pelo veterinário na casa de cada um desses idosos. Todos foram intimados (notificação oficial da constatação da falta cometida. Nela são relacionados os artigos da lei que estão sendo infringidos) e alguns deles, multados (NC, TC, GG e SG). Os problemas, após serem considerados pelos veterinários que atenderam às

denúncias como de difícil solução por envolver pessoas idosas, foram encaminhados para o Serviço Social.

Cito como exemplo o caso da sra. ECG:

"Encaminho para a Assistente Social para avaliar o problema complexo que envolve a munícipe, antes de autuar."

EM RELAÇÃO AOS SUJEITOS DEPOENTES

Envelhecemos conforme vivemos!

Jack Messy

Visando à boa compreensão das questões que envolvem o significado do animal para as pessoas que participam desta pesquisa, julguei necessário fazer uma breve apresentação dessas pessoas. Considero aqui dados de identificação pessoal e relato um pouco da história de suas vidas e também algumas características físicas. Preocupo-me em preservar a identidade dos entrevistados e também o respeito à singularidade de suas vidas.

A sra. SG tem 76 anos de idade e coincidentemente nasceu no dia 4 de outubro. Nesta data, a Igreja Católica comemora o dia de São Francisco de Assis - o Protetor dos Animais. Este detalhe consta de seu depoimento. A sra. SG tem um nome muito raro, que, segundo ela, significa metade. Ela explica: nasceu na divisa dos estados de São Paulo e Paraná, à meia-noite, ou seja, metade do dia e metade da noite. Num determinado momento do depoimento ela nos disse que se *sentia "metade bicho e metade gente"*, demonstrando a influência do nome em sua vida. Portanto, um nome com vários significados metafóricos. Ela é a segunda de uma família de quatro filhas. Casou-se com 17 anos e viveu nove com o marido. Ele morreu num acidente trágico de carro. Ela tem um filho e uma história impressionante sobre a concepção e gestação

dele. Seu esposo nunca quis que ela engravidasse. *"O dia que você tiver um filho vai gostar mais do filho do que de mim."* Para evitar a concepção, além de manter poucas relações com ela, o marido interrompia o coito. Ela assim declarou: *"Eu tinha muita raiva dele porque eu não podia ter filho. Então eu tinha raiva, raiva, muita raiva dele."* Era preciso fazer alguma coisa. A sogra e o médico da família elaboraram, com a concordância dela, um plano para que ela pudesse engravidar. Seu filho é o fruto da primeira e única relação sexual sem interrupção que ela teve na vida.

Certa ocasião, o casal foi passar um fim de semana em Santos- SP. Tudo foi cuidadosamente preparado para que ele a procurasse em uma daquelas noites. Ao tentar retirar o pênis antes que se consumasse o ato, ele foi envolvido por ela com todas as suas forças, ejaculando nela o sêmen que fecundou seu único filho. O marido nunca a perdoou por isso e durante os seis anos seguintes em nenhum momento aceitou o filho, ignorando-o em todos os sentidos.

A seguir, descrevo suas principais características físicas. Ela é uma senhora de estatura média, magra, olhos claros e cabelos totalmente brancos e desordenados. Gosta de usar um gorro de lã. É morena e com corpo franzino. Não demonstra nenhum traço de vaidade no vestir. Usa sempre calça comprida, do tipo agasalho. Suas roupas são gastas e todas as vezes em que nos encontramos ela trazia impregnada uma grande quantidade de pêlos de gatos, evidenciando assim o íntimo contato físico que tem com eles.

Ela recebe dois salários mínimos de aposentadoria e tem outros imóveis, que aluga, complementando sua renda. No total, seu ganho mensal deve chegar a R\$ 2 mil.

As irmãs NC e TC são gêmeas e não tiveram outros irmãos. *"A minha mãe se assustou tanto quando nascemos que pensou que viriam quatro. 'Eu já tenho duas e já está bom. Não preciso arriscar mais.'"* Elas têm 65 anos, são solteiras e moram juntas. Nasceram na antiga Iugoslávia e nunca retornaram àquele país. Seus pais eram da Rússia e foram morar na Iugoslávia, fugindo da Revolução Comunista. Elas

chegaram ao Brasil em 1949, indo morar inicialmente no Rio de Janeiro. Mudaram-se logo em seguida para São Paulo, se unindo a um grupo de parentes. Seus pais tinham um bom nível cultural e social. O pai era engenheiro e a mãe trabalhava nas Indústrias Matarazzo como chefe do setor de desenho têxtil. As irmãs estudaram e posteriormente foram trabalhar como secretárias bilíngüe de grandes empresas alemãs. Elas falavam alemão e assim podiam exercer a função com bastante sucesso. A mãe teve um derrame que a deixou acamada por 18 anos e depois o pai também ficou enfermo por um longo período. Até o momento em que os pais eram saudáveis a família desfrutava de um bom nível social. *"Quando meu pai era vivo, minha mãe e nós trabalhávamos fora. A gente começou a comprar carros e tínhamos dinheiro. Chegamos a ter três carros."* Essa condição foi-se perdendo quando as irmãs tiveram de parar de trabalhar para tomar conta deles: *"precisamos parar de trabalhar para cuidar da nossa mãe"*. Depois, começaram a fazer trabalhos artesanais em casa. Especializaram-se na confecção de ovos de páscoa típicos ucranianos de madeira e pintados a mão.

Atualmente, são aposentadas e cada uma recebe um salário mínimo por mês. Elas tiveram por um longo tempo um ponto de artesanato na Praça Benedito Calixto, em Pinheiros, onde vendiam a produção dos ovinhos, caixinhas pintadas, bandejas e "babuskas", peça do artesanato russo. Em razão do fechamento do ponto de artesanato e também do grande número de cães que mantêm em casa, sua condição social é precária. Elas têm um primo que é responsável pela administração de um asilo para descendentes russos em São Paulo. O primo dispôs-se a ajudá-las financeiramente na condição de que os cachorros fossem mandados embora. Elas recusam a ajuda, inclusive a opção de morarem no asilo enquanto sua casa passar por reforma.

Fisicamente as irmãs se parecem muito. Aparentam idade cronológica superior à que têm. Não apresentam muito cuidado com o corpo e cabelos, e as roupas são sobrepostas umas às outras. Parece que usam a mesma roupa há muito tempo. São brancas, cabelos grisalhos, corpos franzinos e peles enrugadas.

Desejo ressaltar que estas irmãs demonstram que gostam dos animais com a mesma intensidade. Elas se parecem muito fisicamente e usam sempre o pronome "nós"

ou "a gente" para falarem de si. O que uma começa a falar a outra complementa e vice-versa. Tive inclusive um pouco de dificuldade na transcrição da fita para identificar a fala de cada uma pela acentuada semelhança entre elas. Por serem gêmeas e terem partilhado as mesmas experiências e trajetórias na vida, tem-se a impressão de que são a mesma pessoa. A principal diferença que se evidencia nelas é o humor. A sra. NC é um pouco mais irritada que a irmã TC. Nos demais aspectos as irmãs gêmeas são muito semelhantes.

Vou apresentar em seguida a depoente ECG. Trata-se de uma senhora com 84 anos de vida, que se declarou *"solteirona ainda"*. Ela é paulista e desde pequena se dedicou à criação dos seus irmãos. É a mais velha de uma prole de seis filhos. O pai morreu no Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha. Logo depois da morte do pai, foi morar com a avó, que tinha uma condição econômica melhor. Parece-me que, por ter sido criada pela avó e com a oportunidade de estudar e desfrutar de qualidade de vida que seus irmãos não tinham, acarretou-lhe uma culpa: *"eu achava que tudo o que eu fazia por eles era pouco."* Começou a trabalhar bem cedo e com o salário ajudava a mãe a sustentar os cinco irmãos: *"eu levava o dinheiro para minha mãe."* Todos os irmãos se casaram e ela continuou a ajudá-los, criando os sobrinhos. Três irmãos são falecidos, ficaram duas irmãs. Ela, comparando-se às irmãs, afirmou: *"eu é que estou fisicamente melhor"*.

A sra. ECG foi morar com uma senhora russa, proprietária do apartamento, que não tinha parentes no Brasil. Cuidou dela até bem pouco tempo atrás, quando esta veio a falecer. Em breve deverá estar se mudando para entregar o apartamento. Aposentou-se por tempo de serviço e recebe R\$ 350. Contou que foi a única dos irmãos que pôde estudar. Ela mostra-se bem informada. Gosta muito de ler e fez durante o depoimento várias citações e referências sobre literatura. Disse entender inglês, um pouco de russo e também italiano. Possui alguns livros em casa nestas línguas. Tem um timbre de voz muito agradável e sua fala demonstra bastante tranqüilidade e segurança.

Sua aparência é semelhante à das outras entrevistadas. Morena, cabelos brancos, estatura baixa, franzina, corpo envergado e seu peso não deve ultrapassar os 55

quilos. Também não se preocupa em combinar as roupas que usa. Enquanto durou a entrevista, quase todos os gatos dela passaram pelo seu colo. Alguns permaneceram dormindo e outros estiveram ajeitados por pouco tempo no colo.

Apresento a sra. GG. Ela tem 78 anos, é solteira (*eu não me interessava por ninguém e nem queria saber de homens*) e paulistana. É a segunda de uma família de três irmãos e apenas o irmão está vivo. A irmã faleceu há dois anos. O pai da sra. GG desapareceu na Revolução de 24 e sua mãe casou-se novamente. O padrasto era um homem violento e bebia muito. Ela contou-me várias passagens em que ele usava de violência física com ela e com seus irmãos: *"Uma vez ele queria bater no meu irmão... eu fiquei tão indignada de ver ele querendo bater no meu irmão que dei uma correiada bem no rosto dele."* Ela se lembra inclusive de que numa determinada noite o padrasto pôs a mãe, ela e seus irmãos para fora de casa.

Aos dez anos, quando foi acender o fogo na casa da tia, sofreu um acidente que lhe deixou algumas marcas por toda a vida: *"naquele tempo era carvão... Mas não tinha estopa. Então eu peguei um papel, enrolei e joguei fósforo. Aí não pegou. Pensei: acho que pus pouca gasolina. Quando fui pôr o fósforo que ainda estava aceso, subiu a chama. Queimou o rosto e parte do corpo. Eles tiraram a pele daqui e puxaram para cá. Fizeram enxerto... fui para a Santa Casa. Ai meu Deus! Como doía! Nossa Senhora, o que sofri não está escrito!"* Ela disse que durou cinco anos o tratamento.

A sra. GG é funcionária pública aposentada. Estudou contabilidade e exercia esta função num órgão público. Tem uma aposentadoria bruta de aproximadamente R\$ 1.600. Ela é muito religiosa e se declara católica: *"minha santa, além da Virgem Maria é a Santa Rita de Cássia"*. Além de cuidar de gatos, ela alimenta pombos e tem a explicação religiosa para cuidar destes animais: *"o pombo foi que ajudou Noé quando ele estava no mar e não havia terra... o pombo lembra também o Espírito Santo, que veio na forma de pombo e também foi Deus que pôs tudo na natureza"*.

A sra. GG é branca, de estatura pequena, cabelos completamente brancos e olhos claros. Refere-se com frequência a sua mocidade, que era muito bonita e que os

homens a olhavam com desejo e as mulheres com inveja. Lembra que a queimadura lhe incomodava muito. Tem uma baixa estima bastante acentuada e irrita-se com facilidade. Fica mais em casa. Só sai para alimentar os animais. Está andando com muita dificuldade e arrasta uma das pernas. Ela assim resumiu sua vida: *"O pessoal tem inveja de mim não sei por que. Se eles soubessem o que já sofri na vida. Meu Deus! Com o meu padrasto e com a queimadura."*

Apresento a sra. VCG, que tem 76 anos. Ela nasceu numa pequena cidade de Minas Gerais. Sua família era composta de 11 irmãos e hoje eles *"estão espalhados pelo mundo"*. Foi criada na roça e não frequentou a escola pois precisava ajudar os pais na lavoura. Veio para São Paulo há mais de 50 anos, onde se casou. Seu marido era funcionário da rede ferroviária e morreu em 1972.

O casal não pôde ter filhos: *"Eu não podia. Eu tinha útero infantil. Era perigoso se eu engravidasse. Ai pensei, deixa pra lá. É Deus que quer assim."* Ela confessou que queria muito ter tido pelo menos um filho. Trabalhou em serviços diversos e está aposentada por idade com um salário mínimo. Recebe também a pensão do seu esposo, que está em torno de R\$ 400.

A sra. VCG é morena, tem estatura média, cabelos brancos e corpo franzino. Sofreu recentemente uma fratura no joelho esquerdo e por esta razão anda com muita dificuldade.

Apresento, por fim, o sr. BCG. Trata-se de um senhor de 77 anos. Ele não é brasileiro e está em nosso país desde 1953. Sua nacionalidade é holandesa, mas nasceu na Indonésia, quando ela era colônia da Holanda. Seus pais imigraram para a Indonésia, onde foram administrar uma fazenda de uma importante indústria de borracha. Foi prisioneiro por três anos e meio num campo de concentração em Saigon, durante a Segunda Guerra Mundial, onde passou por vários sofrimentos psicológicos e físicos. *"Fiquei doente sete vezes com malária, tive febre tifóide. Os coreanos eram os guardas do campo. De vez em quando, eu tenho crise de choro quando me lembro de tudo. Marcou muito a minha vida. Eu luto para não pensar nisto. Mas já passou..."* Ao se

referir a essa fase da sua vida o faz com bastante choro. Conta com muitos detalhes as privações por que passou enquanto prisioneiro. Ele é ferido de guerra. *"No meu campo de concentração tinha 1.900 pessoas. Sobreviveram apenas 47 pessoas."* Foi engenheiro naval e depois veio para o Brasil, onde se casou e teve um casal de filhos. Sua esposa faleceu há cerca de seis anos com câncer. Os filhos são casados e ele tem uma neta. É aposentado e recebe cerca de R\$ 1.300 mensais. Não tem parentes no Brasil.

O sr. BCG é um homem de estatura alta, com peso proporcional a sua altura. Tem olhos azuis e os cabelos quase que totalmente brancos. Suas roupas, desalinhadas, causam a sensação de que está trabalhando. Quando deu o depoimento, ele apresentava um corte na mão provocado por um acidente na grade. O corte estava aberto e a sua mão suja de sangue. Ele não se preocupou em limpar o ferimento ou mesmo enfaixá-lo. Fala bem o português, entretanto, em alguns momentos, faltam-lhe palavras para expressar o que pensa. Tem também um pouco de sotaque.

"A CASA AGORA É DOS BICHOS"

*Era uma Casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada...*

Vinícius de Moraes

Julgo relevante tecer neste estudo algumas considerações sobre as características das casas dos nossos depoentes.

Há uma linguagem simbólica contida no espaço físico que ocupamos e habitamos. O espaço físico é uma forma consciente ou não de expressão e informação dos nossos sentidos. "No entanto, embora não reste a menor dúvida quanto ao espaço, constituir uma semiótica, um conjunto analisável de signos." (Coelho, 1999, p. 21.)

Ao apresentar e analisar as características das casas, estarei procurando considerar o espaço interior como parte do conjunto maior de significados que os animais têm na vida dessas pessoas, uma vez que tais aspectos não devem ser separados, mas devem levar-nos a uma visão poliocular, como nos recomenda Morin. O espaço mantém um relacionamento direto com o corpo do indivíduo, adquirindo uma significação precisa e direta com o imaginário desta pessoa. Logo, a casa e a forma como está organizada é carga inerente de toda a vivência e a relação que estes sujeitos têm consigo e com o mundo. A significação dependerá portanto das relações sociais que são estabelecidas com os demais.

A aparência é essencial ao mesmo tempo em que o essencial aparece. Nas casas das nossas depoentes, o exterior é quase sempre igual ao interior. Ou seja, o estado de deterioração externo (o essencial que aparece) da casa indica o mesmo estado do interior (essência). Isto fica muito evidente na rua onde a casa está localizada. Esta casa é a diferente. É a que chama a atenção de quem passa pela rua porque aparenta um estado de abandono e falta de cuidados na conservação, destoando, na maioria das vezes, das casas vizinhas. A prática tem-me permitido identificar essas moradias ao realizar visitas domiciliares. Ao estar na rua indicada, procurando o número da casa, quase sempre a encontrei apenas pela aparência, confirmando posteriormente com o número indicado na denúncia. Isto não se caracteriza como um preconceito, mas sim como a repetição de uma prática.

Como um espaço físico da casa dos depoentes ganhou ou perdeu significados e significações? Como foram mudados os conteúdos das casas? Há espaços não-significantes? São estas algumas das questões que ainda me inquietam no dia-a-dia. Cada vez que entro numa nova casa e vejo como o espaço físico é organizado ou "desorganizado", esforço-me para entender o imaginário desses indivíduos.

Cito um verso de Pierre Albert-Birot, antes de entrar nas considerações particulares das casas dos depoentes:

À porta de uma casa quem virá bater?

Uma porta aberta: entro

Uma porta fechada: entro

O mundo bate do outro lado da minha porta.

Entro, então, na primeira porta que se está abrindo.

A casa, que pertence a sra. SG, está localizada na Zona Norte da cidade e com ela habitam cerca de 40 gatos. É um sobrado que teve a construção iniciada há muitos anos e até hoje não foi concluída. Do lado externo observa-se que ele difere das demais casas. As outras estão terminadas. Os blocos de concreto ainda estão à vista. A porta é de madeira, sem maçaneta. As janelas que dão para a rua estão tampadas com madeira. Dentro da casa *"não tem portas nem janelas. Só o meu quarto é que tem porta, mas não tem janela. Ela é lacrada. Nos outros cômodos não tem nada, não tem móveis"*. Não há entrada de luz solar, a casa é iluminada apenas por lâmpadas elétricas. O piso é de cimento. Há uma grande quantidade de caixas e jornais espalhados por toda a casa. São nesses jornais que os animais defecam e urinam. Como não há ventilação na casa, o mau odor que predomina lá dentro ultrapassa o limite que nosso olfato possa suportar. Ela come em pé na cozinha porque não há cadeiras na casa. O quarto onde ela dorme é o único lugar da casa que lembra que ali habita um ser humano. Entretanto, os gatos estavam espalhados por toda a sua cama. Há apenas uma cama velha revestida por uma colcha gasta. O televisor, preto-e-branco, é antigo e sintoniza apenas um canal. Há uma estante de madeira onde estão expostos alguns livros velhos já com suas páginas amareladas pelo tempo. Não há nada novo naquela casa. *"A casa é deles. Eu arrumei a casa para eles (gatos)."*

Os animais não precisam de móveis, de luxo. Eles necessitam apenas de comida. Esses valores são para as pessoas e não para eles. Higiene, limpeza, conservação dos móveis e imóveis são valores que se perderam com o tempo.

Entro na segunda porta.

A sra. GG, diferente dos outros entrevistados, possui duas casas, adquiridas

com o resultado de seu trabalho. Em uma delas ela passa a maior parte do tempo e é onde estão dez de seus gatos. Na outra casa encontram-se mais outros 40 gatos. Os imóveis, localizados na Zona Leste da cidade e em ruas diferentes, estão separados por aproximadamente 800 metros. A casa onde ela mora é menor que a casa onde os outros gatos "moram" e faz parte de uma vila onde estão construídas apenas outras três. A dela se diferencia das outras pelo aspecto externo, com falta de conservação e também pelo odor que exala. Ao entrar na casa percebe-se o odor mais forte. Há jornais dispersos pelo chão, onde os gatos defecam, bem como vários potinhos com ração para eles se alimentarem. Seus móveis são velhos e malcuidados. Na sala, com pouca claridade, a lâmpada está queimada e ela aguarda há vários meses alguém para trocá-la. No sofá é difícil encontrar um lugar limpo para sentar. Há dois televisores, mas apenas um funciona. A estante abriga objetos antigos, livros, calendários com representações de animais, além de uma foto que constata a beleza que ela disse ter quando jovem. A cozinha é o lugar onde ela apenas esquenta suas refeições no microondas. Na mesa, em cima do fogão, os pratos, talheres, copos e panelas estão espalhados desordenadamente. Ela não faz comida e pede para que entreguem em casa. Tudo esta fora do lugar naquela casa. Ela explica que está arrumando, entretanto, são coisas que estão fora do lugar há muito tempo. Vê-se também muita sujeira espalhada pelo chão, mesas, cadeiras, banheiro e por todo o lugar. Ela não varre a casa.

Na outra casa, com cinco cômodos e sem móveis, fica a maioria dos animais. Tudo é reservado para o uso dos gatos. Trata-se de um imóvel velho que precisa de uma grande reforma. Na entrada da casa já se pode sentir o odor dos animais. Dentro, há madeiras e algumas latas usadas de tinta.

Entro na terceira porta que se abre.

A casa das irmãs NC e TC está localizada na Zona Sul da cidade, numa região bastante valorizada. Junto com as irmãs moram cerca de 40 cães SRD (Sem Raça Definida). As casas da rua são bem conservadas e bonitas. A casa das irmãs, além de muito velha, é malconservada. Ela precisa urgente de reformas. Trata-se de um sobrado grande que foi construído com muito zelo pelos pais. Há na sala, ampla, os

vestígios de uma lareira. Não existem móveis na parte inferior, nem os demais que compõem a decoração de uma casa. Apenas um sofá velho, onde os cães dormem, e uma cortina aos trapos. Na cozinha, sem geladeira, encontra-se apenas um fogão velho: *"agora a gente não liga mais"*. Próximo da rua passa um córrego que, ocasionalmente, causa enchentes. Por cinco vezes elas perderam seus móveis nas enchentes. No andar superior tem dois dormitórios. Elas dormem no quarto da frente e o outro é reservado para a confecção do artesanato. Nos armários são guardados suas roupas e documentos. Os cães têm acesso a todos os cômodos. A casa inteira precisa de reparos. Recentemente caiu o estuque de um dos dormitórios, provocado pelas goteiras da chuva. As paredes apresentam rachaduras. Na frente da casa há uma árvore que cobre parcialmente a visão do imóvel. Esta árvore não é podada e o seu crescimento é desordenado. As irmãs NC e TC possuem um carro velho, que fica na garagem. O carro não funciona mais e elas não têm condições financeiras para mandar consertá-lo.

Entro na quarta porta que se está abrindo.

A sra. ECG reside num pequeno apartamento localizado na Zona Central da cidade. Seus companheiros são uma cadela SRD e 14 gatos. O apartamento não é próprio. Ele é composto de uma sala, que se divide em dois ambientes. Um deles serve como cozinha. Há um pequeno dormitório, com apenas uma cama de solteiro, um armário embutido, onde ela guarda seus objetos e roupas, banheiro e área de serviço. O restante do apartamento exhibe alguns móveis: duas ou três cadeiras, uma mesa, geladeira, fogão, uma estante com livros de diversos idiomas, um televisor portátil, que só sintoniza uma emissora, e outras poucas coisas. Todos os móveis são velhos, gastos pelo tempo. O chão é de taco e, nas visitas que realizei, não havia dejetos. Nesta casa, o odor de fezes e urina dos animais não é tão acentuado como nas residências das outras entrevistadas. Entretanto, da porta do apartamento pode-se sentir o cheiro que caracteriza a presença dos animais. Ela afirma não necessitar de mais conforto na casa, *"para mim está bom assim, não preciso de mais nada. Tenho uma caminha para dormir e uma comidinha simples para comer"*. O local está organizado para os seus gatos: *"a casa agora é dos bichos. Agora eles são os donos da casa. Antes eles não entravam no quarto. Eles agora estão à vontade por aí. A casa é para eles"*.

Não posso entrar na quinta porta porque ela está fechada.

A casa da sra. VCG localiza-se na Zona Norte de São Paulo. Com ela residem 15 cães (SRD) e cerca de seis gatos. Não pude entrar na casa porque os cães estavam muito agitados e não me senti segura o suficiente no território dos animais. A sra. ECG não tinha também as condições físicas necessárias para segurar os animais enquanto eu estivesse dentro da casa. Informou-me que sua casa tem sala, quarto, cozinha e banheiro: *"a minha casa está suja. Eu tenho problemas nos rins e não posso me mexer muito"*. Descrevo as condições externas da casa. Ela foi construída no ano de 1962 e está precisando de uma reforma. A pintura está gasta e pode-se observar vários materiais inservíveis espalhados pelo quintal. Há uma mesa do lado de fora e algumas cadeiras. Vê-se abundância de vegetação na área externa: plantas, árvores e mato.

Entro na sexta porta que se abre.

A casa do sr. BCG acha-se localizada na Zona Sul da cidade. Em sua companhia estão 10 cães e 8 gatos. É um sobrado grande composto de uma sala muito ampla, com a presença de móveis raríssimos, uma cozinha, dois dormitórios, que ficam no andar superior, e um banheiro. A casa é um misto de decoração, ali estão alguns móveis de juta. Os outros são muito velhos. Ele disse que as coisas mais novas da sua casa eram o carro (modelo 85), o rádio e o televisor. A entrevista foi realizada no seu quarto, onde há um quadro com a foto de um navio de guerra. As outras coisas são também lembranças do seu passado. Os animais ficam espalhados pela casa inteira. Pode-se constatar também a falta de higiene e um forte odor dos animais e de creolina em todos os ambientes. Na entrada há uma árvore muito grande, que não é podada com a devida frequência, suas folhas encobrem a fachada da casa. Esta árvore indica que ali é a casa do *"homem que gosta de animais"*, pois as pessoas sempre deixam animais no seu portão para ele cuidar.

Concluída a apresentação das casas dos depoentes, teço a seguir algumas considerações dos significados dados pelos depoentes sobre suas casas, especialmente

no que se refere à sujeira encontrada.

A primeira é com respeito a uma troca entre a casa do dono e a casa do cachorro. Nas muitas situações que observei, a casa passa a ser dos animais: "*eu moro com os animais*". O espaço físico ficou organizado em função das necessidades dos animais e não para satisfazer as necessidades humanas. Geralmente as casas dos cachorros ficam nos fundos dos quintais. Em várias dessas casas, porém, tive a sensação de que o idoso mora na casa do cachorro e o cachorro mora na casa do idoso. A mesma coisa pode ser dita em relação aos gatos que ocupam quase todos os espaços da casa.

A outra consideração refere-se à sujeira encontrada nas casas. As idéias sobre a sujeira fazem parte de um sistema simbólico, que se compõe basicamente de duas coisas: o cuidado com a higiene e o respeito às convenções sociais. As regras de higiene e limpeza mudam de acordo com o conhecimento da ciência. Cito como exemplo o banho. Até o desenvolvimento da microbiologia e da patologia o uso do banho e práticas do asseio corporal não eram recomendados. Acreditava-se que o banho abria os poros e isso favorecia a entrada das doenças. Não tomar banho, portanto, fazia parte de um código convencional e cultural.

Fica claro que para este grupo de pessoas, com respeito à sujeira e à desorganização espacial presentes em suas casas, o que não está com ela, não é parte dela, logo, não está sujeito a suas leis. Ao se exagerar a diferença que existe entre o dentro e o fora, o limpo e o sujo, o humano e o animal, o novo e o velho, o odor e o aroma, torna-se evidente que uma nova ordem é criada e estabelecida. Assim, "a reflexão sobre a sujeira envolve reflexão sobre a relação entre a ordem e a desordem, ser e não ser, forma e não-forma, vida e morte." (Douglas, p. 16, 1976.)

Quando as regras de higiene e limpeza são rigorosamente violadas por essas depoentes, gera nos vizinhos e na comunidade uma profanação do limpo e do sagrado. A sujeira é por conseguinte uma contravenção da ordem que as depoentes não adotam, ao rejeitarem o código de comportamento humano e de normas ideais. Pergunto com

frequência às pessoas que possuem um grande número de animais se elas sentem o odor que exala dos dejetos desses animais. A resposta é quase sempre negativa ou, então, que já se acostumaram com o cheiro. A norma portanto é que quebrada.

Concluindo as considerações: a visão higienizada de limpeza foi rompida pelos depoentes. Eles estão isoladas do convívio social, não tendo portanto o signo de inclusão. Também não fazem mais questão de serem incluídas neste contexto sociocultural. Suas relações estão num outro padrão que não o humano. Assim, não precisam mais manter suas casas limpas, arrumadas, perfumadas, móveis novos. Os animais não necessitam desse código. O deles é outro. É a manutenção da vida por meio do alimento e da proteção. As demais coisas, o resto, são símbolos humanos, não animal.

"OS ANIMAIS NÃO TRANSMITEM DOENÇAS"

Os depoentes acham que seus animais, cães e gatos, não lhes transmitem doenças e tampouco às outras pessoas. O fato de viverem há tantos anos com muitos animais e não terem contraído nenhuma doença reforça-lhes a crença de estarem imunizados e protegidos contra as zoonoses. É como se fosse um pensamento mágico. As informações que passo a eles sobre as zoonoses não rompem os símbolos elaborados. Estes símbolos são rígidos e se reforçam pelo fato de os depoentes nunca terem mantido contato com alguém que teve raiva. Mesmo quando os animais apresentam outras zoonoses, por exemplo, escabiose, eles não reconhecem que esses animais estejam doentes.

Uma entrevistada assim se manifesta quanto à possível contaminação:

Não acredito. Só pode transmitir a raiva, mas outras doenças não. (GG)

Outra diz o seguinte:

Eu vivo desde pequena com os animais e nunca peguei doença nenhuma. Nunca, nunca. (TC)

A afirmação de VCG generaliza a questão da não transmissão:

Bicho não transmite doença porque eu fui criada no meio dos bichos. Eu fiquei doente só depois que vim para São Paulo. (VCG)

A sra. ECG também se manifesta no sentido de uma visão generalizada para concluir sobre sua pessoa:

Se transmitisse eu estaria muito doente. Porque tive tanto bicho doente em casa e nunca peguei nada. Estas doenças de pele, sarna, nunca tive nada disso. (ECG)

Nas falas das entrevistadas fica evidente o homem como sendo o impuro, o contaminador. Assim, a declaração a seguir é:

Quem contamina sempre é o homem com suas maldades. (GG)

Esta é uma explicação geral presente nos discursos de todos os entrevistados. A opinião abaixo reforça o que foi interpretado:

Quem transmite Aids? Quem transmite tuberculose e outras doenças para o homem? É o próprio homem. (GG)

Outra depoente assim se manifesta:

As doenças que os cachorros têm não passam para a gente, principalmente os vermes. E a gente não pega as doenças do cachorro. E nós não passamos para eles. Geralmente as doenças dos cachorros são provocadas por vermes. (NC)

Há um reconhecimento por parte dos entrevistados de uma classificação

animal em que os cães, gatos e outros animais domésticos ocupam a primazia. Esses animais não fazem mal e nem transmitem doenças aos homens. Portanto, são bons para o convívio. Do lado inferior nesta classificação animal, o rato é o seu principal representante. Ele, juntamente com o homem, é agente transmissor de doenças. Ao gato é dada a autorização para matar e torturar o rato pois este é nocivo. Assistir ao gato caçar o rato dá um certo prazer ao observador do espetáculo.

O rato transmite a doença. Ele é perigoso. Eu tive uma vizinha que morreu por causa dos ratos ... Eu assisto aos gatos fazerem a festa (matarem) com os ratos. (SG)

Não tenho dó de rato porque ele é perigoso. Dos outros bichos eu tenho dó... os pombos são tão mansos, são tão bonzinhos. Meu Deus! Que coisa mais linda é o pombo! (GG)

A depoente GG num requerimento de indeferimento de multa assim se manifesta com respeito aos seus gatos e também aos ratos:

Para mim, os gatos são animais limpos, gostam de lugares limpos e são muito úteis à sociedade, pois que matando os ratos nos livram da leptospirose. Os gatos vão nos telhados, forros e porões das casas à caça desses ratos. Em frente a minha casa, na mesma calçada, tem um bueiro onde à noite sai a ratazana e camundongos e entram no meu jardim e os meus gatos dão caça a eles.

Fica claro ao interpretar os discursos dos entrevistados que há uma idéia predominante sobre a pureza e o perigo, sobre o que pertence ao sujo e o que é contaminado.

Estão isolados, não têm contato. (SG)

SG justifica que não há perigo de transmissão de doenças, tendo em vista o isolamento dos animais. A idéia é tão presente que cito, como exemplo, uma visita

realizada a casa de uma pessoa não pertencente ao grupo de depoentes e que tem gatos. Antes de entrar, ela solicitou-me que retirasse o calçado para não contaminar a sua casa. Ela retira o calçado sempre que entra em casa. Andar na rua já seria suficiente para pegar as doenças. O fato de os animais permanecerem dentro de casa isenta-os da contaminação que está no externo, que está na rua. A casa é sempre limpa e a rua sempre suja.

Ao argumentar com os depoentes sobre a possibilidade de contaminação, dando como exemplo a raiva, prevalece a idéia de que o risco vem de fora. Se os animais não saírem não se contaminam. É importante ressaltar que este argumento é tão forte ao ponto de a maioria deles, presentes nessas relações, não ser vacinada contra a raiva e tampouco contra as demais doenças inerentes aos animais domésticos.

Uma entrevistada assim se referiu sobre a raiva:

Eu tenho gatinhos que nunca foram vacinados. Não existe perigo de pegarem raiva porque estão em casa, não há outros bichos e estão protegidos. (ECG)

Outra depoente assim se manifestou quando perguntada sobre a raiva e se ela sabia da existência da doença. Ela se referiu à raiva sentimento e não à doença.

Já vi cachorro raivoso mas foi por passar fome. Aquele ali (mostrou-me o cachorro) tinha raiva do seu dono. Ele não gostava do dono. Quando ele vinha aqui e ele via ele, ele rosnava para ele. Era raiva porque ele (o ex-dono) maltratava o pobrezinho. (VCG)

Quero lembrar que a raiva humana está controlada no Município de São Paulo desde 1981 e a raiva animal, de 1983 para cá. Isto implica dizer que nesse período não houve o aparecimento de nenhum novo caso, entretanto o vírus rábico circula em espécies silvestres. Nos anos de 1989, 1990, 1997 e 1999 foram diagnosticados seis morcegos positivos para a raiva, prevalecendo o risco de contágio entre morcegos e os animais domésticos e também para o homem. Cito, a título de exemplo, que um dos

morcegos positivos para raiva foi encontrado no ano de 1997 caído no chão do Parque Trianon, na região da avenida Paulista, na cidade de São Paulo. No local, viviam vários gatos que eram alimentados por munícipes, acarretando o risco de contato e conseqüente transmissão da doença aos gatos. (Fonte: CCZ - DTCR)

O fato de a doença estar controlada há muitos anos passa a falsa idéia, para a maioria da população, de que ela não existe mais. Uma das ações do C.C.Z é manter a vigilância da doença, evitando o seu aparecimento novamente em São Paulo. No Brasil, os casos notificados de raiva humana no ano de 1998 foram em número de 26 ocorrências. Em 17 desses casos (65%) o cão foi o animal transmissor. O último caso de raiva no Estado de São Paulo aconteceu em 1997 e foi provocado pelo cão. (Fonte: Instituto Pasteur)

Parece-me importante ressaltar o livro *Pureza e Perigo*, de Mary Douglas, que aponta para o sistema simbólico presente nos entrevistados. Para esta autora:

"A sociedade não existe num vácuo neutro, sem comando. Está sujeita a pressões externas; o que não está com ela, não é parte dela e não está sujeito a suas leis, é potencialmente contra ela". (Douglas, p. 15, 1976.)

Assim, há uma crença presente nesses idosos ao eleger os animais, neste caso, cães e gatos, para dividir consigo as suas vidas, separando e ao mesmo tempo protegendo-os do contato com outros seres e ainda, por acreditarem em sua pureza, não há o perigo de eles lhes transmitir doenças. Há uma "categoria de pensamento, as quais são pesadamente salvaguardadas por regras de escape ou por punições." (Douglas, p. 16, 1976.)

Se as depoentes aceitassem a idéia de que seus animais lhes transmitem doenças, estariam admitindo serem eles uma fonte de ameaça e perigo. Elas os amam e por isso os protegem, não podem rejeitá-los. O contágio seria também como a declaração do perigo dos animais.

“EU ERA BONITA E ELEGANTE: HOJE SOU UM BONDE!”

O que vale é o presente momento, o agora.”

Virgínia Woolf

Há uma contraposição do passado ante o presente. O passado é sempre lembrado como o período dos bons momentos, mas, em geral, o que o caracteriza são os dissabores vividos. Assim, as más lembranças sobrepujam as boas.

Desta maneira a beleza física e a sensualidade do passado são destacadas por estas depoentes:

Olha, nós éramos bonitinhas. Como secretária da diretoria eu trabalhava até tarde e todos os nossos colegas falavam que queriam ter uma namorada como nós.
(TC)

Eu era bonita. Eu era elegante. Tinha umas pernas bem torneadas. Os homens mexiam comigo... Um chamava o outro. Eu ia andando. Tinha um jornaleiro que só ficava me olhando. E eu passava séria. Uma vez ele não se conteve. Eu estava com um vestido cor-de-rosa salmão. Era morena, cabelos grandes. Ele disse pra mim: essa é a moça mais bonita da cidade! Eu fiquei vermelha, azul, amarela... eu não gostava dessas coisas. E o pessoal falava: Deus te conserve sempre assim. (GG)

E a decepção:

Ele não conservou! Eu estou um bonde agora. (GG)

Os depoentes não valorizam a manutenção e a conservação da aparência física. O uso do banho não é freqüente, bem como dos cuidados que as pessoas têm com a aparência e conservação física. Hoje, eles não precisam mais que os outros os reconheçam como um de seus iguais.

"EU NÃO QUIS CASAR!"

Nas histórias de vida das entrevistadas, o fato de elas não terem se casado está associado à figura masculina com as quais elas se relacionaram enquanto crianças e adolescentes.

Diversas circunstâncias impediram essas pessoas de alcançarem um bom entendimento a dois no decorrer da vida. Foram casamentos infelizes, sem o prazer sexual e o respeito à pessoa, além do medo de se envolverem em relacionamentos afetivos. A seguir são apresentadas queixas da maioria das depoentes sobre este assunto:

Eu tive um namorado no Rio que era engenheiro eletrônico. Ele queria casar comigo. Mas eu não quis. (NC)

Eu gostei de um palestino. Não deu certo. Eu era boba e orgulhosa. Ele nunca soube que eu gostava dele. Ele foi o grande amor da minha vida. Ele sofreu um acidente e morreu logo depois. (TC)

Eu andava tão séria que nem queria saber de namorar... eu quis só estudar. Tinha uma pessoa conhecida da minha mãe, louco para casar comigo. Minha mãe disse para ele que eu só queria estudar. Ele falou que poderíamos casar e eu continuar a estudar. E eu lá queria saber de homens! (GG)

O meu pai faleceu em Franco da Rocha. Ele era doente mental. Então me disseram que essa doença não pega nos filhos, somente nos netos. Eu fiquei impressionada com isso. Talvez isso seja uma das causas por que não quis casar. Inconscientemente eu não quis ter filhos e nem me casar. Pode ser esta a causa. (ECG)

Ela continua ainda a dizer por que não se casou:

Outra coisa. Eu tive um namorado que tinha uma irmãzinha doente. Ele não sabia que eu sabia. Ela tinha uma anormalidade física. Eu gostava muito dele. Ele me

falou isto e me impressionou, porque ele me disse um dia assim: eu gosto muito de você. Mas eu infelizmente queria ter família e filhos. Eu sei que você tem um pai doente e isso me incomoda muito para o nosso futuro. Pode ser que isso tenha me marcado. Eu era jovenzinha, com 17 anos.... depois tinha aquela criançada para cuidar (os cinco irmãos menores). (ECG)

Podemos concluir que cuidar de gatos e cães é muito mais certo do que arriscar a ter filhos doentes físicos ou mentais.

"OS VIZINHOS QUEREM QUE A GENTE SUMA DAQUI"

Os vizinhos dos entrevistados são aqueles que procuram o serviço público para registrar e oficializar o incômodo que estas pessoas lhes causam. Quando o vizinho formaliza a denúncia ele já está no limite da sua paciência e praticamente tentou tudo para resolver o problema. Os entrevistados não têm uma convivência amigável com seus vizinhos. Estes também não suportam mais essas pessoas por causa dos transtornos. Há um conflito de interesses e o serviço público passa então a ser o intermediador.

Freqüentemente ouço dos vizinhos reclamações a respeito desses idosos. Algumas refletem questões básicas e importantes, mas outras são incoerentes. As pessoas falam dos animais, da falta de higiene e do odor que os incomodam. Nessas reclamações está um discurso velado de que quem lhes incomoda é "o velho louco", "a velha bruxa" ou "velhos," adjetivados pela incompreensão e intolerância dos vizinhos. Dessa forma, o discurso sanitário quanto aos animais perde a objetividade e dá lugar ao preconceito à pessoa idosa. Os elementos que compõem o discurso oficial (animais) levam em conta uma avaliação objetiva no sentido de pedir providências ao setor quanto aos animais, mas na verdade o que está contido nele é o desejo de remover os velhos que vivem do lado de suas casas. Portanto, conviver com uma velhice que não desejamos para nós é muito difícil. Seria então a substituição da zoonose pela

"gerontonose", numa tradução livre como sendo "incômodo provocado pelos velhos".

Aqui na rua A. P. não tem ninguém que presta. Olha, a gente já morou em outros bairros. Meus pais ficaram doentes por vários anos. Nenhum, nenhum dos vizinhos veio visitá-los. Ninguém foi perguntar se a gente precisava de ajuda. (TC e NC)

As entrevistadas afirmam que os vizinhos não lhes querem bem. Elas continuam se lamentando:

Eu acho que eles querem que a gente suma do pedaço. A gente nem fala com eles, nem cumprimenta ... há pessoas que moram aqui e não têm educação. (TC)

...Os vizinhos aqui são cada um pra si. Por exemplo, os do lado de lá têm uma representação de carro e têm dinheiro. São chamados de novos ricos. Eles pensam que a rua é deles e que podem comprar e fazer tudo. (NC)

Eu sou conhecida aqui no bairro como "a mulher dos gatos". Eu me sinto bem com isso. (SG)

Para os entrevistados, quem não gosta de animais é inimigo. Nesta relação, os vizinhos que se sentem incomodados com a presença dos animais são considerados seus inimigos. Uma entrevistada referiu-se à vizinha que implica com ela como sendo "bruxa velha", o mesmo adjetivo com o qual os denunciantes se referem às idosas que têm um grande número de animais:

Aquela bruxa velha, porque ela não gosta de criação. Quem gosta de bicho é amigo. Eu gosto de quem gosta de animais. Ela é muito implicante e ignorante, aquela mulher lá. (VCG)

"HOJE EU NÃO TENHO MAIS AMIGAS "

Os contatos sociais dos entrevistados são escassos. Têm poucos parentes, e

quando são irmãos ou irmãs, trata-se de pessoas tão ou mais velhas que eles sem o hábito de visitar. Quanto a amizades, elas não cultivam um relacionamento social. Quando ocorre, só com pessoas que abraçaram a mesma causa de proteção animal e o relacionamento gera em torno do animal.

Assim diz esta entrevistada sobre suas amigas, resumindo o que acontece com as demais:

Eu tive amigas, mas hoje não sei mais delas. Eu não tenho os endereços. Perdi o contato. Elas se casaram, tiveram filhos, netos. Hoje eu não tenho mais amigas. Elas não têm tempo. Eu não gosto de passear. Durante toda minha vida trabalhei na cidade. Não quero mais saber de lá. Eu prefiro ficar dentro da minha casa. Seu eu ficar cansada eu pego qualquer coisa. Mandei consertar a minha televisão que ficou dois anos estragada. Também, o que tem na TV? Nada! Vai ver Cidade Alerta? Tem aquele Leão, tem o Ratinho... Que horror! Isso é programa de baixo nível! (GG)

O depoente assim se manifestou quanto aos seus amigos:

Tenho poucos, mas a maioria deles já faleceu. (BCG)

A depoente GG continua seu raciocínio justificando por que não precisa da companhia de outras pessoas:

Que companhia o quê? A única companhia é a gente ter o pensamento em Deus, pegar a Bíblia e ler. A Bíblia ensina muita coisa. (GG)

"EU SEMPRE TIVE BICHOS"

Para quase todos os depoentes, os animais domésticos e de estimação sempre estiveram presentes em suas vidas, sendo esta convivência desde o tempo em que eram crianças. A intensidade da relação foi-se alterando à medida que os anos

foram passando. Lembro de que os depoentes foram crianças nas décadas de 30 e 40 e que nesses anos era muito freqüente a presença de animais nas casas que possuíam quintais amplos. Algumas delas também nasceram em cidades do interior com características bem diferentes das grandes cidades, onde ter animal doméstico era comum.

Acredito que convivo com os animais desde que nasci. Tinha gato, cachorro e galinha lá em casa... Os gatos eram da minha mãe... ela gostava muito de cabras e de gatos. (SG)

Minha mãe sempre teve bichos. Ela gostava muito. Mas na casa de minha avó não tinha. Na casa da minha mãe, eu ia lá e olhava, passava a mão, mas não tinha este desespero por eles como agora. Minha mãe assumia os gatos. Não eram meus. (ECG)

Sim, desde pequena, eu tive cachorrinho. O meu primeiro cachorro chamava-se Chila. Eu tinha cinco ou seis anos. Eu lembro dela. Depois ela sumiu. Aí eu tive a Mimoso... Depois tive a Mimoso Branca. (GG)

No caso desta entrevistada os animais eram muitos. Sua casa era grande e com quintal:

Na casa da minha mãe os gatos eram à vontade. Não dava para contar. O gato que aparecesse a gente cuidava e dava comida e também leite de cabra. Era eu quem tirava o leite. (SG)

Ela conta também sobre seu relacionamento com galinhas:

Já tive umas 80 cabeças de galinha. Eu não comia as galinhas e nem como até hoje. Quando elas estavam prontas para o abate, a gente ia na avícola e trocava por uma novinha para eu criar. Eu não como a carne de galinha porque parece que eu estou comendo gente. Olha que horror isso! (SG)

Outra entrevistada fala:

Eu sempre gostei de bichinhos. Desde pequena. A nossa vizinha, uma senhora de idade, tinha gatinhos pequenos e a casa dela estava sempre cheia de gatos. A gente gostava de ir lá e brincar com os gatinhos. Nós duas. Depois nós fomos morar na Alemanha... um dia minha avó achou um pato embaixo de um arbusto. Aí ela recolheu. Os caçadores, e eram muitos, haviam matado a mamãe dele. Aí ela levou pra casa e ele morava conosco. Aí ele ficou bem grande e a dona da pensão ofereceu para levar ele junto com o rebanho para as montanhas. Aí ele foi e nunca mais a gente viu ele. (TC)

A outra irmã lembra do seguinte fato com um cachorro, quando era criança:

Depois tivemos um cachorro. Mas aquele dava muito trabalho. Naquela época se vendia carvão nas ruas. E o nosso cachorro não suportava o carvoeiro e nem gente preta. Ele sempre avançava e mordida no bumbum. A gente tinha que amarrar ele. Ele viveu conosco 13 anos e morreu em nossa casa. Acho que ele viveu 15 ou 16 anos. Quando morreu nem podia se levantar para comer. (NC)

Esta entrevistada morava na roça e lembra do seu relacionamento com animais na infância:

Lá a gente tinha tudo quanto era bicho: cachorro, gato, galinha, pato, porcos soltos. Não gosto nem de lembrar. Tinha um porco lá que ia sempre na cozinha e ficava deitado. No dia em que se foi matar aquele porco, eu e minha mãe fomos para a casa da vizinha para não ver matar. (VCG)

O entrevistado teve também contato com animais desde pequeno:

Fui criado com bichos. Nossa casa era cheia de animais de todos os tipos. Lá na Sumatra o orangotango é um bicho doméstico. Meu pai me deu dois orangotangos e eu fui criado junto deles. Meu pai também ganhou dois tigrinhos

marrons. Depois ele deu para outras pessoas criar. Inclusive meu irmão tem uma foto desses tigrinhos. (BCG)

Ele continua, contando agora sobre as cobras:

Na Indonésia, a gente criava cobras para matar os ratos. Lá têm muitos ratos e as cobras acabavam com os ratos. (BCG)

"NUNCA PONHO NOME FEIO"

Quando os entrevistados escolhem nomes para seus animais, na verdade estão diferenciando-os dos demais, relevando a individualidade deles. Eles reconhecem cada um e por isso identifica-os com um nome. Fuchs assim nos diz sobre a escolha dos nomes para animais:

"Parece que dar nome é afirmar a individualidade de um ser ou de um objeto. O nome do animal geralmente vai além das exigências impostas pela raça e aspecto externo e se materializa nalgum signo que relaciona o animal e a pessoa de uma maneira peculiar." (Fuchs, p. 73, 1987.)

Ilustro esta afirmação com a cantora e compositora Rita Lee, que tem sido uma defensora e protetora da causa dos animais no Brasil. Ela possui em casa 11 animais de estimação, de diferentes espécies. Todos eles têm nome e pode-se observar as particularidades e associações que cada animal representa para ela. Numa entrevista recente ela assim apresentou seus animais:

"Pingo adora um livro, é telepático e muito educadinho; Mike canta que é uma beleza; Ziggy é um gigante gentil, quando pula na gente, derruba e parte para lamber; Mahatma, ele fica meditando no topo da casinha; Inezita, homenagem a Inezita Barroso; Sophia é tão magrelinha que nem peso tem, é muito carente e vive no colo de todos da família, como toda caçulinha, e Nikita, que mora no telhado e só volta para as refeições." (LEE, 2000, s.p.)

Todos os entrevistados ao escolherem os nomes para os seus animais procuram associá-los a coisas e fatos positivos ocorridos em suas vidas ou então

identifica-os com nomes de pessoas. Quando assim definem, a preferência recai sempre para artistas famosos.

Eu tenho o Mussum, o Zetti. Ele está por aí. Ele joga bola comigo... eu tenho a Hebe, a Xuxa... o Pelé, o Gugu. A Xuxa é branca. O Gugu é amarelo, está vendo? Ele não é loiro? O Mussum é negro e bravo. (GG)

Eu associo os nomes a pessoas, a coisas que li ou a coisas boas. Nunca ponho nome feio e nem triste. Tem gente que põe. Uma senhora que conheço chama o gatinho de Trapinho. Eu acho que não se pode fazer isso. Coitadinho! (ECG)

A cachorrinha é a Beatriz e não vejo problema nisso. Pelo contrário. Eu tenho também a Ludmila. Tem a Pitucha, a Manolita. Depois tenho a Dúnia, que é um nome comum na Rússia. Tem a Fanny, que é a diminuição do nome Stefanie. (ECG)

Nós conhecemos cada um dos cachorros. Todos têm nome. Um se chama Cob, de Cowboy. Depois tem o Cookie, de bolacha. Ele era tão bonitinho que parecia uma bolachinha. Outro se chama Maruskas. É um nome russo. (NC e TC)

Esta amarela se chama Chica. Era o nome da mulher que fazia massagens. Este outro é branco. Ele me acompanhou na rua e eu trouxe ele para casa. Aquele é o Macaco. A mãe dele veio para cá e não quis ficar. Aquele lá é o Neguinho. Esta é a Branca. Aquele é o Negão. Essa aí eu peguei na rua também. Ela estava chorando, tremendo de frio. Mas não me dá um pingão de trabalho. (VCG)

Eu tenho seis gatos dentro de casa. Eles não incomodam ninguém. Os nomes são Frank. Ele é velhinho e tem quase 17 anos. Tem o Pretinho, a Pininha. Foi a minha esposa que escolheu os nomes deles. Tem uma cachorra que se chama Nega e outros. (BCG)

Outros exemplos de nomes dos animais:

Bigode, Suzi, Mariazinha, Fofo, Estrela, Xodó, Princezinha, Leão, Lola, Tupi, Xororó, Miona, Pink e mais uma centena de nomes...

Nenhum dos depoentes conseguiu dizer os nomes de todos os animais que possuem em casa. Alguns deles se confundiram na hora de identificá-los. Tenho aprendido pela experiência profissional que os donos de muitos animais quando indagados sempre informam possuir um número inferior. Declarar o nome de todos seria a prova de que o número deles excede ao que eles negam.

"EU GOSTO DOS DOIS" (cachorro e gato)

Os depoentes gostam de todo tipo de animal. Mas elegem o gato e o cachorro ou os dois para serem seus companheiros e dividirem com eles a experiência de suas vidas. A escolha está associada às características que esses animais têm. Muitas dessas características são consagradas popularmente. Ao cachorro se associa a fidelidade, a companhia e a submissão. O gato é livre, limpo e independente.

Antes de passar a palavra às depoentes vou registrar dois poemas que resumem a qualidade desses dois animais para os seus amantes:

Pablo Neruda, grande poeta chileno, assim apresenta o gato:

Ode ao Gato

*Os animais foram
imperfeitos,
compridos de rabo, tristes
de cabeça.
Pouco a pouco se foram
compondo,
fazendo-se paisagem,
adquirindo pintas, graça, vôo.
O gato,
só o gato
apareceu completo*

*e orgulhoso:
 Nasceu completamente terminado,
 anda sozinho e sabe o que quer
 (...)*

*Oh! pequeno
 imperador sem orbe,
 conquistador sem pátria
 mínimo tigre de salão nupcial
 sultão do céu
 das telhas eróticas,
 o vento do amor
 na intempérie
 reclamas quando passas e
 pousas
 quatro pés delicados
 no solo,
 cheirando,
 desconfiando
 de todo o terrestre,
 porque tudo é imundo
 para o imaculado pé do gato.*

Vinícius de Moraes escreveu este poema, que faz parte de uma série de poemas dedicados aos animais:

A Cachorrinha

*Mas que amor de Cachorrinha!
 as que amor de Cachorrinha!*

*Pode haver coisa no mundo
 Mais branca, mais bonitinha
 Do que a tua barriguinha
 Crivada de mamiquinha?
 Pode haver coisa no mundo
 Mais travessa, mais tontinha
 Que esse amor de Cachorrinha
 Quando vem fazer festinha
 Remexendo a traseirinha?*

Eis as razões pelas quais esta depoente escolheu o cachorro:

Eu prefiro cachorro. Os cachorros são mais inteligentes. Os gatos são mais

vagabundos. Eles trepam no telhado e depois desaparecem até achar um companheiro. O cachorro não. Ele é fiel ao dono. O nosso por exemplo, ele fugiu porque tinha medo de outras pessoas. Ele fugiu mas ficou perto de nossa casa. A gente ia fazer compras e ele nos acompanhava. Chegava no Pão de Açúcar e a gente dizia: você não entra na loja. Ele ficava esperando. Depois ele saía para nos acompanhar. Cachorro é o melhor amigo do homem. (TC)

Esta depoente já prefere os gatos. As principais razões são estas:

Os cães são úteis, mas os gatos são melhores. E outra coisa: os gatos são mais limpos. O cão faz coco em qualquer lugar e o gato não. O gato só faz em cima do jornal onde você ensina. Eu gosto de todos os animais, até do elefante. Eu adoro, só não gosto de morcegos e ratos. (GG)

E ela continua sua argumentação quanto a escolha do animal:

Os gatos são carinhosos por demais, mas às vezes por interesse. O Zetti é ciumento. Se estou no telefone falando, dando uma risada, lá vem ele e fica bem perto de mim e começa a se esfregar. Ele fica emburrado, dá a volta e vem. Eles entendem tudo que a gente fala. Porque eu falo assim para a gata quando ela quer sair: não! Já pra dentro! Não pode sair! Ela entende porque é esperta. (GG)

O depoente prefere as duas espécies:

Gosto de gato, de cachorro. Eu gosto de todos os bichos. Já peguei até um preguiça. Cuidei dele e levei para o zoológico. Não dá para separar. Cachorro é mais fácil de obedecer. Mas gosto de todos. (BCG)

Esta depoente já prefere as duas espécies, entretanto demonstra serem os gatos os menos favorecidos:

Eu gosto dos dois. Agora eu acho os gatos mais sujeitos ao sofrimento. Ele

é menorzinho, não se defende. Já o cachorro, todo mundo gosta. Eu gosto dos menos favorecidos. (ECG)

Quero chamar a atenção para a lógica do pensamento na escolha do animal pelos depoentes. Tal lógica é dada pela contraposição de idéias quanto as qualidades de um e do outro animal. Assim, um é melhor do que o outro porque é fiel (cão) e o outro não é melhor para esta mesma pessoa porque é livre (gato).

Fica ainda evidente o desejo de escolher o menos favorecido. O raciocínio é que de cachorro todos gostam. Quanto aos gatos já há reservas. Então, se escolhe o gato porque ele é menos favorecido nesta hierarquia afetiva.

"ELES PROTEGEM NOSSA CASA"

Os animais, principalmente os cães, proporcionam aos depoentes o sentimento de segurança. Na sua maioria, trata-se de pessoas que se sentem indefesas fisicamente e emocionalmente para enfrentar a violência urbana. A presença do grande número de animais em casa dá a segurança de que eles precisam.

Assim esta depoente se manifestou, ilustrando a situação:

Sabe, em geral os cachorros protegem os donos. Se entrar alguém em nossa casa, eles ficam perto e não deixam ninguém se aproximar. A gente se sente segura. Principalmente agora que não temos nenhuma tranca nas portas. A gente deixa tudo aberto. Ninguém vai pular na nossa casa. (TC)

E sua irmã continua a desenvolver a idéia, creditando aos cães a importante tarefa de protegê-las de todas as intempéries da vida:

Eles protegem nossa casa. São nossos únicos protetores. (NC)

Por outro lado, há também a construção de um significado com respeito à punição para as pessoas que não gostam ou maltratam os animais. Uma das depoentes lembra da história de um vizinho que mandou o cachorro embora e justamente na noite em que o animal foi dispensado o ladrão entrou na sua casa. Fica evidente a mensagem de que em algum momento da vida essas pessoas pagarão por isso. Assim ela contou:

A casa que não tem cachorros os ladrões não respeitam. Uma vizinha minha tinha um cachorro. Eles começaram a ter nojo do cachorro e não quiseram mais o cachorro. No dia em que mandaram ele embora o ladrão roubou o tanquinho, justamente na noite. Cachorro dá segurança. (VCG)

"ELES ME FAZEM CARINHO!"

A miséria afetiva é tão ou mais grave do que a miséria material, pois tira do ser humano a sua condição de homem participante de um agrupamento e porque conduz o homem a mesquinhez, a solidão.
Roberto Schinyashik

Tato é essencialmente contato e conseqüentemente uma forma de comunicação com o mundo externo. Tocar e sermos tocados é tão importante quanto nos alimentarmos. Toque, afago, estímulo, contato físico são formas de reconhecimento social. A ausência do contato físico na velhice é para muitos idosos a representação do abandono e solidão.

Para este grupo de pessoas não há contatos com humanos com muita frequência. Quando eles ocorrem, são distantes. Toda a referência afetiva delas está relacionada com o animal, inclusive o contato físico. Os entrevistados não têm parentes próximos, seus vizinhos não os visitam porque não lhes querem bem. Não há cartas e também não há telefonemas.

O vínculo estabelecido com os animais parece-me ser uma forma de satisfazer a necessidade de tocarem e serem tocadas. Eis o que disseram as depoentes:

Eu prefiro o contato com os animais do que com pessoas. Prefiro mesmo! Quando uma pessoa me abraça, sei que está abraçando, mas não é a mesma coisa quando o gato faz assim com a cabeça (faz o gesto ronronando no seu rosto). Ele parece que quer beijar. A boca dele é diferente da nossa. (SG)

Outra depoente assim se pronunciou quanto ao contato com as pessoas:

Não gosto de abraçar as pessoas. Sabe por quê? Eu acho muita falsidade. Eu nunca fui falsa para ninguém. Elas é que são. A minha irmã já gostava de agarrar as pessoas. Eu não abraço nem meus sobrinhos. (GG)

O gato chega, inclusive, a "abraçar" esta mesma depoente:

É no pescoço. Ele abraça. A gente sente ele apertar um pouquinho. Gato é quente. Quando eu sento no chão assim, eles vêm no meu colo. Por que procura? Porque sabe que eu não vou judiar deles. (SG)

Os animais desta entrevistada dão o carinho que ela tanto necessita:

Eles sobem no meu colo. Você está vendo como eles estão aqui ao meu lado, deitadinhos e quietinhos? (VCG)

Esta descreve o carinho:

Sim, eles fazem carinho. Tem gatinho que vem passar a carinha na gente, vem lambar. Esta Fanny, eu chego a cara perto dela e peço um beijinho. A impressão é que ela entende... então ela vem assim, me encosta (mostra como o gato faz em cada ponto do rosto) nos quatro pontos do rosto. Depois ela volta e começa de novo. É como se fosse um beijinho. (ECG)

"A NOSSA FAMÍLIA SÃO OS BICHOS"

Os entrevistados estão numa faixa etária em que têm poucos parentes de primeiro grau vivos. Quando os têm, são pessoas mais idosas ou tão idosas quanto eles. Os sobrinhos cuidam de suas próprias vidas e não conservam o vínculo afetivo com esses tios. Sendo assim, eles se consideram como tendo parentes.

Os animais representam a família que eles não tiveram ou que hoje já não têm mais. São pessoas solitárias que vivem rodeadas por gatos e cães. Conhecem cada animal pelo nome e por suas particularidades. Contam a história de como cada animal chegou a suas casas. Eles têm nome, passado e presente. São, portanto, os membros de suas famílias.

Declararam estas depoentes:

É como se eles (os cães) fossem a nossa família. Agora a gente não tem ninguém no Brasil. Não temos parentes. Eles preenchem a nossa vida. A nossa família são os bichos. Se temos que dar amor para alguém, então nos damos para os bichinhos. (TC e NC)

Outra depoente assim se manifestou quando indagada sobre seus parentes:

Não tenho parentes em São Paulo. Só uma sobrinha, que mora em Guarulhos. Eu ajudei ela no casamento. Ela nem liga pra mim. É orgulhosa. (VCG)

O depoente assim falou sobre seus filhos:

Cada um tem a sua vida. O meu filho estava separado. Minha filha trabalha. (BCG)

“ELES ME DÃO AMOR!”

É importante termos consciência de que qualquer forma de estímulo leva o indivíduo a perceber-se vivo.

Roberto Shinyashiki

Nossos depoentes não se reconhecem amadas por outras pessoas, entretanto são seres que têm muito amor para dar e também tantas carências afetivas para serem supridas. Talvez por isso tenham tantos animais em casa. A relação estabelecida com cada animal é tão grande que o amor dispensado a cada um é como se fosse a mesma dispensada a um único animal. Assim se manifestaram estas depoentes:

Eles nos dão amor e carinho. A gente fica lá em casa e eles ficam no chão, ao nosso lado, assistindo a gente trabalhar. Eles ficam quietinhos, quietinhos, sentados, olhando a gente. (TC)

A gente sente que tem alguém que gosta de nós. (NC)

No livro "A Carícia Essencial", o autor resume a necessidade que temos de carícias, afagos, toques e estímulos de reconhecimento e demonstração de vida da seguinte forma: "dê-me um afago... qualquer afago... senão eu morro." (Shinyashiki, 1985, pp. 18, 19 e 21.) Os animais representam através do contato físico com os depoentes o perceber-se vivo e de coexistência num mundo onde eles não acreditam que possam ser reconhecidos como seres humanos.

"ELES SÃO COMO MEUS FILHOS"

A maternidade associada ao desejo de ter e gerar filhos é normal na espécie humana, principalmente nas mulheres. É muito comum ouvir das pessoas que têm animais domésticos e de estimação que os trata-los como se fossem seus filhos. Isso também acontece com o grupo de entrevistados.

A sra. SG, num dos primeiros contatos em que falei sobre a possibilidade de incluí-la nesta dissertação, contou-me que seu marido não queria que ela tivesse filhos. Cada vez que ela falava que queria engravidar ele aparecia em casa trazendo-lhe

animais, principalmente gatos. Ou seja, para cada filho desejado, um animal era presenteado.

Uma outra depoente se manifestou quanto a um dos significados que os animais têm para ela:

... Eles são como meus filhos! (ECG)

Ela se reporta ao filme "A Escolha de Sofia" para comparar a difícil decisão que deveria tomar de se separar de seus "filhos". O filme conta a história de uma polonesa chamada Sofia que tinha dois filhos. Ela foi mandada para um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Na fila onde os prisioneiros eram separados para morrer ou viver, ela foi obrigada a escolher qual dos filhos, a menina ou o menino, deveria morrer. A mãe passa por um grande conflito até que decide a vida para o filho e a morte para a menina. Eis a comparação que a depoente faz:

É muito difícil eu me separar deles porque eu não posso dizer qual eu vou mandar embora. Não dá para eu me separar de nenhum. Eu teria que escolher qual eu vou mandar embora ou com qual eu vou ficar. É como a Escolha de Sofia.. Na escolha ela tinha que saber qual filho viveria e qual não viveria. Acho que se eu estivesse na situação dela eu também faria tudo para não me livrar de nenhum deles. (ECG)

O depoente também considera os animais como sendo seus filhos:

Ela (a cadela) era como uma filha minha. (BCG)

Há uma justificativa presente nos depoimentos dos entrevistados sobre o fato de os animais, quando comparados a uma criança, serem considerados como seus filhos: é mais fácil criar um animal do que um filho. Nas histórias contadas do passado e que trazem marcas, cuidar de cães e gatos é mais certo do que arriscar a ter filhos doentes mentais, portadores de deficiências físicas ou desobedientes. A fala abaixo resume o conteúdo simbólico desse entendimento:

Porque os filhos não obedecem tanto a gente. Um cachorro é mais fácil de criar do que uma criança. A diferença é que o cachorro é mais fácil da gente educar. Ele só falta falar. Eles obedecem a minha ordem. (VCG)

Esta entrevistada é solteira. É tão presente o sentimento de que ela é mãe dos gatos, mas não pode chamá-los de filhinhos pois é solteira. A fala abaixo ilustra o que acabei de interpretar:

... Eu chamo de madrinha. Eu sou madrinha porque mãe solteira não dá. No meu tempo não podia ser mãe solteira. Então eu falo assim, vem aqui com a madrinha... (ECG)

Vou considerar um fato que despertou o interesse da mídia no mês de outubro de 1999. A socialite Vera Loyola promoveu em sua casa, na Barra da Tijuca - RJ, uma festa para comemorar 12 anos de vida da sua cadela Pepezinha. O que chamou a atenção foi o tipo de festa que ela preparou para a cadela. Teve bolo, salgadinhos, refrigerantes e decoração sobre o tema do desenho animado "101 Dálmatas", da Disney, tudo oferecido aos 43 cães convidados. Na hora de cortar o bolo, com direito a velinhas, todos os convidados (humanos) cantaram Parabéns pra Você em ritmo de "au, au, au". A socialite defendeu-se das críticas que recebeu da seguinte maneira:

Meu coração é grande. Como São Francisco de Assis e Brigitte Bardot, gosto de animais. A Pepezinha me dá amor sem cobrar nada. É como se fosse uma filha. Só fiz esta festa para reunir minhas amigas e trocar amor os bichinhos. (LOYOLA, Revista Veja, p. 122)

Rita Lee, já mencionada anteriormente, assim também se manifestou com respeito aos seus animais:

"Eles são meus filhos... dormem comigo, comem comigo e me acompanham nos camarins de shows e estúdios de gravação."

"EU ACHO UM HORROR O SACRIFÍCIO"

Eutanásia, palavra de origem grega, *eu* (boa) e *thanatos* (morte), exprime a faculdade de provocar a morte, sem sofrimento, de doentes incuráveis, acometidos de dores físicas intoleráveis e persistentes, que os meios terapêuticos não são capazes de atenuar. Na medicina humana esta prática é ilegal. Na medicina veterinária a eutanásia é aplicada sob o critério do bom senso do médico veterinário e mediante a autorização do dono do animal. Muitas vezes representa a última saída para o alívio do sofrimento do bicho. Popularmente este procedimento é também designado como "sacrifício". Entretanto, o uso deste termo é inadequado pois o sacrifício faz parte geralmente de um ritual religioso no qual se oferece um animal ou outro bem material para uma divindade religiosa como sujeição à sua soberania, poder e domínio.

Os depoentes têm opiniões diferentes sobre a eutanásia. Uma delas assim se manifestou quanto a esta prática:

Que poder Deus deu aos homens para matar os bichos ou matar outra pessoa? Jesus sofreu três horas na cruz até o fim e depois morreu. Se o animal estiver doente e sofrendo tem que dar remédio para aliviar a dor até que ele morra. Ele tem que morrer de morte natural. O homem tem coisas mais prementes, quer dizer, de primeira necessidade para tratar do que matar bicho. (GG)

O depoente assim declarou:

Eu sou absolutamente contrário. Tudo o que vive tem de viver da melhor maneira possível. (BCG)

Esta depoente também é contra a prática. Eis o que ela diz:

Olha eu acho um horror! Uma sem-vergonhice. Mandar os bichos para a câmara de gás. (TC)

Vou considerar que a câmara de gás a que esta depoente se refere é o método que, segundo ela, compreende o utilizado pelo C.C.Z. para a realização da eutanásia dos animais errantes apreendidos. Explico: a apreensão de cães errantes é uma das ações estabelecidas para o controle da raiva nos centros urbanos. Os animais não morrem pela câmara de gás, mas sim por meio da câmara de descompressão à vácuo. Método este recomendado pela Organização Mundial de Saúde.

Quero chamar a atenção para o imaginário da população, representado pela depoente. Para ela, o C. C. Z. é considerado como um campo de concentração e que os animais são encaminhados para a câmara de gás, fazendo assim uma analogia com o que aconteceu na Segunda Guerra Mundial. Habitualmente escutamos as pessoas referirem-se ao C.C.Z. como um campo de concentração onde os animais são exterminados. Essas pessoas não reconhecem que a apreensão de cães errantes é uma medida necessária para evitar uma série de riscos à espécie humana e aos próprios animais.

E a irmã complementa o pensamento com respeito ao "sacrifício de animais":

A gente fica muito triste. É como se fosse algum de nossos parentes quando se vai matar. (NC)

Esta depoente condiciona a prática da seguinte forma:

Só em casos desesperados. Um animalzinho atropelado que está todo mal. Só nestas circunstâncias ou se ele estiver muito velhinho, muito doente, sofrendo. (ECG)

O que também se assemelha ao pensamento do depoente:

Só se o bicho estiver realmente muito doente. Acho que sim. E com uma

injeção para dormir. (BCG)

Ela declara também sua opinião sobre a eutanásia em seres humanos:

Até em gente eu acho que deveria ser levado para sacrifício. Eu sou a favor da eutanásia. A minha amiga pediu para morrer. Ela estava sofrendo. Ela queria morrer para encontrar com o irmão que ela adorava e com a mãe. Ela pedia. Eu nunca faria uma coisa dessas. Eu acho que não teria coragem não. Mas eu sou a favor, eu sou. (ECG)

"ELES NUNCA PASSAM FOME"

O elo dos depoentes com seus animais é tão forte que eles são capazes de passar fome, mas não os seus bichos. Há portanto um sacrifício, uma privação deles, para que os animais possam ter a melhor parte na distribuição do alimento.

Sabe, às vezes a gente não come nada. Mas eles comem. Eles nunca passam fome. Tem dias que não temos nada para comer, mas para os cachorros nós damos um jeito. (TC)

É, os bichos não passam fome. A gente compra pão seco e corta em pedacinhos e dá para eles. E nós ficamos sem comer. A gente toma água, dizem que faz bem. A gente sente fome. Já ficamos mais de uma semana sem ter nada para comer. Nós tínhamos farinha e cebola. Então nós fritamos um pouquinho de cebola e pusemos a farinha com água e sal. Ficou até uma sopinha gostosa. (NC)

Eu escolheria ficar sem comer. Eu posso passar fome, mas eles não podem. (VCG)

Há de se considerar que muitas vezes o alimento destinado aos animais não é, do ponto de vista nutricional, o ideal para o consumo dos animais. Entretanto, é o melhor do melhor que eles podem dar, segundo a análise dos depoentes:

Todo dia eu vou lá. Não tenho hora. Eu levo um saco de ração com 2,7 quilos. Levo uns três ou quatro quilos de salsicha e dou uma para cada gato. Não dou só ração. Já pensou você comer só arroz e feijão todo dia. Eu pego e dou ainda Pedigree, que é para cachorro e tem vegetais. Eu deixo um pouco na água até amolecer. Tem que ver como eles gostam! Gostam até mais do que Gatsy, que é de gato. Eu dou. Levo ainda o milho para os pombos. (GG)

"QUANDO ELES MORREM EU CHORO"

A morte dos animais causa a mesma comoção que a morte dos seres humanos. Cada bicho é único e singular. Sua morte provoca o sentimento de perda e o início do processo de luto nos depoentes. Mesmo tendo um grande número de animais em suas casas, lamentam a falta de cada um deles que deixa de existir. Assim eles declararam:

Quando eles morrem, eu choro. A mãe deste cachorro quando morreu, eu chorei a sexta-feira inteirinha. Ela era tão boazinha. Ela morava em cima de uma cadeira. Ela ficava lá, ela descia para dar comida aos filhos. Foi uma coisa triste, parecia uma filhona. Ela parecia perturbada. Nunca eles brigaram daquele jeito. A Princezinha.... Que saudade! (VCG)

Um gato inesquecível foi o Leão. Ele ficou na UTI com problema renal. Eu não tive Natal, eu não tive primeiro do ano. Coisa horrível! Ele sentiu mal. Vi que ele não urinava. Catei e levei. E ele ficou na clínica, precisando tomar soro. Eu ia visitar ele todo dia. Cheguei a comprar aquela comida, de vidro, para neném, para que eles dessem para ele pois ele era muito grande. Quando foi no dia 6 de janeiro ele morreu.

Cheguei lá e ele já estava morto. Eles já até tinham feito a necrópsia. Eles me falaram e eu não quis ver. Comecei a chorar e até hoje não esqueço dele... horrível! (para de falar e chora). Aquele gato, acho que foi gente na outra vida. E gente muito boa! Era educado. Eu botava comida para os outros gatos e ele ficava ali do lado esperando, se lavando. Ele viveu 13 anos. (SG)

Ela conta o que faz quando um gato morre:

Eu ponho numa caixa e enterro na C. numa sepultura. Eu enterro e fico lá quietinha. (SG)

Outro depoente assim se comportou quando morreu seu animal:

Eu chorei muito com uma cachorra que eu tive de sacrificar. Ela viveu comigo 13 anos. Eu abria a porta do carro e ela ia comigo onde eu ia. Sinto muito a falta dela. (BCG)

Ele mesmo faz o sepultamento dos seus animais:

Quando morrem os meus gatos e cachorros eu vou atrás do Aeroporto, levo uma pá, faço um buraco e sepulto. Faz uns cinco meses, jogaram um gato morto aqui. Peguei e pus num saco e levei lá para sepultar. (BCG)

E ele continua a expressar-se:

Os animais me fazem falta. Se um bicho vai embora eu sinto muito a perda. Não gosto nem de ver pescaria. Sinto dó dos peixes que morrem. (BCG)

A depoente SG disse o que segue sobre a morte nos seres humanos, manifestando assim a diferença que ela sente na perda de um animal e de um ser humano:

Quando vou a um velório não sou capaz de chorar. Eu fico num constrangimento. (SG)

Cito agora uma senhora que não faz parte do grupo de depoentes, mas se relaciona com cachorros. Quando a visitei, ela possuía seis cães em casa. Fez questão de me mostrar um álbum de fotografias com fotos de quase todos os animais que teve nos muitos anos da sua vida. A maioria dos animais já havia morrido. Ela se lembrava do nome de cada um deles, a data, a forma como morreram e, quando se referia a eles, chorava, demonstrando a saudade e o pesar pela perda do animal. Também tinha fotos de alguns desses animais espalhadas pela sala.

"EU TENHO UMA MISSÃO PROTETORA"

Este é um significado muito forte para os depoentes. Eles apresentam um discurso religioso de proteção e uma conseqüente vocação em cuidar de animais. Estou usando o termo vocação com o sentido de escolha, chamamento, predestinação. Eles são capazes de não medir nenhum sacrifício, aqui entendido como renúncia em favor dos animais, para o cumprimento dessa vocação, desse chamado.

Uma das entrevistadas vê no cuidado que tem com seus animais uma vocação recebida. Ela assim sintetiza:

Eu acho que entendo isso como uma missão protetora. Eu não meço sacrifício para fazer. Quando eu vejo, já estou fazendo. Não dá para controlar. (ECG)

E complementa suas informações:

Eu fazia tudo isso protegendo, ajudando. Eu acho que isso me levou por quase toda a minha vida... Eu acho que desenvolveu muito cedo em mim este sentido de proteção e sempre tive muita pena das criaturas, de criança que eu via na rua e de

animaizinhos. (ECG)

Uma outra depoente assim declarou:

... Deus pôs as coisas no mundo para a gente cuidar. (GG)

O depoente assim vê os animais:

Os bichos fazem parte da natureza. Por que vamos maltratar os bichos? Temos que respeitar eles. (BCG)

E complementa o raciocínio:

Eu acho que a gente tem que proteger tudo, plantas, bichos. (BCG)

Outra entrevistada acredita que o fato de cuidar de animais lhe garantirá o céu:

Um dia conversei com um missionário da Igreja. Falei que tem muita gente que implica com meus cachorros e gatos. O missionário me disse que isso é serviço de gente que não tem o que fazer. Ele me disse: cuida bem dos seus bichinhos que quanto mais a senhora cuidar, mais pontos vai ter no céu. Então, os animais ajudam a gente a ganhar o céu. (VCG)

A necessidade de estar cumprindo a missão de proteger os animais é incontrolável:

Se eu vejo um bichinho abandonado na rua, eu pego. Eu pego ele, pode ser bravo, do jeito que for. Comigo ele não fica bravo. Eu trago para casa e cuido e então ele vira meu amigo. Eu me sinto bem cuidando do bicho. Se eu não tivesse nada para cuidar, eu não agüentaria. (VCG)

Eu trazia os gatinhos dentro da sacola. Eu trazia os gatos abandonados. Nada de raça, gatinho bonitinho nada, gatinho doente mesmo. (ECG)

Os entrevistados sentem que desempenham bem a vocação que receberam a tal ponto de uma delas declarar o seguinte:

Se eu morrer e tiver que voltar, eu quero voltar como gato. Porque eu quero achar uma pessoa como eu para cuidar de mim. É uma opinião minha. (SG)

O depoente tem uma concepção mais abrangente da sua missão protetora. Ele estende o seu cuidado para todo o tipo de vida existente na natureza. O seu discurso protetor aos animais está inserido na manutenção de todas as formas de vida:

Sou sócio do Greenpeace e pago uma contribuição para eles. Eu participo de campanhas em defesa da natureza. Eu já briguei com uma pessoa na rua que estava batendo num cachorro. Se vejo alguma coisa que maltrate a natureza sou capaz de parar e tomar providência. (BCG)

Uma das entrevistadas sente tanto a responsabilidade de proteger os animais que escolhe os menos favorecidos para dar proteção. Ela tem sete gatos pretos em casa. Tradicionalmente os gatos pretos são associados ao azar. Eles também são associados a agentes das forças do mal. Acredita-se ser uma das formas que o demônio dava as suas servas e às bruxas. Por estas razões eles são os mais rejeitados pelas pessoas. Ela explica sua preferência, inclusive dá provas de que eles não são azarentos, pelo contrário, trazem-lhe sorte. Eis o que ela afirma:

Eu tenho a impressão que é porque eles sofrem mais preconceitos. Eu nunca tive azar porque tive gatos pretos. Para mim eles dão sorte. A Manolita eu peguei um dia na rua. Eu disse para ela que eu estava pegando para cuidar. Eu trouxe e ela está aí. Pêlo lindo e brilhante e os olhos são duas pedras de âmbar. Eu gosto muito. Além de tudo, os gatos pretos são decorativos. (ECG)

A missão de proteger os animais faz com que elas tenham uma percepção de que há uma hierarquização animal. A atenção deverá estar voltada para os mais desfavorecidos, considerados como "excluídos":

Eles representam também aquelas criaturas que são colocadas fora da sociedade, que são abandonadas, que ninguém liga, ninguém se incomoda, ninguém entende e procura entender. Eles têm, por exemplo, o sentimento de medo, que é um sentimento mais horroroso que existe e ninguém presta atenção nisso. (ECG)

A responsabilidade de cuidar dos animais implica também, quando isto é possível, investigar e acompanhar as pessoas a quem são doados os animais. Há um certo critério na seleção das pessoas com quem os animais ficarão. Assim diz esta depoente:

A gente procura muito bem quem vai ficar com os filhotes dos nossos cachorros. Eu não dou para qualquer um. A pessoa tem que gostar muito de animais. Pesquisamos sempre onde eles moram. Para pessoas que moram em apartamento nós não damos. (TC)

Pedi a uma das entrevistadas para deixar uma mensagem sobre os animais. Depois de pensar e elaborar, ela assim se expressou:

Eu queria que as pessoas parassem um pouquinho e vissem que os animais não são uma coisinha que está andando por aí. Não é objeto, não é de plástico, ele sofre tudo que o ser humano sofre. Ele tem medo, ele tem fome, ele tem dor. Já viu que pena ver um bichinho correndo na rua? E o pior é que eles não têm cabecinha para pensar o que fazer. Depois, a maior tristeza do mundo é que eles não falam. Pode ter coisa pior? As pessoas que entendem, entendem, mas as que não entendem não ficam sabendo. Uma criancinha fala. Um bichinho não. Uma gatinha mãe está sofrendo para ter seus filhotes, ela morre e ninguém ajuda. Uma mãe vai para o hospital de qualquer jeito, com a mãe, o marido, o pai, o médico. Uma gatinha não, pobrezinha, naquele desespero. Eu penso tudo isso. Não é difícil muita gente ajudar. (ECG)

Essa entrevistada sente e aceita que é uma eleita para entender os animais. Falta ao animal linguagem humana para pedir ajuda, falta-lhe a fala. Como ela entende a sua dor, o seu sofrimento, é capaz de se comunicar com ele, estando portanto apta a ajudar aquele que não tem como se comunicar e que não possui linguagem humana. Ela se sente como única e capacitada a poder ajudar, pois capta o sofrimento daquele (o animal) que não é capaz de expressar sua dor, desespero, abandono e solidão.

Esta depoente resume o seu ministério de assistência aos animais menos favorecidos. A capacidade de recolher os animais é ilimitada, sempre cabe mais um em casa. Assim se manifestou:

Quanto mais judiado um animalzinho, mais eu gosto de cuidar. Eu conheço várias pessoas como eu que recolhem animalzinho atropelado, abandonado, judiado pela rua. (ECG)

Perguntei como elas se sentem quando vêem uma criança de rua ou um morador de rua.

A sra. GG respondeu o seguinte:

Tem que recolher os mendigos. Mas eles não querem saber disso. Eles querem ficar aí azucrinando a vida das pessoas. Tem uns que não saem daí de frente. Eles ficam vendo quem entra, quem sai. A gente fica até com medo. (GG)

Outra depoente manifestou-se da seguinte forma:

Eu tenho dó, mesmo que seja pivete. Eu tenho pena de bandido. Eu vou fundo nas coisas. Mesmo as mulheres que pedem esmola com os filhos, eu tenho dó. Elas precisam sobreviver. A minha irmã acha que este meu entendimento é exagerado. Eu acho que isso é da alma. É sensibilidade também. (ECG)

O grupo tem a concepção de que há uma punição, uma pena para aquelas pessoas que maltratam os animais. Assim disse esta depoente:

Eu nem quero estar perto do que Deus pode fazer com elas. Deus pune. Isso foi Deus quem deixou para o homem. Aquele cachorro ali é um velhinho. Eu cuido, eu dou remédio. Eu me sinto bem fazendo isso. (VCG)

O depoente manifestou o seu objetivo de vida ao resumir bem a missão de guardião da natureza:

Eu quero lutar para todo mundo dar um passo atrás pela natureza. Nós estamos estragando tudo com gás de monóxido de carbono e poluindo tudo. Ninguém resolve o problema. Temos que lutar. (BCG)

"BICHO É MELHOR DO QUE GENTE!"

*"Não projetar nossas emoções e propósitos no animal mas, ao contrário, tentar, a partir do conhecimento prévio a respeito dele, simular dentro de nós seu modo de captar aspectos do ambiente e de agir dentro de sua circunstância."
César Ades*

Os entrevistados construíram um significado simbólico em que os seres humanos são os representantes de uma espécie estranha e perigosa, na qual eles não se reconhecem como pertencentes. Eles já fizeram parte da espécie, mas nas suas trajetórias de vida foram perdendo o contato com os seres humanos e em contrapartida os animais foram ficando cada vez mais íntimos de tal maneira que "viver com bicho" tornou-se melhor e mais fácil. O animal passou a suprir-lhes o que a sociedade humana não está dando mais. Uma dessas carências é o contato humano: *"Ninguém gosta de mim. Só os bichos. Quando estou com os bichinhos eu não estou só. Com os homens eu estou só."* Percebe-se nesta frase, dita de diversas maneiras por muitas pessoas, que o que lhes falta é gente. Se não há gente para trocar comigo então eu passo a me

relacionar com animais.

Pode-se interpretar nestes casos as relações homem x homem e homem/animal como possuindo uma dupla alteridade. No caso da relação homem/ homem, a alteridade, ou seja, o outro, é sempre vista negativamente. As qualidades que os "outros" seres humanos apresentam são sempre negativas. No caso da relação homem/animal, a alteridade, o "outro", cão e/ou gato, apresenta qualidades positivas de afeto, segurança, amor, fidelidade. Qualidades nitidamente humanas, mas que não são encontradas, segundo os entrevistados, na espécie humana, aparecendo com abundância na espécie animal. É o trânsito simbólico em que a alteridade, que é sempre dada pelo outro, no caso os animais, reforça mais e mais o distanciamento das relações.

O levantamento das qualidades negativas presentes nos humanos se explica por uma ou mais histórias, vividas pelos entrevistados, de duras decepções, de traições tanto da parte dos familiares quanto por parte dos amigos ou vizinhos.

Eu acho que de 100% das pessoas você tira 1% que presta. O resto pode-se jogar no lixo. Se você soubesse quanta maldade as pessoas fazem... (GG)

Eu tenho estado muito decepcionado e frustrado com gente... é mais fácil viver com os animais. Se der comida para o animal ele se vira. (BCG)

Os bichos são melhores do que as pessoas. Eles não fazem mal para gente. Gente faz mal aos outros. Os homens estragam a vida dos outros. (NC)

Os animais não. O bicho homem é a maior praga que existe. Você não escutou a entrevista que a Brigitte Bardot deu? Eu acho a mesma coisa. Ela disse que lamenta ter tido um filho. Eu preferiria ter cachorro do que ter um marido e um filho. (TC)

Constantemente Brigitte Bardot (BB) é citada pelas pessoas atendidas durante a Vistoria Zoosanitária. Por ela ter sido uma atriz famosa internacionalmente e

ter abdicado da carreira do cinema para abraçar e se dedicar à causa da proteção animal, as pessoas se referem a ela como sendo uma heroína, a grande protetora dos animais, e todos os seus depoimentos e opiniões são reproduzidos pelas pessoas que têm um grande número de animais. A própria BB reúne em sua casa muitos cães e também gatos, porcos e cabras com os quais estabelece laços bem íntimos e únicos, muito semelhantes às condições das pessoas citadas neste trabalho. A casa onde mora, em Saint-Tropez, no Sul da França, não mais lhe pertence, pois ela doou à Fundação Brigitte Bardot, entidade que criou para defender sua causa, e a define como "a casa dos animais". Recentemente foi publicada na revista Caras uma reportagem com o título "O Refúgio de Brigitte Bardot". Ela hoje tem 65 anos de idade e no primeiro livro, Iniciais B.B., que escreveu sobre suas memórias ela comparou seu único filho a um tumor. Nesta reportagem BB garante que não sente nenhuma saudade dos tempos em que tinha o mundo aos seus pés e assim ela sintetiza sua vida atual:

"Escolhi a solidão, um raro privilégio. Não compro vestidos nem produtos de beleza. Não fiz mais plásticas. Não vou à cabeleireira. Não vou a restaurantes nem a salas de espetáculo. Não tenho nenhuma vida mundana... Mas daria a minha vida pelos animais." Ela escolheu viver ao lado dos bichos e conclui: "Sempre haverá um cão perdido em algum lugar que me impedirá de ser feliz." (BARDOT, 1999, p. 44)

Voltando às explicações dadas pelas irmãs NC e TC, elas assim concluem suas visões sobre a espécie humana:

É difícil conviver com pessoas. Com os bichos não é. (NC e TC)

O depoente assim se manifestou na comparação entre os animais e os seres humanos:

Os animais me fazem companhia. Falo com eles e eles me entendem. Há uma vibração na voz deles. Eles obedecem. O cachorro é mais fácil de entender. (BCG)

Na comparação que essas pessoas fazem com os animais pode-se concluir que viver com outro ser humano é difícil. Com os bichos não, porque eles não

respondem e nem pensam. Há uma dominação na relação, eles são as superiores. O animal obedece, acata sem contestação o que eles pensam ser o ideal. As histórias de suas vidas são repletas de frustrações com os seres humanos com os quais eles encontraram. Era o marido que não respeitava e nem permitia uma satisfação sexual; o padrasto que batia, espancava a mãe e os irmãos. Assim, o animal é o sujeito ideal da relação. Eles sentem-se absolutos e onipotentes pois o animal não sabe contestar. Isso talvez seja a maior dificuldade nas relações humanas: ouvir e respeitar o outro.

Bichinho geralmente é puro, é natural, é transparente, nunca vai fazer hipocrisia, de forma nenhuma. Gente é hipócrita, é traiçoeira, gente mata, gente tem inveja, que é um sentimento horroroso. (ECG)

Os entrevistados repudiam os sentimentos negativos nos seres humanos. Mas quando os animais apresentam tais sentimentos, como por exemplo, inveja, ciúmes, esperteza, é permitido que eles tenham. Perguntei a sra. ECG se os animais tinham ciúmes dela. Eis o que ela respondeu:

Têm. Ele se sente colocado à parte. Ele vê quando estou só agradando os outros. Ele percebe e fica tristonho. Eu percebo que ele fica assim olhando. Não acredito que ele tenha raiva do outro, mas ele fica sentido. Coitadinho!

Já a esperteza de um gato para pegar o alimento primeiro, na frente dos outros, é assim vista por esta depoente:

Ele (o gato) era muito educado. Porque tenho gato mal educado lá. Tem um gato que é grandão. Quando eu vou andando, ele vai passando no meio das minhas pernas. Outra coisa, ele é vadio. Quando eu ponho o prato, ele é o primeiro que chega. Ele quer ser o dono das coisas. (SG)

Quando ponho comida para eles e um passa na frente do outro eu não vejo problema. Eu acho que é a necessidade instintiva. É o instinto. Ele precisa comer, ele precisa viver. Então ele pula em cima da comida primeiro. (ECG)

Esta depoente ainda incentiva a esperteza do gato:

Mas às vezes ou outros estão comendo e ele vai brigar para pegar a comida. Eu digo: por que não vai pegar? Ele fica olhando pra mim. Aí eu pego um pouco de ração e falo: come logo, senão eles vão roubar. Aí meu Deus! É aquela luta. A gente se diverte! (GG)

Uma das depoentes deu a seguinte resposta se isso nos animais era permitido, uma vez que nos homens não é o ideal do ponto de vista dela:

Não é para ser assim nos bichos. Mas ele está sendo ele mesmo. Ali a liberdade é total. Cada um faz o que quer. (SG)

E complementa a sua argumentação:

Eles são transparentes. Eles procedem como são. Nós não, nós modificamos. (SG)

A diferença nos comportamentos entre homens e animais está no fato de que as pessoas pensam, ou seja, o homem tem o desenvolvimento do pensamento, os animais não. Essa é a grande diferença para os entrevistados. Enquanto os seres humanos exercem o livre arbítrio, escolhendo o que querem e o que não querem, decidem a quem amam ou se sujeitam, os animais não fazem juízo crítico dos fatos. A constatação desse exercício de escolha é que os entrevistados não conseguem conviver. Os animais se submetem aos seus donos e não questionam as ordens. Eis o que eles dizem:

Os gatos são como crianças. Criança faz uma série de coisas que não está certa porque não pensa. Ainda não pensa, não tem raciocínio. Mas o animal também não tem. Agora, gente grande tem que pensar. Mesmo que não tenha instrução, que ela seja porção de coisas, só se for louca. Aí é diferente, mas se ela tem o cérebro

funcionando, ela é uma pessoa normal, ela tem que raciocinar. Ela não deve ter esses sentimentos ruins. Ela deve ter controle, pode até ter uma coisa de repente, uma coisa que ela não espera, mas ela tem que ter controle. (ECG)

Eu acho que é porque as pessoas pensam, as criaturas humanas pensam. Os bichos não pensam. Acho que aí está a grande diferença. (ECG)

Há uma permissão natural para o animal matar, pois ele só age por instinto. Eis o que afirma esta entrevistada:

O animal só mata se tiver fome. É uma necessidade biológica. Não é por mal. Agora, gente mata de raiva, mata porque tem ódio e quer acabar com as pessoas. (ECG)

Os entrevistados preferem o contato com os animais do que com os homens:

Prefiro. Porque eu acho que eles (os animais) são mais espontâneos. Eu prefiro conviver com eles. Eles dão prazer. Eles conversam comigo, eles me entendem. Aquela gatinha lá (mostra o animal), converso com ela e ela me entende. (ECG)

Observa-se na fala da próxima depoente que os animais são submissos e que não guardam rancor. Eles não têm, portanto, a memória emocional. Se ofendemos um outro ser humano ele não vem logo em seguida nos agradecer. Nos animais isso é freqüente. Característica que os entrevistados apreciam nos seus animais. Qual ser humano é capaz de repetir esse ato com freqüência? Eis o que ela diz:

Prefiro os bichos. Me dou bem com eles. Eles são carinhosos, eles não são vingativos. Eu bato, daqui a pouco eles tornam a me acariciar. Eles passam na minha perna, me agradando. (GG)

Um depoente dá o seu conceito sobre o que é ser bicho:

Eu acho que é ser a melhor coisa do mundo, porque gente não entende os outros. Gente não perdoa, gente é capaz de matar. O gato só arranha quando é maltratado. Certo? Que razão eu tenho para maltratar alguém? O homem mata sem precisar. (SG)

Quero concluir este contexto citando uma frase do livro "A Terapia do Amor":

Amar outro ser humano é talvez a tarefa mais difícil que a nós foi confiada; a tarefa definitiva, a prova e o teste finais; a obra para a qual todas as outras não passam de mera preparação. (RILKE, 1992, p. 23)

"A VELHICE É UM NAUFRÁGIO!"

Para os entrevistados a velhice não existe neles. Velhos sempre são os outros nos quais eles não se reconhecem. Não há também uma idade que inicie a velhice. O aparecimento da velhice está muito associado à incapacidade física e mental.

Nós não nos sentimos velhas. A velhice são as doenças. Por aí que aparecem coisas no fígado e não podemos fazer nada ... Nós temos ainda força para trabalhar. Temos forças nas pernas. (NC e TC)

Assim se manifestou o depoente quando perguntado se ele se sentia velho:

De jeito nenhum. Velho é quem não pode andar. Não pode mais se mover e não tem mais atividades. Eu tenho problema no joelho, mas procuro esquecer isso e me movimentar. (BCG)

A velhice é uma fase normal da vida, mas evidente nos outros, fora e distante delas. Assim se manifestaram os entrevistados:

Ela é uma fase normal. O bicho nasce, cresce, vive e morre. As criaturas então? Elas nascem, crescem e morrem também. (ECG)

A entrevista com as irmãs gêmeas foi feita em um asilo para descendentes russos, onde elas realizavam um pequeno trabalho artístico. Estávamos sentadas no jardim. Naquele momento da entrevista, um senhor idoso tomava sol numa cadeira de rodas empurrada por um funcionário da instituição. Elas apontaram para aquele senhor, indicando-o como sendo um velho. E explicaram que velho é quem depende do outro e que perdeu a autonomia física e mental. Ou seja, a velhice acarreta uma degradação física e mental que todos temem, provocando dessa forma uma repulsa e sua conseqüente negação.

Eu não vou ficar velha nunca. Ficar velha é quando você fica sem saber o que é. É ficar dependente do filho, da filha, do marido, da nora. É só querer ter uma coisa e não poder ter porque você não tem dinheiro. Coisa horrível! (SG)

Não me sinto velha. Eu não tenho tristeza, não tenho dor. (VCG)

Não me considero velha porque minha cabeça está boa. Eu to cuidando da casa, dos gatos, eu faço coisas para ajudar os outros, ainda dá. Quando não der mais, aí eu vou começar a ficar velha. (ECG)

E assim justifica o seu pensamento:

A pior coisa para uma pessoa velha é se sentir inútil. Porque ela vê que está dando trabalho, está ocupando espaço muitas vezes na família. Eu ficaria muito infeliz e aborrecida de ficar inútil. O pior sofrimento é este. Na maior parte das vezes a velhice é isso: é a inutilidade. (ECG)

A velhice como sendo a impossibilidade de produção e autonomia.

A velhice não deixa fazer coisas. (NC e TC)

Algumas das entrevistadas são categóricas quanto ao começo da velhice, transferindo o início sempre para um tempo distante. Para que a observação fique mais evidente, lembro que esta depoente tem 65 anos de vida.

A velhice é 90 anos. (TC)

A minha mãe morreu com 91 anos e nunca foi velha. Ela sempre trabalhou, até morrer. Acho que não tem idade para ficar velho. Quando Deus quer levar, Ele leva. (VCG)

A uma depoente foi perguntado se o corpo envelhece já que a velhice não existe.

O corpo fica velho, por isso que eu me trato com naturalista. É para fugir da química. Como uma vez só por dia, para manter 50 quilos de peso. Faz 18 anos que tenho 50 quilos. Tomo leite de soja e muita fruta. De 1980 para cá eu não tomei nenhum remédio. (SG)

Ao mesmo tempo em que as depoentes não se sentem velhas, observa-se que elas não têm a preocupação do acompanhamento médico de suas condições físicas para a preservação da saúde, uma vez que, para elas, a velhice está associada à incapacidade física.

Vou ao médico só quando preciso. Não tenho pressão alta, não tenho colesterol, não uso óculos. (ECG)

Se eu sinto qualquer dor eu mesmo me medico. De tanto conhecer, acabei me cuidando. Não preciso de médico. (GG)

Não. Eu não acredito na medicina. (TC)

Eu também não. A gente não se trata. Se estamos com dor de cabeça, tomamos uma aspirina. Nunca fizemos exames para nada. Isso não é necessário. (NC)

Nós mesmas medimos nossa pressão. Se ficamos tonta, a gente tira a pressão e aí tomamos diurético. (TC)

Não tenho pressão alta, não uso óculos. Só uso quando vou olhar na folhinha para ver o mês e o dia. Já fui operada da bacia. Foi uma operação muito gostosa e bonita que eu fiz. Não senti nada. (VCG)

Mesmo distante do conceito de velhice elaborado pelos entrevistados, uma delas fez a seguinte conclusão no final da sua entrevista:

A velhice... Você lembra de uma frase do presidente De Gaulle? Perguntaram para ele que já estava velhinho e muito doente: o que o senhor acha da velhice? Ele respondeu que a velhice é um naufrágio. Você perde tudo, não se salva nada. Eu concordo com ele. Perde-se tudo mesmo. Perde-se até os direitos. É um naufrágio e eu não quero naufragar. (ECG)

Uma das opções presentes e em grande desenvolvimento na nossa sociedade atual são os Grupos da Terceira Idade, que incentivam o idoso a participar e a desenvolver suas potencialidades. Todos os depoentes foram questionados sobre o que pensavam dessas atividades. As propostas formuladas por esses grupos não lhes interessam. Não coisas para velhos. Prevalece o conceito de que velho deve ficar quieto no seu canto. Há ainda um protesto, essas atividades são consideradas ridículas e inadequadas. Dançar e atividades físicas só no tempo de mocidade. Fica evidente que eles também não querem contato com outros pares da mesma faixa etária em que se encontram.

Nunca ouvi falar. (BCG)

Já ouvi falar. Fui uma vez no Sesc. Eu acho que depende do velhinho. Se ele

gosta da vida social, ele vai lá jogar carta, dançar, aquelas coisas lá. Tudo bem. Ele está sentindo feliz assim. Depende do modo de sentir bem. Para mim não serve. Porque eu achei horrível e inútil ver velhinho sentado numa mesa jogando. Para começar, nunca gostei de coisa parada. Eu sou muito ativa. Aquela mesa de jogo e os velhinhos jogando, achei ridículo. Velhinho dançando, pode ser coisa minha, mas eu acho antiestético aqueles velhinhos pulando no meio do salão numa coisa que não é para velhinho mais. (ECG)

Acho besteira os bailes da Terceira Idade, coisa boba. Eu acho tudo besteira! Puxa vida, depois de velha dançar? (GG)

Eu acho ridículo velho fazer essas coisas. Tanto é que todo mundo que vai ver acha graça. Dá risada. Eu não gosto e não acho interessante pra mim. É meio palhaçada. (ECG)

Já que as atividades promovidas pela Terceira Idade não são para este grupo de idosos, perguntei o que as pessoas velhas devem fazer. O conceito é que velho deve se recolher no seio da família e desenvolver atividades calmas e serenas e ainda ocupar o seu tempo cuidando dos seus netos ou quando não os têm, cuidando de bichos.

Velho deve ler, deve ver televisão, deve pensar. Graças a Deus muitos velhos têm netos. Ele deve conversar com seus netinhos. Criança é tão interessante. Velhinho tem que ter família. Por isso que família é bom. (ECG)

O asilo também é negado como opção para este grupo de idosos.

A gente não se sente velho para ir para o asilo. (NC)

Deus me livre, pelo amor de Deus! Se eu for para asilo, eu morro no primeiro dia. Não dá para morar lá não. Deus me livre! Está louco! Só quero morrer na minha casa com os meus bichos. (VCG)

Esses idosos têm a consciência de que são finitos, mas há uma expectativa de que viverão ainda muitos anos. Não há projetos e empreendimentos para serem alcançados. Em suas vidas houve poucos projetos ou desejos. A vida os fez abandonar e eles se fecharam sobre si mesmos e se abriram para os animais.

Eu acho que ainda vou longe... (ECG)

A minha família pelo lado do meu pai, que descendia dos índios, vive até 100 anos. (SG)

Não vou morrer agora. Vou longe. (VCG)

Morte, nem penso nisso. Por enquanto não quero nem saber dela. Um dia vou enfrentar ela. (BCG)

Ou então que a morte a esteja rondando. Segundo esta depoente, quando as coisas boas acontecem com ela é o sinal de que a morte está próxima. É a morte que se prepara para recolhê-la.

Eu chamei o meu filho e falei que nós precisamos acertar as coisas. Ele falou assim: a senhora que morra daqui a quatro anos pois o nosso jazigo está cheio... a gente liga o Faustão no Domingo e vê que ele só está trazendo gente antiga, gente velha. Nelson Gonçalves, Tim Maia e logo depois eles morreram. Quando começa esta coisa perto da pessoa, pode contar que ela não vai durar muito... Eu sei que vou morrer dormindo. A chave da minha casa está distribuída para quatro pessoas. Caso elas não me vejam em dois dias, elas podem ir atrás de mim porque estarei morta. Eu não sei como será o meu sepultamento. (SG)

Entretanto, há uma grande preocupação sobre o que será feito com os animais após a sua morte. Ao se considerar que para algumas dos entrevistados os animais significam os filhos que não tiveram, pode-se interpretar que desejam que seus animais morram antes para que eles não fiquem abandonados à própria sorte na

ausência delas. Este sentimento é muito comum nas mães que têm filhos portadores de deficiência mental e que dependem exclusivamente delas para a sobrevivência. No caso oposto, filhos saudáveis, ocorre sempre o contrário, ou seja, as mães querem morrer antes dos seus filhos.

Eu peço para Deus me ajudar, que eles vão embora (morram) antes de mim, porque assim eu pude cuidar até o fim. Eu tenho muito medo, muita peninha de deixar eles largados na vida... Eu sempre pedi a Deus para levar eles antes de mim. (ECG)

Há a preocupação de deixá-los abrigados na vida, levando-os para um gatil ou canil.

Antes de morrer eu quero mandar os gatos para um gatil. Porque lá eu vou visitar. (GG)

A convivência íntima e constante com os animais faz com que este grupo crie um código especial no que diz respeito à morte. Eles associam a aproximação da morte de alguém chegado a alguns comportamentos animais, como por exemplo o uivar dos cães. Ou seja, os animais têm uma linguagem diferente da do ser humano.

Quando os cães começam a uivar, eles estão querendo dizer que a morte está aí. Os cachorros pressentem a morte. Eles são muito sensíveis. (NC)

Interessante observar que cuidar de vários animais é sinal para este grupo de idosos que eles não estão velhos.

Eu procuro me manter sempre ocupado pra gente estar fazendo alguma coisa. (BCG)

Para estas pessoas, a velhice está associada à incapacidade de fazer coisas. Logo, se há um trabalho específico, cuidar de animais e proteger, elas não estão velhas. Se tirar os seus animais, elas afirmam que vão morrer, ou seja, ficarão velhas e então

estarão morrendo. O bicho é a âncora deles na vida.

A sra. VCG resumiu da seguinte forma os significados que os animais têm em sua vida:

Se eu ficar sem estes bichinhos eu acho que eu morro. Porque eu acho falta. Eles me obedecem, me fazem companhia. São meus amigos, eu converso com eles e eles me escutam. Deus me livre. Eu não ficaria sem eles... eu sei, estes bichos são a minha vida e os meus companheirinhos. (VCG)

Certamente a questão de vida e morte é o que torna minha experiência profissional mais difícil. Quando as pessoas idosas atendidas declaram que seus animais são sua razão de viver e elas dão provas de que esta afirmativa é verdadeira e não é apenas uma expressão de linguagem.

FENOMENOLOGIA DO CUIDADO E DO POSSÍVEL

A utopia destila sempre novas perspectivas e funda continuamente mil razões para lutar e para buscar formas melhores de convivência. A utopia é a presença da dimensão-céu dentro da dimensão-terra, nos limites estreitos da existência pessoal e coletiva (...) a utopia deve realizar-se num processo histórico que tente dar corpo ao sonho e construir passo a passo os mil passos que o caminho exige.

Leonardo Boff

É com o coração que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos.

Saint-Exupéry

4. A FENOMENOLOGIA DO CUIDADO E DO POSSÍVEL

Morin, pensador da Complexidade diz:

"Há igualmente em nós dois estados muitas vezes separados, o estado primeiro ou prosaico, que corresponde às atividades racionais/empíricas e o estado, justamente dito 'segundo', que é o estado poético a que nos fazem acender não só a poesia, mas também a música, a dança, a festa, a alegria e o amor e que culmina em êxtase. É no estado poético que o estado segundo se torna primeiro." (Morin, 1995, p. 177).

Estarei invocando o estado poético nas considerações seguintes para que ele una-se ao primeiro, descrito nas partes anteriores desta dissertação e juntos possam evidenciar que a vida humana é tecida de prosa, poesia e solidariedade.

Neste capítulo que antecede as considerações finais da dissertação estarei chamando a atenção para o relato e reflexão de uma experiência profissional. A reflexão se baseia na minha percepção (experiência vivida, portanto subjetiva e carregada das minhas marcas enquanto sujeito e integrante da minha percepção do mundo). Não pretendo, ao resgatar esta experiência, mudar ou ignorar a opção metodológica que descrevi no capítulo correspondente. Pretendo exemplificar e dar identidade aos sujeitos constantes desta pesquisa. Ao fazer isso, desejo trazer à tona as várias implicações que ocorrem na dinâmica das vidas atendidas e o quanto a intervenção profissional resulta nessas pessoas. É bem verdade que se trata de uma experiência, mas serve como exemplo para dimensionar estas implicações biopsicossociais (ser complexo) e sobretudo os valores de vida e o quanto eles contribuirão para compreender melhor os sujeitos anônimos que participaram dos depoimentos.

Ao retratar esta experiência estarei também convergindo para o que acredito ser a fenomenologia do possível e do realizável. Estou me referindo à solidariedade. Em que intensidade a vida social depende da solidariedade e o quanto ela é capaz de transformar o ritual da vida desagregada em vida de significados e produtora de sonhos.

Pensar a sociedade sob a ótica de uma experiência é pensar no grau que desejamos atingir ao projetá-la para a frente, uma sociedade mais justa e mais desejante. É transformar um sonho em possível.

Desejo chamar a atenção ainda para a relação sujeito-sujeito que a fenomenologia do cuidado impulsiona. O sujeito é um indivíduo à medida que ele é autônomo e auto-organizado. Ao se estabelecer a relação sujeito-sujeito reconhece-se neste indivíduo um sujeito com seus valores e símbolos, passando a relação a ser da convivência e não de domínio.

Conforme Boff, a fenomenologia do cuidado é:

"Um fenômeno para nossa consciência que se mostra em nossa experiência e molda nossa prática." (Boff, 1999, p. 89).

O cuidado portanto:

"Significa desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato (...) de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude." (Boff, 1999, p. 91.)

Dona Zenaide entrou na minha existência no mês de junho de 1999, quando fui pela primeira vez a sua casa.

Ela havia sido denunciada no setor de Vistoria Zoosanitária no mês de março de 1998. Em 30 de dezembro desse mesmo ano, a veterinária foi até sua casa mas não a encontrou. Nos meses de janeiro e março de 1999, o setor recebeu duas novas denúncias pedindo vistoria na sua casa. Os motivos das solicitações eram: "*a vizinha tem mais ou menos 11 cães os quais deixa soltos, por vários dias ficam e os animais sobem no telhado da solicitante e quebra as telhas*"; "*criação de 11 cães em local inadequado, com falta de higiene e maus-tratos*". Uma terceira denúncia assim foi registrada: "*senhora idosa, viúva, com mais ou menos 15 animais (cães) em sua residência e com*

falta de higiene". Essa terceira denúncia foi feita pelo genro de uma amiga da dona Zenaide, a qual ele conhecia desde criança. Posteriormente este Amigo da dona Zenaide contou-me que a denunciou como forma de pedir ajuda pois ele sozinho não estava conseguindo ajudá-la mais. Queria, com essa atitude, que o serviço público interviesse com ele na tentativa de ajudá-la a remover o material inservível e também os animais.

A primeira vez que encontrei dona Zenaide ela caminhava pela rua onde mora. Quando o carro oficial parou na frente da casa, uma senhora vinha em sentido oposto ao que eu estava com um cachorro no colo (soube depois que era uma cadela e que se chamava Kátia) e um outro ao seu lado. Naquele momento tive absoluta certeza de que aquela senhora era a que eu estava procurando. A experiência tem-me levado a reconhecer as pessoas e as casas que procuro por onde ando. Ao me apresentar, ela se manifestou simpática. Perguntei se poderia entrar, mas a resposta foi que os seus outros cachorros são muito bravos e que não permitem a entrada na casa, mesmo acompanhada por ela. De pronto, acatei sua recomendação. O limite físico seria estabelecido pelo portão.

O primeiro encontro com ela foi ali mesmo, na calçada, em frente ao seu portão. Era uma manhã bonita e com sol típico do outono. Seus cachorros latiam muito enquanto conversávamos e ela estava preocupada com a cachorra Kátia, que insistia deixar no colo, carregando-a como se estivesse com uma criança nos braços. A cadela era grande, parecendo-me pesada para estar durante tanto tempo no colo dela.

Dona Zenaide contou-me que seus pais eram russos e vieram para o Brasil para tentar uma vida melhor. Ela nasceu no Brasil e só tem mais uma irmã, o irmão é falecido. Sempre morou naquela região da cidade onde se concentra um pequeno número de imigrantes russos. Seus traços não negavam a origem. Naquele dia ela estava usando um gorro e trajava um vestido estampado e uma blusa por sobre o vestido. Sua aparência me impressionou. A pele era branca, mas o rosto, apesar de bastante vermelho, trazia as marcas das rugas, e pela falta de cuidados. Seu corpo, obeso, não tinha um contato regular com o banho e seus cabelos eram totalmente brancos. Suas unhas revelavam a presença de fungos. Era assim como o absoluto

abandono do cuidado.

A casa é muito velha, construída há mais de 35 anos, malconservada e sem os reparos que o tempo pediu. A pintura, bastante gasta, não deixava perceber qual a cor original. Entre o portão, de madeira, e a porta de acesso a casa há uma pequena varanda. Nela, naquele dia, se acumulava uma quantidade grande de material inservível (o que não tem utilidade, que não serve mais - aos nossos olhos), levando-me a imaginar o que poderia encontrar dentro da casa. Por um instante, tive a sensação de que a casa estava totalmente obstruída e não havia mais espaço em seu interior para acumular aquele material. Ela instalou um pequeno varal onde estendia as roupas de uso pessoal e também roupas masculinas. Funcionava como seu guarda-roupa. Havia grande quantidade de flores plásticas e algumas poucas naturais, todas espalhadas pela janela e cantos da varanda. Ela disse gostar muito de flores e explicou-me que as flores de plástico eram recolhidas do cemitério próximo a sua casa e serviam para lembrar as flores da Rússia. Além das flores e roupas, havia caixas de papelão, garrafas, sacos de supermercados cheios de pertences, garrafas de plástico, vidro, algumas frutas e uma série de outras coisas. Tudo em completa desordem. Ali era a sua casa real. O restante da casa, como se fosse o quintal. A varanda servia como espaço de referência e moradia. Nos demais cômodos da casa não era possível entrar em razão do grande acúmulo de lixo.

Conversamos naquela manhã. Ela me disse ter 68 anos de idade. Seu marido morreria havia quase três anos. O casal não pôde ter filhos e após a morte do esposo ela passou a viver sozinha naquela casa. Contou que o marido sofreu uma queda e ficou doente dentro de casa. Foi preciso chamar o Resgate para tirá-lo de lá e levá-lo para o hospital, onde ele veio a falecer. Quando se referiu ao esposo demonstrou muita saudade, parecia não estar conformada com a sua morte. Havia o cuidado de contar os detalhes, como se o fato tivesse ocorrido no mês anterior. Não tinha renda para sua sobrevivência. O esposo não lhe deixou pensão e ela não era aposentada. A água e a energia elétrica da casa foram cortadas por falta de pagamento. Quando possível, comia na casa de uma amiga, nas outras vezes comia pão com banana ou qualquer outra coisa, pois também não tinha fogão e gás. Recolhia coisas pelas ruas e ganhava muita roupa

de pessoas que ela considerava como "bondosas". Relatou ser hipertensa e não fazer uso de medicação. Controla a pressão com chá de maracujá e folha de chuchu. Não visita o médico com frequência e só vai ao Posto de Saúde quando acha que a pressão está muito alta. A irmã e o cunhado moram em Tatuí, interior do Estado, são idosos e vivem na comunidade Torre de Vigia dos Testemunhas de Jeová. Relatou também que não tem contato com os demais membros da família e chorou ao se lembrar do irmão falecido há pouco tempo. Contou que não lhe avisaram da morte dele e ela ficou sabendo só depois do sepultamento. Isso lhe causou uma mágoa muito grande, trazendo-lhe sofrimento por não ter podido se despedir do irmão.

Contou o quanto gosta dos seus cachorros. Tem muito carinho por eles e confessou serem eles sua companhia e amigos. São nove cães, sendo três fêmeas adultas, três machos e três filhotes, todos com nome de origem russa. Ela os tem há muitos anos e disse que não conseguiria viver sem eles. Gosta especialmente de uma cachorra chamada Laika. Esta cadela chegou a sua casa quando ainda era filhote.

Após conhecer todos os seus dados, avalei tratar-se de uma situação de extrema gravidade, necessitando de uma intervenção urgente. Disse a ela que voltaria e deixei agendada a data do retorno. Naquele momento já havia sido estabelecido um contato muito e próximo com dona Zenaide. Senti que ela aprovou minha presença em sua vida e já éramos duas conhecidas. Disse que estaria me esperando no prazo combinado.

Fiz, posteriormente, contato com o Amigo dela. Ele contou-me conhecê-la há vários anos e que logo depois da morte do esposo dela ele fez a remoção de material inservível da casa. Disse que a situação interna do imóvel é pior do que a varanda. Há várias telhas quebradas e chove muito dentro da casa. Não há móveis em condições de uso. Marcamos um encontro na próxima visita a dona Zenaide.

Voltei no dia 24 de junho de 1999 para visitá-la. A reunião ocorreu na casa de uma Vizinha, pois sua casa não oferecia condições adequadas. Estavam presentes dona Zenaide, seu Cunhado, que veio do interior, o Amigo, além da Vizinha que emprestou a casa.

Foi uma reunião muito interessante. Nela pudemos abordar as condições de vida em que dona Zenaide se encontrava, se ela tinha consciência daquela situação e ainda perguntar-lhe se queria nossa ajuda. Dona Zenaide revelou-se, nesta reunião, muito aberta a mudanças e expressava um desejo de ser ajudada. Ela não me pareceu com forças para efetuar as mudanças. Mostrou-se serena, simpática e naquele instante os laços que nos ligavam já estavam mais estreitos. Eu sentia nela um desejo de ser ajudada. Boff nos lembra que:

"Precisamos conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer mais a lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que a lógica da conquista e do uso utilitário das coisas. " (Boff, p. 102).

E dona Zenaide quis ser ajudada e cuidada.

Várias coisas ficaram estabelecidas naquela reunião. Duas mexeriam diretamente na vida da dona Zenaide. Ela concordou que havia muitos animais na sua casa. Combinamos que ela escolheria dois cachorros para ficar com ela e os demais seriam encaminhados para uma instituição protetora de animais. Quanto a sua casa, ela concordou que poderíamos estar providenciando a retirada de todas as coisas que não tinham mais utilidade e que se acumularam nos últimos anos. Eu estaria encaminhando-a para um posto do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social) para que ela verificasse a possibilidade de sua inclusão no benefício de Prestação Continuada. O Amigo estaria providenciando com sua congregação religiosa, Testemunhas de Jeová, pessoas e material necessários para reformar a casa, inclusive pintura, troca do telhado, reinstalação de energia elétrica e água. Dona Zenaide era freqüentadora da Congregação dos Testemunhas de Jeová e mostrava ser praticante desta seita. Falou por diversas vezes sobre a ressurreição e o dia em que poderia encontrar o seu pai, sua mãe, irmão e marido na ressurreição dos mortos.

Depois disso, fiz contato com a Administração Regional da Prefeitura responsável pelo seu bairro e pedi o empréstimo de um caminhão e garis para

providenciar a retirada do material inservível da casa. Agendei a data da retirada para o dia 8 de julho.

Nesse ínterim o Amigo já havia levado os cães, mediante a autorização dela, para um órgão protetor de animais. Restaram dois cães apenas, que serviriam de companhia e de proteção a casa. Ficar dois animais era parte do acordo estabelecido naquela reunião e ela concordou com a proposta, pois não teria mais condições de cuidar de nove animais.

No dia combinado, 8 de julho, eu e a Psicóloga, colega de trabalho, fomos até a casa da dona Zenaide para acompanhar a remoção do lixo. Quando lá chegamos, aproximadamente às 8h30, os dois caminhões solicitados a Regional nos aguardavam. Estavam presentes o Cunhado, o Vizinho, um grupo de 16 homens Voluntários da congregação religiosa Testemunhas de Jeová e ainda um grupo de seis Garis. Todos os voluntários tinham faltado ao trabalho naquele dia para ajudar a realizar a limpeza.

Aquelas pessoas, um verdadeiro batalhão, e ainda toda a situação decorrente daquela ação desorganizaram emocionalmente dona Zenaide. Ela disse que não estava se sentindo muito bem, sua pressão subiu. Achamos por bem levá-la para um Pronto-socorro. Tal providência evitaria que ela presenciasse a retirada de tantas coisas que tinham valor afetivo e emocional e que certamente lhe provocariam um mal-estar ainda maior. Ela concordou e foi acompanhada pela Psicóloga e por um Voluntário ao Pronto Socorro mais próximo. Eu fiquei com o grupo de voluntários para procedermos a retirada do material.

O trabalho teve início por volta das 9 horas. Começamos pela varanda, passamos para a sala, cozinha, banheiro, quarto dos fundos e, por fim, o seu quarto. Havia muito lixo naquela casa. O chão da sala, de tacos, era coberto por uma camada de jornal que, após várias chuvas (as telhas estavam quase todas quebradas), formavam uma massa dura e compacta. Foi preciso uma enxada para retirar aquela massa. Não havia móveis em condições de uso, tudo estava quebrado, caído e entulhado sobre a casa desorganizada. À medida que penetrávamos mais nos surpreendíamos com tanta

coisa que dona Zenaide acumulava nas dependências daquela que um dia foi sua casa e que se transformou num depósito de lixo. No banheiro, um calendário promocional da Casas Bahia chamou-me a atenção. Ele marcava o ano de 1996. Tive a impressão de que sua vida parou naquela data, o ano em que seu marido faleceu. Havia muito material para ser removido daquela casa. Dois caminhões não seriam suficientes. O grupo dos voluntários e os garis ficaram chocados com o que presenciaram ali. Eles não compreendiam como um ser humano conseguia "morar" naquelas condições. A cada cômodo que entrávamos o espanto e a perplexidade se estampavam nos seus rostos e um sentimento de desolação os invadia. A pergunta era sempre a mesma: *"Como uma pessoa pode viver numa casa como esta?"* Num determinado momento daquela manhã, quando a sala já estava desobstruída, fizemos uma reunião com este grupo de homens. Formamos um círculo e conversamos sobre a situação da dona Zenaide, sua vida e sobre a velhice e o que a teria levado a viver daquela forma. Lembrei que qualquer um de nós ali poderia um dia chegar a uma situação como aquela que estávamos vivenciando. Eles estavam precisando ouvir palavras alentadoras naquele momento. Trabalhamos a manhã toda na casa e eu verificava a possibilidade de arrumar mais um caminhão na Administração Regional.

Enquanto estava no hospital, dona Zenaide contou um pouco de sua vida para minha colega Psicóloga e se referia aos seus animais com muito carinho. Sua situação clínica no hospital se agravou uma vez que a pressão arterial não estabilizava. Enquanto fazíamos a remoção do lixo o Voluntário que a levou para o atendimento no hospital voltou e disse ao cunhado para ele ir vê-la pois o estado dela era preocupante. Fui com o Cunhado para o Pronto-socorro. Quando lá chegamos, dona Zenaide havia recebido alta médica. Sua pressão arterial já estava regulada e ela podia voltar para casa. Nos despedimos dela ali em frente ao Pronto-socorro. Lembro-me da alegria que ela manifestou ao me ver. Ela agradeceu por tudo e disse-me algumas palavras que não esqueço: *"Sabe porque eu não morri? Porque vocês prometeram me visitar em Tatuí."* Este trato nosso foi firmado quando a visitamos anteriormente. Havia a possibilidade de ela ir morar com sua irmã no interior enquanto os voluntários reformavam sua casa. Ela nos disse que onde a irmã morava era muito bonito. Lá, havia muitas flores, plantas e árvores, com certeza eu iria gostar de conhecer aquele lugar. Respondi que sim e que

poderíamos combinar uma visita a Tatuí. Quando ouvi dela aquelas palavras confesso que levei um susto. Ouvir daquela senhora que não havia morrido porque eu iria visitá-la me fez pensar quão frágil era ela, como eram frágeis suas relações pessoais e quanto nossa atuação profissional interferiu em sua vida. Quanto em tão pouco tempo já significávamos para ela.

Dona Zenaide retornou para casa acompanhada dos Voluntários que lhe dispensariam os recursos necessários para ela passar a noite e os demais dias que se sucederiam. No sábado seguinte eles retornaram para remover o restante do lixo. O caminhão foi cedido pela Regional e o trabalho só terminou na semana seguinte. Dona Zenaide acompanhou todo o trabalho. Ela não quis ir para a casa da irmã. Preferiu acompanhar todo o processo.

Os Voluntários, liderados pelo Amigo, fizeram um bom trabalho na casa dela. Os móveis velhos foram substituídos por novos. Ela ganhou uma cama nova, cadeiras, fogão, roupas, alimentos e aos poucos a casa foi recebendo os cuidados necessários. A luz elétrica e a água foram religadas. O telhado foi substituído por um novo e a casa, pintada novamente. Até o benefício de Prestação Continuada Dona Zenaide passou a receber. Seus dois cachorros ficaram com ela para dar segurança, carinho e companhia. Tudo estava com aspecto novo naquela casa.

Voltei àquela casa no dia 28 de outubro de 1999. Fazia tempo que eu havia planejado visitá-la para ver como ela estava, mas sempre aparecia um compromisso inadiável. Ao chegar em sua casa bati palmas e logo em seguida ela me atendeu. Perguntei se ainda se lembrava de mim, ao que ela respondeu: "*claro que me lembro!*" Em seguida ela perguntou se eu fui lá por causa do aniversário dela. Eu não sabia que o dia 28 de outubro era o dia em que ela completaria 69 anos de vida. Expliquei que não me lembrava, mas estava feliz por ela estar completando mais um aniversário. Conversamos um pouco e ela mostrou sua casa. Ela mostrava-se feliz com as mudanças. Perguntei se ela não iria para o interior morar com a irmã. Ela disse que não queria. Preferiu ficar em São Paulo, na sua casa. Sua saúde se mantinha regular. Ela estava tomando os remédios que o médico passou. Tivemos ali um momento de encontro.

Não tive mais notícias da dona Zenaide até o dia 6 de dezembro de 1999, quando o Amigo telefonou-me no serviço. Ele disse que havia dias que estava tentando falar comigo. Perguntei da dona Zenaide e ele falou ser esta a razão do telefonema. Contou-me o Amigo que ela havia falecido há cerca de 15 dias. Levei um susto ao receber a notícia. O amigo estava chocado com o fato. As condições da morte dela foram muito tristes. A Vizinha notou sua falta, pois havia uns cinco dias que ela não aparecia. Resolveu então telefonar para o Amigo para saber o que estava acontecendo. O amigo procurou as pessoas que a conheciam e ninguém tinha notícias dela. Foi então que ele resolveu ir a casa dela. Bateu palmas, mas ninguém atendeu. Viu do portão uma luz acesa no banheiro e resolveu pular o portão para averiguar se ela havia retornado e se encontrava em outro cômodo da casa. A casa não tinha trancas e nem chave na porta da cozinha. Quando entrou foi surpreendido pelos dois cães, que avançaram sobre ele. Desesperado, pegou um pedaço de madeira para afastar os animais e evitar que eles lhe mordessem. Quando conseguiu chegar ao banheiro, encontrou dona Zenaide caída e morta no chão. Seu corpo se achava em adiantado estado de decomposição. Ele me disse que não consegue esquecer aquela cena. Não imaginava que ficamos daquele jeito quando morremos. As providências foram tomadas e dona Zenaide foi sepultada no mesmo cemitério onde ela recolhia as flores para ornamentar a sua varanda. A causa de sua morte, segundo a declaração de óbito, foi "causa ignorada."

Depois de ser "cuidada", dona Zenaide teve pouco tempo para usufruir as mudanças que ela permitiu que ocorressem em sua vida. Mas ela teve seu mérito: se permitiu ao novo, a uma nova vida. Isso é o que conta. Ela aceitou e passou a ter uma outra forma de convívio social, vivendo e trocando com outros seres humanos a sua existência. Ela ligou-se a outras pessoas em substituição aos vínculos quase que exclusivos que possuía com seus cachorros. O grupo comunitário religioso foi co-determinante nessa nova postura.

Não é para o fato da morte da dona Zenaide que eu quis chamar a atenção ao contar esta experiência. A finitude faz parte da nossa existência. O que quero chamar a atenção é para a experiência solidária que se desenvolveu nos últimos meses de sua

vida. O que nos importa nessa experiência é dar a visibilidade do quanto ela se permitiu ser cuidada e ajudada por um grupo de pessoas que desejava apoiá-la e abraçá-la. É o cuidado. Essa é a riqueza dessa experiência. Tanto ela quanto a comunidade religiosa observaram o que Morin recomenda no seu livro Terra-Pátria:

"Sejamos irmãos, para viver autenticamente nossa comunidade de destino de vida e morte terrestres. Sejamos irmãos, porque somos solidários uns dos outros na aventura desconhecida." (Morin, 1995, p. 175).

É por isso que conto esta história mesmo sendo ela triste ou com um final que não desejávamos.

O grupo religioso não mediu esforços para ajudá-la. O Amigo mobilizou a todos os outros Voluntários para estarem ali naquele dia e também nos seguintes. Todos eles deixaram suas atividades profissionais e colaboraram com o sabiam fazer para ajudá-la.

Esta experiência de encontro com a dona Zenaide leva-nos também a refletir sobre as implicações do trabalho com as pessoas idosas. O quanto nós Gerontólogos devemos ser sensíveis para poder intervir. Não devemos ir ao encontro delas somente com a técnica. Há de se ter uma postura de cuidado, de sensibilidade e termos a consciência do que poderemos representar em suas vidas.

Na minha experiência profissional enquanto Assistente Social e Gerontóloga tenho aprendido que isso se dá na sua grande maioria no primeiro contato. É nele que se estabelece o acesso a essas pessoas. É a oportunidade de entrar ou não entrar nas vidas solitárias. Romper ou não o isolamento social e afetivo nos quais as pessoas se encontram e resgatar os valores humanos que muitas vezes estão esquecidos. O tato, um leve toque, é um dos elementos responsáveis que vai nos permitir o acesso a elas, por meio de um ato simples como por exemplo o aperto de mãos. Às vezes torna-se tão difícil praticarmos esse ato pelo fato de as encontrarmos em condições desagradáveis e que no nosso código social são fatores de distanciamento e não de aproximação. É preciso resgatá-lo pela inclusão .

"Precisamos superar a repulsa diante do que não se conforma às nossas normas e

aos nossos tabus, e superar a inimizade contra o estrangeiro (idoso), sobre o qual projetamos nossos temores do desconhecido e do estranho; isso requer um esforço recíproco que venha desse estrangeiro, mas é necessário por começar..." (Morin, 1995, p. 176).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou apontar uma forma distinta de envelhecimento onde foi apresentado um grupo com características peculiares. Este grupo na medida em que se manifestou, representou e evidenciou a sua respectiva velhice e o quanto os animais são importantes em suas vidas. A velhice e os animais estão diretamente relacionados neste grupo de pessoas. A opção teórico-metodológica possibilitou que os sujeitos entrevistados tivessem voz ao relatar suas experiências, suas concepções e o conhecimento acumulados em suas vidas. Esse conjunto retórico me permitiu decodificar os significados simbólicos que os idosos dão aos seus animais, realizando o que Geertz chama de reinterpretação.

Nas considerações sobre a relação homem-animal ficou evidente o quanto ela é importante para o ser humano. Portanto não a considero como sendo prejudicial. Chamo a atenção para a intensidade da relação e quando ela passa a ser única, excluindo o contato com outros seres humanos. Isso que a torna prejudicial. Nas trajetórias de vida dos nossos depoentes percebemos que a substituição do ser humano pelo animal foi se dando em momentos diferentes de suas vidas, principalmente naqueles em que as perdas foram maiores ou quando eles não receberam ou deram o afeto que esperavam dos parentes e amigos. Desejo ainda chamar a atenção que o respeito, afeto e o cuidado com os animais não pode eliminar a necessidade de atenção para com um outro ser humano, pelo contrário, aprimoram e complementam a capacidade de nos relacionarmos com nossos semelhantes. Quando se inverte este conceito há um prejuízo grande para os lados envolvidos, inclusive para os próprios animais quando não são atendidas as suas necessidades básicas.

Na simbologia das vidas dos depoentes a preservação da saúde através da higiene, limpeza e outros cuidados não está mais presente. O Centro de Controle de Zoonoses é uma instituição de saúde pública que se ocupa prioritariamente no controle das doenças transmitidas pelos animais. Os idosos depoentes desta pesquisa estão inseridos numa comunidade populacional. Quando um ou mais vizinhos reclama do incômodo que eles proporcionam cabe ao C.C.Z. como instituição pública intermediar

essas relações na medida que tem a responsabilidade de preservar a saúde da comunidade evitando o aparecimento de doenças, principalmente a raiva. Nos casos dos depoentes várias providências já foram tomadas para minorar os incômodos proporcionados. Muitas dessas providências requerem longo tempo para serem consideradas pelos depoentes. Em algumas situações não há mudanças de comportamentos.

Chamo a atenção mais uma vez para o fato de como estes velhos são vistos pela comunidade. O velho é sempre o outro em que nós não nos reconhecemos. Eles são sempre classificados nas denúncias como sendo os “velhos” e “velhos com bichos.” Essa é a forma como os outros os vêem. Este velho está sempre associado ao velho com cachorro, o velho dos gatos e também a velha bruxa ou a velha louca. É como se estivesse sendo avaliado e analisado a denúncia sobre a perspectiva daquele que é velho pelo denunciante como se o fato de ser velho já lhes desse esta condição de ser cachorreiro ou gateiro. É preciso que os idosos sejam vistos com outras possibilidades de ser e não com a visão estereotipada da velhice.

Os sujeitos constantes nesta pesquisa não se reconhecem como sendo velhos. Não o fazem porque não se reconhecem como indivíduos improdutivos e com declínio físico acentuado. Também não se percebem como estando no final da vida. Estes elementos, improdutividade, declínio físico e morte iminente, constituem o modelo de velhice sugerido socialmente. Os depoentes se percebem como sujeitos singulares que nada têm a ver com o modelo geral, portanto não são velhos. Eles ainda se consideram como muito ativos e produtivos ao cuidarem de vários animais. O fato de se sentirem como cumpridores da missão protetora que abraçaram os torna ainda mais distante da velhice. Há portanto um sentimento de utilidade e dedicação a uma causa preservadora e protecionista dos animais. Essas considerações fazem-nos concluir que eles reconhecem a velhice para os outros mas ao mesmo tempo recusam a inclusão deles neste conceito de velhice.

A velhice não se processa de forma generalizada. Os sujeitos envelhecem de formas incontáveis. Ao reconhecer este fenômeno estou chamando a atenção para a

importância de ver a velhice numa ótica transdisciplinar. É estabelecer conhecimentos sobre a velhice numa visão que vai além, que ultrapassa as diferentes disciplinas. É transcender e unir estas sabedorias nas suas diversas conexões. Como pesquisadora procurei ir ao encontro desse princípio de transdisciplinidade para entender os sujeitos pesquisados. Não partir do princípio que eles são loucos, desviantes, esquisitos ou excêntricos continua sendo um desafio pelo qual deva se investir. São velhos diferentes que procurei compreendê-los nos significados que dão aos seus vários animais. Ao mesmo tempo que sou pesquisadora, também sou uma profissional que tem a responsabilidade de intervir na situação apresentada. Portanto, eles me percebem também como sujeito. Há uma troca. Eu reconheço os significados dados aos animais, mas também interfiro quando possível na mudança desses significados. Isso facilita a intervenção pois o conhecimento advindo desta pesquisa contribuirá para esse fim.

As interpretações dadas aos significados dos animais para o grupo de idosos pesquisado é uma reinterpretação da minha parte enquanto pesquisadora. Ela não é única e nem absoluta. Elas são abertas e incompletas conforme Geertz nos lembra. Os significados também passam por mudanças e fica registrado aqui o desafio para que outros pesquisadores se debruçam sobre o tema e dêem continuidade ao estudo do simbolismo dos animais para a velhice nas suas mais diversas manifestações.

Incluo nesta dissertação uma citação da professora Délia Goldfarb sobre a velhice e que tem me servido de desafio para o desenvolvimento do meu trabalho no Centro de Controle de Zoonoses e também nas reflexões desta dissertação:

“Falamos de todos eles, já são personagens conhecidos na nossa cultura; falamos de um velho em particular e da velhice como categoria. Mas fundamentalmente, através de todos eles falamos do velho que temos dentro de cada um de nós, do velho de nossa família, daquele que entrou muito cedo na nossa história e direciona nosso olhar para todos os outros. Falando de todas as velhices (dos outros com animais) sempre falamos de uma velhice (a nossa) e dos muitos velhos que poderemos chegar a ser. Da velhice que desejamos e da que tememos. Mas se cada sujeito tem sua velhice singular, as velhices são incontáveis.” (Goldfarb, 1998 – p.13)

Concluo por fim, citando Doris Lessing no livro “O Diário de uma Boa Vizinha”

referido na Introdução desta dissertação e faço delas as minhas palavras também:

“No passado eu tinha tanto medo da idade, da morte, que me recusava ver os velhos na rua – para mim eles não existiam. Agora fico horas naquela enfermaria, e observo e me espanto, fico maravilhada e admiro.” (Lessing, 1984, p.208).

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ACHA, Pedro N; SZYFRES, Boris - OPS - *Zoonosis Y Enfermedades transmisibles comunes al hombre y a los animales*. 2ª Edição. Washington: Organizacion Panamericana de la Salud.1986.
- ADES, Cesar. O morcego, outros bichos e a questão da consciência animal. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 8, n. 2, 1997.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. São Paulo: Editora Vozes. 1999.
- BONILLA, Luis. *Historia y psicologia del pero*. Madrid Espanha: Editorial Tecnos. 1967.
- CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus: mitologia primitiva*. São Paulo: Editora Palas Athenas , 1992.
- COELHO NETTO, J. Teixeira. *A construção do sentido na arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.
- COSTA, Wagner Augusto da. *Profílixia da raiva humana*. São Paulo: Instituto Pasteur, 1999. (Manuais, 4) 33 p. il.
- CZERESNIA, Dina. *Do contágio à transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1997.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. São Paulo: Graal Editora, 1996.
- DENZIN, Norman K. *Interpretando as vidas de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner*. *Revista de Ciências Sociais*, v. 27, n .1, pp. 29 a 43,1984.
- DOLTO, Francoise. *Solidão*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DOUGLAS, Mary - *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1966.
- DURAND, G. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1986.
- FUCHS, Hannellore . *O Animal em casa: um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico do animal de estimação*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987. Tese de Doutorado (Psicologia experimental) - Faculdade de Psicologia - Universidade de São Paulo.

- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.
- GOFFMANN, Erving. *Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores - 1975.
- GOLDFARB, Délia Catullo de. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.
- KEALING, Kathleen. *A terapia do amor*. São Paulo: Ed. Pensamento, 1992.
- LESSING, Doris. *O diário de uma boa vizinha*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.
- LÉVÊQUE, Pierre. *Animais, deuses e homens*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- LOIBL, Elizabeth - *Deuses animais*. São Paulo: Edicon- Editora e Consultoria, 1984.
- LUNA, Sérgio Vasconcelos de. *Planejamento de pesquisa*. São Paulo: EDUC, 1996.
- MESSY, Jack - *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: Editora Aleph, 1992.
- MORAIS, Vinícius. *A arca de Noé*. São Paulo: Circulo do Livro, 1970.
- MORIN, Edgar. *Terra pátria*. Porto Alegre : Editora Sulina, 1995.
- _____ *Idéias contemporâneas: entrevistas ao Le Monde*. São Paulo: Ática, 1989.
- MORRIS, Desmond - *O Contrato Animal*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990.
- NERUDA, Pablo. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1978.
- PATRONEK, Gary J. *Hoarding of Animals: Na Under-Recognized Public Health Problem in a Difficult-to-Study Populacion*. Public Health Reports., USA, v. 114, p. 81-7, Jan/Feb. 1999.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". *Ciência e Cultura*. São Paulo: CERU/Departamento de Ciências Sociais , n. 39 , p. 272-286, 1987.
- _____ Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A . Queiroz, Editor, Ltda, 1991.

- REICHMANN, Maria de Lourdes Aguiar Bonadia . *Histórico da raiva*. Trabalho publicado pelo Centro de Controle de Zoonoses. São Paulo: CCZ, s.d.p.
- _____ *Vacinação contra a raiva de cães e gatos*. São Paulo: Instituto Pasteur, 1999. (Manuais, 3) 32 p.il.
- RAMOS, Denise Gimenez, et. al. *Os animais e o psique do simbolismo à consciência*. São Paulo: Editora Palas Athenas, 1999.
- RONECKER, Jean-Paul. *O simbolismo animal: mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário...* . São Paulo: Paulus, 1997.
- SCHINYASHIKI, Roberto. *A carícia essencial: uma psicologia do afeto*. São Paulo: Editora Gente, 1985.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Editora Cortez, 2000
- SILVEIRA, Nise da. *Gatos, a emoção de lidar*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.
- _____ *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Empresa Editorial Alhambra, 1982.
- SPERBER, Dan . *O simbolismo em geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.
- THOMAS, Elizabeth Marshall. *A vida oculta dos cães*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MANUAIS

Manual de Integração – CCZ – s.d.p.

Como Prevenir - pg. 1 - CCZ - maio/99

A Universidade e as Profissões: Vestibular 2000 – USP-FUVEST – 1999

Guia de Profissões – UNESP- Agosto/97

JORNAIS e REVISTAS

DIMENSTEIN , Gilberto. *Máquinas que produzem cretinos*. Folha de São Paulo. São Paulo, 27 jul. 1997. Caderno Mundo, p. 24 .

PRIORE, Mary del. *Os bichos que amamos tanto*. O Estado de São Paulo. São Paulo, 23 ago. 1998. Suplemento Feminino, p.2.

REVISTA CAPRICHOS. *Minha vida de cachorro*. Editora Abril. São Paulo, 06 de abr. de 1998. Pp.40-43.

REVISTA CARAS. *O Refúgio de Brigitte Bardot*. Editora Caras. São Paulo, 29 de out. de 1999. Ano 6, n.44. s.pg.

REVISTA DA FOLHA. *É difícil dizer adeus*. Folha de São Paulo. São Paulo, 27 de jul. de 1999. Pp. 18-20.

REVISTA ISTO É. *Benefício Animal*. Editora Três. São Paulo, n. 1582, 26 de jan. de 2000.

REVISTA NOSSO CÃO. *Na lápide, a saudade*. Editora Trofeu. São Paulo. Ano I, n. 2, Maio/96

REVISTA VEJA. *Parabéns au você*. Editora Abril. São Paulo, 27 de out. de 1999. P.122-123.

SITES DA INTERNET

PETSITE. Mundo Pet (03/03/2000). <http://petsite.zaz.com.br/pmundo1.asp?id=14>

_____ I Pesquisa Petsite Ibope (03/03/2000). <http://petsite.zaz.com.br/Pesquisa.asp>

_____ Pets Famosos (03/03/2000). <http://petsite.zaz.com.br/famosos.asp>

HOSPITAL VIRTUAL. <http://hospvirt.org.br/eriatria/educação>

FILMES E VÍDEO

A Escolha de Sofia (Sophie's Choice). Dir. Alan J. Pahula. Drama, USA: 1982. 153 minutos

Nise da Silveira. Dir. Edson Passetti. Documentário, São Paulo: 1992. 46 minutos.

LEI Nº 10.309, de 22 de Abril de 1.987

Dispõe sobre controle de população e controle de zoonoses no Município de São Paulo, e dá outras providências.

JÂNIO DA SILVA QUADROS, Prefeito do Município de São Paulo, nos termos do disposto no artigo 26 do Decreto-Lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1.969, sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art.1º O desenvolvimento de ações objetivando o controle das populações animais, bem como a prevenção e o controle das zoonoses no Município de São Paulo, passam a ser regulados pela presente Lei.

Art.2º Fica o Centro de Controle de Zoonoses, da Secretaria de Higiene e saúde, responsável, em âmbito municipal, pela execução das ações mencionadas no artigo anterior.

Art.3º Para efeito desta Lei, entende-se por:

I- ZOOSE: Infecção ou doença infecciosa transmissível naturalmente entre animais vertebrados e o homem, e vice-versa,

II.- AGENTE SANITÁRIO: Médico Veterinário do Centro de Controle de Zoonoses, da Secretaria de Higiene e Saúde;

III- ÓRGÃO SANITÁRIO RESPONSÁVEL: O Centro de Controle de Zoonoses, da Secretaria de Higiene e Saúde, da Prefeitura do Município de São Paulo;

IV- ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO: Os de valor afetivo, passíveis de coabitar com o homem;

V- ANIMAIS DE USO ECONÔMICO: As espécies domésticas, criadas, utilizadas ou destinadas à produção econômica;

VI- ANIMAIS SINANTRÓPICOS: As espécies que, indesejavelmente, coabitam com o homem, tais como os roedores, as baratas, as moscas, os pernilongos, as pulgas e outros,

VII- ANIMAIS SOLTOS: Todo e qualquer animal errante encontrado sem qualquer processo de contenção;

VIII- ANIMAIS APREENDIDOS: Todo e qualquer animal capturado por servidores do Centro de Controle de Zoonoses, da Secretaria de Higiene e Saúde, compreendendo desde o instante da captura, seu transporte, alojamento nas dependências dos depósitos municipais de animais e destinação final;

IX- DEPÓSITOS MUNICIPAIS DE ANIMAIS: As dependências apropriadas do Centro de Controle de Zoonoses, da Secretaria de Higiene e Saúde, para alojamento e manutenção dos animais apreendidos;

X- CÃES MORDEDORES VICIOSOS: Os causadores de mordeduras a pessoas ou outros animais, em logradouros públicos, de forma repetida;

XI- MAUS TRATOS: Toda e qualquer ação voltada contra os animais que implique em crueldade, especialmente em ausência de alimentação mínima necessária, excesso de peso de carga, tortura, uso de animais feridos, submissão a experiências pseudocientíficas e o que mais dispõe o Decreto Federal nº 24.645, de 10 de Julho de 1934 (Lei de proteção aos Animais).

XII- CONDIÇÕES INADEQUADAS: a manutenção de animais em contato direto ou indireto com outros animais portadores de doenças infecciosas ou zoonoses, ou, ainda, em alojamentos de dimensões inapropriadas á sua espécie e porte;

XIII- ANIMAIS SELVAGENS: Os pertencentes às espécies não domésticas;

XIV- FAUNA EXÓTICA: Animais de espécies estrangeiras;

XV- ANIMAIS UNGULADOS: Os mamíferos com os dedos revestidos de casco;

XVI- COLEÇÕES LÍQUIDAS: Qualquer quantidade de água parada.

Art.4º Constituem objetivos básicos das ações de prevenção e controle de zoonoses:

I- Prevenir, reduzir e eliminar a morbidade e a mortalidade, bem como os sofrimentos humanos causados pelas zoonoses urbanas prevalentes;

II- Preservar a saúde da população ,mediante o emprego dos conhecimentos especializados e experiências da Saúde Pública Veterinária.

Art.5º Constituem objetivos básicos das ações de controle de zoonoses das populações animais:

I- Prevenir, reduzir e eliminar as causas de sofrimento aos animais,

II- Preservar a saúde e o bem estar da população humana, evitando-lhe danos ou incômodos causados por animais.

DA APREENSÃO DE ANIMAIS

Art. 6º É proibida a permanência de animais soltos nas vias e logradouros públicos ou locais de livre acesso ao público.

Art.7º É proibido o passeio de cães nas vias e logradouros públicos, exceto com o uso adequado da coleira e guia e conduzidos por pessoas com idade e força suficientes para controlar os movimentos do animal.

Parágrafo único: Os cães mordedores e bravios somente poderão sair às ruas devidamente amordaçados.

Art.8º Serão apreendidos os cães mordedores viciosos, condição essa constatada por Agente Sanitário ou comprovada mediante dois ou mais boletins de ocorrência policial.

Art.9º Será apreendido todo e qualquer animal:

- I- Encontrado solto nas vias e logradouros públicos ou locais de livre acesso ao público;
- II- Suspeito de raiva ou outra zoonose;
- III- Submetido a maus tratos por seu proprietário ou preposto deste;
- IV- Mantido em condições inadequadas de vida ou alojamento;
- V- Cujas criação ou uso sejam vedados pela presente lei.

Parágrafo único: Os animais apreendidos por força do disposto neste artigo somente poderão ser resgatados se constatado, por Agente Sanitário, não mais subsistirem as causas ensejadoras da apreensão.

Art. 10º O animal cuja apreensão for impraticável poderá, a juízo do Agente Sanitário, ser sacrificado “ in loco “.

Art. 11º A Prefeitura do Município de São Paulo não responde por indenização nos casos de:

- I- Dano ou óbito do animal apreendido,
- II- Eventuais danos materiais ou pessoais causados pelo animal durante o ato da apreensão.

DA DESTINAÇÃO DOS ANIMAIS APREENDIDOS

Art. 12º Os animais apreendidos poderão sofrer as seguintes destinações, a critério do Órgão Sanitário responsável:

- I - Resgate,
- II - Leilão em hasta pública,
- III- Adoção,
- IV- Doação,
- V - Sacrificio.

DA RESPONSABILIDADE DO PROPRIETÁRIO DE ANIMAIS

Art. 13º Os atos danosos cometidos pelos animais são de inteira responsabilidade de seus proprietários.

Parágrafo único - Quando o ato danoso for cometido sob a guarda de propositos, estender-se-á este a responsabilidade a que alude o presente artigo.

Art. 14º É de responsabilidade dos proprietários a manutenção dos animais em perfeitas condições de alojamento, alimentação, saúde e bem estar, bem como as providências pertinentes à remoção dos dejetos por eles deixados em via pública.

Art. 15º É proibido abandonar animais em qualquer área pública ou privada.

Parágrafo único - Os animais não mais desejados por seus proprietários serão encaminhados ao Órgão Sanitário responsável.

Art. 16º O proprietário fica obrigado a permitir o acesso do Agente Sanitário, quando no exercício de suas funções, às dependências de alojamento do animal, sempre que necessário, bem como a acatar as determinações dele emanadas.

Art. 17º A manutenção de animais em edifícios condominiais será regulamentada pelas respectivas convenções.

Art. 18º Os animais da espécie canina deverão ser anualmente registrados, conforme o disposto no Decreto nº 19.483, de 17 de Fevereiro de 1984, ou em disposições posteriores.

Parágrafo único - O disposto neste artigo aplica-se também aos equídeos.

Art.19º Todo proprietário de animal é obrigado a manter seu cão ou gato permanentemente imunizado contra a raiva.

Art.20º Em caso de falecimento do animal, cabe ao proprietário a disposição adequada do cadáver , ou seu encaminhamento ao serviço municipal competente.

DOS ANIMAIS SINANTRÓPICOS

Art.21º Ao munícipe compete a adoção de medidas necessárias para a manutenção de suas propriedades limpas e isentas de animais da fauna sinantrópica.

Art.22º É proibido o acúmulo de lixo, materiais inservíveis ou outros materiais que propiciem a instalação e proliferação de roedores ou outros animais sinantrópicos.

Art.23º Os estabelecimentos que estoquem ou comercializem pneumáticos são obrigados a mantê-los permanentemente isentos de coleções líquidas, de forma a evitar a proliferação de mosquitos.

Art.24º Nas obras de construção civil é obrigatória a drenagem permanente de coleções líquidas, originadas ou não pelas chuvas, de forma a impedir a proliferação de mosquitos.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art.25º É proibida a criação e a manutenção de animais de espécie suína, em zona urbana.
Parágrafo único: A criação e a manutenção dos animais ungulados, em zona urbana, com exceção dos suínos, será regulamentado por decreto do Executivo.

Art.26º São proibidas no Município de São Paulo, salvo as exceções estabelecidas nesta lei e situações excepcionais, a juízo do Órgão Sanitário responsável, a criação, a manutenção e o alojamento de animais selvagens da fauna exótica.

Parágrafo único: Ficam adotadas as disposições pertinentes contidas na Lei Federal nº 5.197, de 3 de janeiro de 0967, no que tange à fauna brasileira.

Art.27º Somente será permitida a exibição artística ou circense de animais após a concessão do laudo específico, emitido pelo Órgão Sanitário Responsável.

Parágrafo único: O laudo mencionado neste artigo apenas será concedido após vistoria técnica efetuada pelo Agente Sanitário, em que serão examinadas as condições de alojamento e manutenção dos animais.

Art.28º Qualquer animal que esteja evidenciando sintomatologia clínica de raiva, constatada por Médico Veterinário, deverá ser prontamente isolado e/ou sacrificado e seu cérebro encaminhado a um laboratório oficial.

Art.29º Não são permitidos, em residência particular, a criação, o alojamento e a manutenção de mais de 10 (dez) animais, no total, das espécies caninas ou felina, com idade superior a 90 dias.

Parágrafo 1º : A criação, o alojamento e a manutenção de animais, em quantidade superior ao estabelecido neste artigo, caracterizará o canil de propriedade privada , sujeito ao disposto nos artigos 460, 461, 462, e 466 da Lei nº 8.266, de 20 de Junho de 1975 (Código de Edificações) e demais dispositivos pertinentes.

Parágrafo 2º : Os canis de propriedade privada somente poderão funcionar após vistoria técnica efetuada pelo Agente Sanitário, em que serão examinadas as condições de alojamento e

manutenção dos animais, e expedição de laudo pelo Órgão Sanitário Responsável, renovado anualmente.

Art.30º...É proibida a permanência de animais nos recintos e locais públicos ou privados, de uso coletivo, tais como: cinemas, teatros, clubes esportivos e recreativos, estabelecimentos comerciais, industriais e de saúde, escolas piscinas, feiras.

Parágrafo único : Excetuam-se da proibição deste artigo, os locais, recintos e estabelecimentos legal e adequadamente instalados, destinados a criação, venda, treinamento, competição, alojamento, tratamento e abate de animais.

Art.31º...É proibida a exibição de toda e qualquer espécie de animal bravo ou selvagem, ainda que domesticado, em vias e logradouros públicos ou locais de livre acesso ao público

Art. 32º ... É proibida a utilização ou exposição de animais vivos em vitrinas, a qualquer título.

Art.33º...Os estabelecimentos de comercialização de animais vivos, com fins não alimentícios, ficam sujeitos, além do disposto na Lei nº 8.266, de 20 de Junho de 1975, à obtenção de laudo emitido pelo Órgão Sanitário Responsável, renovado anualmente.

Parágrafo único : o laudo mencionado nesse artigo apenas será concedido após vistoria técnica efetuada pelo Agente Sanitário, em que serão examinadas as condições sanitárias de alojamento e manutenção dos animais.

Art. 34º É proibido o uso de animais feridos, enfraquecidos ou doentes, em veículos de tração animal.

Parágrafo único : É obrigatório o uso de sistema de frenagem, acionado especialmente quando de descida de ladeira, nos veículos de que trata este artigo.

DAS SANÇÕES

Art. 35º Verificada a infração a qualquer dispositivo desta lei, os Agentes Sanitários, independente de outras sanções cabíveis decorrentes da legislação federal e estadual, poderão aplicar as seguintes penalidades:

I - Multa,

II- Apreensão do animal,

III- Interdição total ou parcial, temporária ou permanente, de locais ou estabelecimentos,

IV- Cassação de Alvará.

Art.36º A pena de multa será variável de acordo com a gravidade da infração, como segue:

I-	Para infrações de natureza leve	0,10	UFM	1	UFM
II-	Para infrações de natureza grave acima	1	UFM	5	UFM
III	Para infrações de natureza gravíssima acima	5	UFM	10	UFM

Parágrafo 1º : Para efeito do disposto neste artigo, o Poder Executivo caracterizará as infrações, de acordo com sua gravidade.

Parágrafo 2º : Na reincidência, a multa será aplicada em dobro.

Parágrafo 3º : A pena de multa não excluirá, conforme a natureza e a gravidade da infração, a aplicação de qualquer outra das penalidades previstas no artigo 35º.

Parágrafo 4º : Independente do disposto no Parágrafo anterior, a reiteração de infrações de mesma natureza autorizará, conforme o caso, a definitiva apreensão de animais, a interdição de locais ou estabelecimentos ou cassação de alvará.

Art. 37º : Os Agentes Sanitários são competentes para aplicação das penalidades de que trata o artigo 35º.

Parágrafo único : O desrespeito ou desacato ao Agente Sanitário, ou ainda, a obstaculização ao exercício de suas funções, sujeitarão o infrator a penalidade de multa, sem prejuízo das demais sanções cabíveis.

Art. 38º : Sem prejuízo das penalidades previstas no artigo 35º, o proprietário do animal apreendido ficará sujeito ao pagamento de despesas de transportes, de alimentação, assistência veterinária e outras.

Art. 39º : A presente lei será regulamentada pelo Executivo.

Art. 40º : Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, especialmente o Ato nº 878, de 4 de julho de 1935.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 22 de Abril de 1987, 434º da fundação de São Paulo.

JÂNIO DA SILVA QUADROS, PREFEITO

